

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO  
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**LIDIANE PEREIRA AYANG**

**CINEMA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE DO FILME “A HORA  
MAIS ESCURA” COMO FERRAMENTA DE SOFT POWER  
ESTADUNIDENSE PARA A GUERRA AO TERROR (2001-2011)**

**Sant’Ana do Livramento  
2018**

**LIDIANE PEREIRA AYANG**

**CINEMA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE DO FILME “A HORA  
MAIS ESCURA” COMO FERRAMENTA DE SOFT POWER  
ESTADUNIDENSE PARA A GUERRA AO TERROR (2001-2011)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para obtenção do título de  
Bacharel em Relações Internacionais pela  
Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Augusto Lira  
Nascimento

SANT’ANA DO LIVRAMENTO

2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

A327c

Ayang, Lidiane Pereira

Cinema e relações internacionais: uma análise do filme 'a hora mais escura' como ferramenta de soft power estadunidense para a guerra ao terror (2001 - 2011) / Lidiane Pereira Ayang.

125 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade Federal do Pampa, RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2018.

"Orientação: Flávio Augusto Lira Nascimento".

1. Cinema. 2. Soft Power. 3. Estados Unidos. 4. Osama Bin Laden. 5. Oriente Médio . I. Título.

LIDIANE PEREIRA AYANG

**CINEMA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA ANÁLISE DO FILME “A HORA  
MAIS ESCURA” COMO FERRAMENTA DE SOFT POWER  
ESTADUNIDENSE PARA A GUERRA AO TERROR (2001-2011)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Relações  
Internacionais pela Universidade Federal do  
Pampa - UNIPAMPA.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

Banca examinadora

---

Prof. Dr. Flávio Augusto Lira do Nascimento  
(UNIPAMPA)

---

Prof. Dr. Fábio Régio Bento  
(UNIPAMPA)

---

Prof. Dr. Renatho José da Costa  
(UNIPAMPA)

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a minha mãe, que é a pessoa mais importante da minha vida e me apoia em todos os momentos, e nunca deixou de estar ao meu lado. Ao meu pai, que mesmo estando presente apenas em espírito, fez e ainda faz muita diferença na minha vida e no que sou hoje. As minhas irmãs e aos meus irmãos, assim como os meus sobrinhos e meus cunhados (as), por ter a plena certeza de que posso contar com vocês independente das adversidades e das opiniões contrárias.

Ao meu orientador, Flávio Lira, agradeço por toda a compreensão e paciência durante este longo período de TCC. Agradeço também a Universidade Federal do Pampa, não só pelo ensino de qualidade, mas também pelas experiências vividas e todos os aprendizados durante esses anos, que não se limitaram apenas a sala de aula.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos e amigas, que de inúmeras maneiras fazem a minha vida mais feliz e alegre, e principalmente pelos momentos de companheirismo e apoio que sinto todos os dias.

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar como o filme “A Hora Mais Escura”, lançado em 2012, constrói a imagem de Osama Bin Laden, como legitimador da Guerra ao Terror, entre o período de 2001 a 2011. Após os atentados terroristas de 11 de setembro, de autoria da Organização Terrorista Al-Qaeda, os Estados Unidos, iniciam uma Guerra Preventiva contra o Terrorismo Internacional. A ameaça terrorista, que até então parecia algo distante, torna-se a maior preocupação da população norte-americana, que inicialmente apoia a Doutrina Bush e a Guerra ao Terror, lançadas pelo governo de George W. Bush. Como símbolo do conflito, cria-se a imagem de Osama Bin Laden, como inimigo número um dos Estados Unidos e do mundo Ocidental, onde a sua captura se torna uma das principais bandeiras levantadas durante este período. Por consequência, o cinema hollywoodiano, que em inúmeras ocasiões fora utilizado como ferramenta política e ideológica pelos Estados Unidos, incorpora em suas produções a imagem do inimigo terrorista. Neste sentido, através dos estudos de *soft power*, esta pesquisa analisa como o cinema, cria a imagem do inimigo terrorista, tendo a construção da figura de Osama Bin Laden em filmes hollywoodianos como objeto de referência para esta análise.

**Palavras-chave:** Soft power; Cinema; Osama Bin Laden; Estados Unidos; Guerra ao Terror.

## **ABSTRACT**

The aim of this monography is to analyse the period between 2001 and 2011 and how the 2012 movie “Zero Dark Thirty” helps to create a negative image of Osama Bin Laden in order to legitimize the War on Terror. After the attacks of September 11th, singed by Al-Qaeda, the United States of America started a Preventive War against International Terrorism. The terrorist threat, so far distant, became a major concern to North American citizens, whom initially gave all support to the Bush Doctrine and its War on Terror, launched by George W. Bush’s administration. As a conflict symbol there is the creation of Osama Bin Laden as the number one enemy of the nation and the West World as well. In this scenario, Osama’s capture becomes a priority to the government during the period mentioned above. As a result, Hollywood’s productions, which have been used for several times as a political and ideological tool by the United States, incorporate this image of a terrorist enemy to be defeated. Therefore, through the concept of soft power, this research uses the creation of the terrorist enemy, especially over Osama Bin Laden, as its main purpose.

**Keywords:** Soft Power; Cinema; Osama Bin Laden; United States of America; War on Terror.

## SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	8
2 A ORIGEM DO ISLÃ (VI – VII) .....	11
<b>2.1 Período dos Califados ortodoxos (<i>rashidun</i>) (632 d.C. – 661 d.C.)</b> .....	16
<b>2.2. Fundamentalismo</b> .....	20
2.2.1 Fundamentalismo Cristão.....	22
2.2.2 Fundamentalismo islâmico ou islamismo .....	24
<b>2.3 Fundamentalismo islâmico Sunita</b> .....	26
2.3.1 Mawdudi.....	27
2.3.2 Sayyid Qutb.....	30
2.3.3 Al-Qaeda .....	36
<b>2.4 O 11 de setembro</b> .....	52
3. Governo de George W. Bush e o pensamento Neoconservador.....	55
<b>3.1 Doutrina Bush e a Guerra ao Terror</b> .....	62
<b>3.2 Guerra do Afeganistão (2001-2011)</b> .....	66
<b>3.3 Guerra do Iraque (2003-2001)</b> .....	70
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	75
<b>4.1 Conceito de <i>Soft power</i> (poder brando)</b> .....	75
4.1.1 Fontes de Soft Power .....	82
5 CINEMA HOLLYWOODIANO COMO FERRAMENTA DE SOFT POWER ESTADUNIDENSE .....	88
<b>5.1 Cinema Hollywoodiano após 11 de Setembro</b> .....	94
<b>5.2 Análise do Filme “A Hora Mais Escura”</b> .....	100
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	108
REFERÊNCIAS .....	112



## 1 – INTRODUÇÃO

A indústria cinematográfica hollywoodiana, principalmente a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), representa um importante instrumento político e ideológico do governo norte-americano. Destarte, é notável que, desde sua transformação em produto vital da indústria cultural estadunidense, em inúmeras ocasiões, o cinema hollywoodiano molda-se e alinha-se a partir da agenda política e serve como uma importante ferramenta de *soft power*, onde a cultura e os valores políticos, tanto internos quanto externos, são transmitidos nas produções norte-americanas através do *American Way of Life*. Além disso, nota-se como a política externa se beneficia da repercussão e influência positiva que inúmeras produções obtêm em outros países.

Principalmente, observa-se como essas produções, essencialmente os filmes com maior alcance de público, tanto doméstico quanto internacional, utilizam-se de uma fórmula onde há um confronto entre o bem e o mal, em que o herói é sempre representado pelo norte-americano e o “outro” adquire o papel de inimigo. Em consonância com Kellner (2001, p. 9), acredita-se que a indústria cultural, através dos meios de comunicação, em especial o cinema, tem o poder de influenciar na vida cotidiana dos indivíduos, onde ajudam “a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral”.

Neste sentido, devido à grande propagação e absorção da cultura norte-americana, através da sétima arte, acredita-se que os Estados Unidos, através do cinema hollywoodiano, têm o poder de moldar e influenciar comportamentos e opiniões, sendo o último utilizado muitas vezes como ferramenta política. Nos principais conflitos que marcam o século passado, os inimigos norte-americanos em Hollywood sempre estão bem definidos, e alinhados com a agenda política norte-americana, como o inimigo nazista na Segunda Guerra (1939-1945) e o inimigo Comunista durante a Guerra Fria (1947-1991), por exemplo. Do mesmo modo, atualmente, as produções estadunidenses encontram no Fundamentalismo Islâmico e no Terrorismo, um inimigo em comum para o mundo Ocidental.

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 são um marco na história dos Estados Unidos, e um dos principais acontecimentos do século XXI, alterando a ordem internacional contemporânea. Simultaneamente, o extremista muçulmano Osama Bin Laden, que considerado líder da Organização Terrorista Al-Qaeda à época, além de ser acusado de estar vinculado a uma série de atentados cometidos contra os Estados Unidos na década de

noventa, torna-se o inimigo número um dos Estados Unidos e do mundo Ocidental, entrando para a lista dos mais procurados do FBI.

De acordo com Neves e Machado (2015), este novo inimigo, marca o comprometimento dos Estados Unidos com uma “Guerra Contra o Terror”, onde os norte-americanos não só têm o objetivo de combater um inimigo, mas também induzir as demais nações a fazer o mesmo para garantir seu lugar de potência mundial. O cenário de uma Guerra contra o Terrorismo Internacional também é incorporado pelo cinema e, em inúmeras produções, encontram-se filmes que abordam de forma ficcional os atentados de 11 de setembro onde normalmente há um terrorista islâmico vilanizado e a retratação de um herói nacionalista por parte dos Estados Unidos.

Neste sentido, o caso de estudo desta pesquisa propõe analisar a utilização do *soft power* norte-americano como ferramenta política e ideológica para a Guerra ao Terror, examinando filmes ambientados durante o período de 2001 a 2011 e buscando explorar de que forma esses filmes hollywoodianos se utilizam da imagem do líder da Organização Terrorista Al-Qaeda, Osama Bin Laden, como objeto de estudo para esta pesquisa.

A partir disso, o presente trabalho visa responder ao seguinte problema de pesquisa: O filme “A Hora Mais Escura” (2013) constrói a figura de Osama Bin Laden como elemento legitimador da Guerra ao Terror? Enquanto elemento de referência, adota-se a hipótese de que o filme analisado busca através de sua narrativa legitimar as ações da Guerra ao Terror, em detrimento da busca por Osama Bin Laden.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar de que forma o cinema hollywoodiano, após os atentados de 11 de setembro, perpetua a estereotipação dos muçulmanos, tendo a construção da imagem do terrorista islâmico como inimigo. Já os objetivos específicos incluem a) contextualizar a origem do islã para entendimento do fundamentalismo islâmico e a criação da Al-Qaeda; b) analisar os desdobramentos da Doutrina Bush e o pensamento Neoconservador, bem como a Guerra ao Terror durante 2001 a 2011; e c) exposição do conceito de hard e soft power, bem como a averiguação das fontes de poder brando.

O método utilizado para o desenvolvimento desse estudo será o hipotético-dedutivo, com a comparação entre a Doutrina Bush e os desdobramentos da Guerra ao Terror e o filme analisado, A Hora Mais Escura. A pesquisa será feita através de fontes secundárias (bibliográficas), como livros, notícias, documentários e artigos. Também, como o conteúdo da pesquisa é voltado para o cinema, especificamente o estadunidense, serão utilizadas fontes primárias (documentais), através da análise de filmes Hollywoodianos, além disso, serão

utilizados ao longo da pesquisa documentos oficiais divulgados pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos e discursos presidenciais de George W. Bush e Barack Obama.

Por fim, o trabalho está estruturado em seis capítulos, da seguinte forma: o primeiro se trata da introdução, o segundo trará um contexto histórico da religião islâmica, do fundamentalismo islâmico, bem como da criação e desenvolvimento da Organização Terrorista Al-Qaeda. O terceiro capítulo fará uma abordagem do pensamento neoconservador, para se compreender com mais clareza os desdobramentos da Doutrina Bush e da Guerra ao Terror após os atentados de 11 de setembro.

O Quarto capítulo limitase-á a contextualizar o conceito de *soft power* de Joseph Nye, suas principais ideias, bem como exemplificar as principais fontes do poder brando. No quinto capítulo, propõe-se analisar como o cinema hollywoodiano serve de ferramenta de *soft power* estadunidense, pontuando os principais momentos onde foi utilizado como ferramenta política pelos Estados Unidos, ademais, será feita uma análise do cinema hollywoodiano após os atentados de 11 de setembro e, por fim, a análise do filme ‘A Hora Mais Escura’. Já o último capítulo, retomará o conteúdo abordado nos demais para a melhor compreensão e apresentação das considerações finais.

## 2 A ORIGEM DO ISLÃ (VI – VII)

Atualmente, o islã é uma das três maiores religiões monoteístas do mundo, juntamente com o cristianismo e o judaísmo, sendo que a cada dia mais cresce o número de muçulmanos no mundo, tendo sua concentração maior de fiéis no Oriente Médio e no norte da África. Na religião Islâmica, seus fiéis seguem a palavra de um único Deus, Alá, que na língua árabe significa “O Único Deus Verdadeiro”. A palavra de Alá foi revelada através do livro sagrado, o Alcorão, pelo profeta Maomé, este sendo considerado pelos muçulmanos como o último profeta enviado por Deus<sup>1</sup> (DEMANT, 2011). Além disso, todos os muçulmanos e muçulmanas<sup>2</sup>, segundo Woodberry (1989), devem seguir cinco pilares que são considerados obrigatórios a todos os fiéis, sendo eles: a declaração e confissão de fé (*shahada*); orar cinco vezes ao dia (*salat*); dar esmolas (*zakat*); jejuar no mês do Ramadã (*sawn*) e a peregrinação a Meca (*Hajj*).

Sabe-se que no século VII, a criação do islã foi o começo de uma nova era no mundo árabe, pois este “criou uma nova ordem política, que incluiu toda a península Arábica, todas as terras sassânidas, e as províncias sírias e egípcias do Império Bizantino; apagaram-se velhas fronteiras e criaram-se novas” (HOURANI, 2007, p. 33). Ainda, Coggiola afirma que a Arábia era formada por diferentes grupos e tribos até o surgimento do islã

A Arábia era composta por povos semitas que, até o século VII, viviam em diferentes tribos. Antes de Maomé operar a unificação da península Arábica através do Islamismo, a região era extremamente fragmentada e nela coexistiam diversos reinos e povos autônomos. Apesar de falarem a mesma língua, esses povos possuíam diferentes estilos de vida e de crenças. Os beduínos eram nômades e levavam uma vida difícil no deserto, utilizando como meio de sobrevivência o camelo, animal do qual retiravam seu alimento (leite e carne) e vestimentas (feitas com o pelo). Com suas caravanas, praticavam o comércio de vários produtos pelas cidades da região. Já as tribos koreichitas, habitavam a região litorânea e viviam do comércio fixo (2007, p. 5).

Para compreender como o islã modificou a região tanto política quanto socialmente, é necessário analisar suas raízes e o contexto em que ele foi criado. De acordo com Lewis

---

<sup>1</sup> No Alcorão, é dito que houve outros profetas anteriores a Maomé, entre os nomes mencionados, estão: Adão, Enoch, Noé, Hud, Salih, Abraão, Lot, Ismael, Isaque, Jacó, José, Shu’ayb, Job, Ezequiel, Moisés, Aarão, David, Salomão, Elias, Eliseu, Jonas, Zacarias, João Batista e Jesus (SEDA, 2002).

<sup>2</sup> Muçulmano é o nome dado a todos aqueles que aceitam Alá como Deus único e tem o islã como religião, independentemente de sua origem étnica, cultural e social.

(1996), a história do islã tem início com o nascimento de seu criador, Maomé, no século VI na península Arábica<sup>3</sup>, mais aproximadamente em 570 d.C.

Maomé nasceu em Meca, cidade que se localiza na região do Hejaz, no noroeste da Arábia, e sua família fazia parte dos coraixitas, uma tribo formada, em sua maioria, por comerciantes. Apesar de saber-se poucos fatos sobre a trajetória do profeta até a revelação, tem-se conhecimento de que Maomé teve uma infância e juventude humilde. Após ficar órfão com apenas seis anos de idade, por um breve período de tempo, morou com o avô, Abd al-Muttalib, e, dois anos após a morte desse, foi morar com seu tio, Abu Talib, chefe dos Hashim. Neste período, ainda muito jovem, Maomé, dedicou-se ao trabalho de pastor, além de participar de caravanas comerciais com seu tio, o que acabou tornando-o conhecido na região (LINGS, 1983).

Até este período, a trajetória de Maomé não teve muitos momentos notáveis, foi por volta de 595 d.C. que sua vida tomou um novo rumo, pois foi nesta época que Khadija bint Khuwaylid, uma viúva comerciante da região, contratou o jovem Maomé para que ele cuidasse de seus negócios, esta união acabou resultando no casamento entre Maomé e Khadija (HOURANI, 2007). Como esposa de Maomé, Khadija, tornou-se a maior apoiadora e incentivadora de Maomé em sua busca espiritual, sendo que “durante os primeiros anos de sua missão profética, ele não teria conseguido ir adiante sem seu apoio e aconselhamento espiritual” (ARMSTRONG, 2001, s/p).

Em 610 d.C., por volta de seus 40 anos, Maomé passou a frequentar algumas cavernas localizadas no norte de Meca, onde isolava-se com o propósito de meditar e praticar exercícios espirituais<sup>4</sup>, além de distribuir comida aos mais necessitados. Foi durante um desses períodos de meditação, no mês do Ramadã, que Maomé recebeu a primeira revelação, na chamada Noite do Poder (ARMSTRONG, 2001). De acordo com Mohamad (1987), foi nesta ocasião que Maomé recebeu a visita do Arcanjo Gabriel, que pediu-lhe para recitar dezenove versículos<sup>5</sup>, esses versículos ficaram conhecidos como a primeira revelação dada ao

---

<sup>3</sup> Região localizada entre o Mar Mediterrâneo, o continente africano e o continente asiático. Hoje, fazem parte da península arábica o Omã, Arábia Saudita, Bahrein, Qatar, Iêmen, Kuwait e Emirados Árabes Unidos (LANNES, 2013).

<sup>4</sup> Esses exercícios espirituais eram chamados de *tahannuth*, a prática desses exercícios foi abandonada após a revelação de Maomé (ARMSTRONG, 2001).

<sup>5</sup> (1) Lê, em nome do teu Senhor Que criou; (2) Criou o homem de algo que se agarra. (3) Lê, que o teu Senhor é Generosíssimo, (4) Que ensinou através do cálamo, (5) Ensinou ao homem o que este não sabia. (6) Qual! Em verdade, o homem transgride, (7) Quando se vê rico. (8) Sabe (ó Mensageiro) que o retorno de tudo será para o teu Senhor. (9) Viste aquele que impede, (10) O servo (de Deus) de orar? (11) Viste se ele está na orientação? (12) Ou recomenda a piedade? (13) Viste se ele nega (a verdade) e a desdenha? (14) Ignora, acaso, que Deus o observa? (15) Qual! Em verdade, se não se contiver, agarrá-lo-emos pelo topete, (16) Topete de mentiras e pecados. (17) Que chamem, então, os seus conselheiros; (18) Chamaremos os guardiões do inferno! (19) Qual!

último profeta. Foi a partir dessa revelação que Maomé iniciou sua jornada como perpetuador da fé de um único Deus, Alá, através das mensagens que recebia de Arcanjo Gabriel, mensagens que recebeu durante 23 anos, até o dia de sua morte.

A partir dessa época, Maomé começou a comunicar àqueles que o seguiam uma sucessão de mensagens que acreditava terem sido reveladas por um anjo de Deus. O mundo ia acabar; Deus todo-poderoso, que criara os seres humanos, iria julgá-los a todos; os prazeres do Céu e as dores do Inferno eram descritos em cores vívidas. Se, durante a vida, se submetessem à Vontade de Deus, podiam confiar na misericórdia d'Ele quando fossem a julgamento; e era Vontade de Deus que agora mostrassem sua gratidão com a prece regular e outras observâncias, e com benevolência e contenção sexual. O nome dado a Deus era “Alá”, já em uso para um dos deuses locais (e hoje usado por judeus e cristãos de língua árabe como o nome de Deus). Os que se submeteram à Vontade d'Ele acabaram tornando-se conhecidos como muçulmanos; o nome da religião, Islã, deriva do mesmo radical linguístico (HOURANI, 2007, p. 36).

No início de sua missão, Maomé propôs-se a converter as pessoas próximas em sua vida, entre elas sua esposa Khadija e parentes, como seus tios e sobrinhos. Seu tio, Abu Talib, apesar de não se converter à nova religião de Maomé, acabou se tornando seu maior protetor durante os primeiros anos de sua missão. Além de seus parentes, Maomé converteu seu amigo Abu Bakr que, por ser um homem influente na região, ajudou a converter novos fiéis e, conseqüente, ficará conhecido como Ministro do Profeta (LINGS, 1983). Com a importante proteção de seu tio e a ajuda de Abu Bakr, durante três anos, Maomé foi lentamente angariando novos fiéis o que, segundo Mohamad, era feito naturalmente e sem o uso da força.

E assim, esses homens e mulheres entraram para o Islamismo, sem o Profeta utilizar qualquer espécie de força para os obrigar a converterem-se ao Islamismo; e nem tinha tanta riqueza que pudesse atrair a todos esses para abandonarem a religião dos seus pais; muitos deles eram ricos e líderes de Meca, como Abu Bakr, Ossman, Khalid Bin Said, etc., e mesmo assim converteram-se, abandonando todo o luxo. Às vezes até passaram fome e partilharam com os que não tinham nada. Isto tudo foi o resultado de eles terem verificado o Bom Caminho em que trilhava Mohamad, e o mau caminho em que estava a sua gente (MOHAMAD, 1987, p. 87).

Após esse período, com um crescimento considerável no número de seguidores e a iniciação da proclamação de sua missão em público, Maomé e os demais muçulmanos passaram a ser perseguidos em Meca, pela antiga tribo do profeta, os coraixitas, principalmente após a morte de seu tio, Abu Talib e de sua esposa, Khadija (LEWIS, 1996).

---

Não os escutes; porém, prostra-te e aproxima-te (de Deus)! (Alcorão, cap. 96, verso 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19).

Para compreender o motivo da repressão sofrida por Maomé, é necessário fazer-se um panorama da situação de Meca e a importância dos coraixitas na região. Como cita Armstrong (2001), a cidade de Meca era um importante centro religioso e econômico e a tribo dos coraixitas acaba se tornando a tribo dominante na cidade, isso ocorreu, pois, além de serem responsáveis pelo êxito comercial de Meca, eles também eram os responsáveis pela segurança de Caaba, local que era considerado o principal santuário religioso da região<sup>6</sup>. Segundo Le Bom (1966, p 96),

Havia na Arábia um templo chamado Caaba, fundado, segundo a tradição árabe, por Abraão, e que era venerado por todos os povos da península e, frequentemente, estes povos iam visitá-lo em romaria. A Caaba era um verdadeiro Panteão dos deuses da região, e quando Maomé surgiu continha estátuas de uma infinidade de divindades, entre as quais figuravam Jesus e a Virgem Maria. Todos os povos da Arábia resumiam sua glória em adorar este templo (apud DUARTE, 2006, p. 7).

Neste sentido, o paganismo dos coraixitas e de Caaba ia de encontro direto com os ideais monoteístas de Maomé, que condenava o paganismo, e baseava-se em três pilares, são eles: “A Unicidade de Deus em Sua Soberania (Omnipotência), A Devoção de toda a adoração ao Deus Único e A Unicidade e Singularidade de Deus nos Seus Nomes e Atributos” (SEDA, 2002, p. 10). Assim, a popularidade de Maomé ameaçava o poder que os coraixitas mantinham na região, já que a partir da “ eliminação dessa idolatria estava também o fim da influência, da grandeza e da autoridade de Coraix” (MOHAMAD, 1987, p. 82). Em 622 d.C., treze anos após a primeira revelação de Maomé, a repressão a ele e a seus seguidores aumentou a tal ponto que o profeta se viu obrigado a fugir para Yathrib, que posteriormente ficaria conhecida como Medina. De acordo com Hourani (2007, p. 37), essa “mudança para Medina, a partir da qual as gerações posteriores iriam datar o início da era muçulmana, é conhecida como a hégira: a palavra não tem apenas o sentido negativo da fuga de Meca, mas o positivo da busca de proteção”.

Sobre Yathrib (Medina-Cidade do profeta), antes da chegada dos muçulmanos e de Maomé, esse oásis era conhecido por ser uma colônia agrícola onde viviam diversas tribos que dividiam a mesma região, entre elas, tribos judaicas e tribos dos Bani Qaylah. Com a dominância crescente dessas tribos, o modo de vida na região, antes nômade, modificou-se para o sedentarismo, o que acabou causando uma crise entre os nômades e as tribos que

---

<sup>6</sup> Além de Caaba existiam outros templos e santuários religiosos que representavam as diversas crenças existentes em Meca, entre eles uma fonte sagrada (Zem Zem), o Monte Arafat (meditação noturna) e o Vale onde os fiéis apedrejavam o Diabo (Iblis).

viviam por ali. Assim, “as várias tribos de Yathrib caíram num ciclo de violência; o estado de guerra constante estava arruinando a terra, destruindo as colheitas e minando as fontes de riqueza e poder de Yathrib” (ARMSTRONG, 2001, s/p). Esses conflitos resultaram na necessidade de uma liderança que unificasse Yathrib e que se mostrasse uma força importante na cidade.

Em 620 d.C., durante a peregrinação anual à Meca, a Hajj, seis peregrinos encontraram-se com Maomé e viram no profeta um possível líder que conseguiria modificar a atual situação da região e, assim, aceitaram converter-se às crenças de Maomé (LINGS, 1983). Em 622 d.C., quando fugiu para Medina, apesar de já ter aceitação de uma parcela da sociedade, Maomé ainda recebeu a oposição de algumas tribos de Yathrib. Porém, com o tempo “os seguidores de Maomé, os muslimin (submetidos, origem da palavra muçulmanos) impuseram sua superioridade militar. O Profeta pôde então reorganizar Medina como a primeira comunidade a viver sob as leis muçulmanas” (DEMANT, 2011, p. 26). Com a força social, política e militar adquirida em Medina e com grande parte das tribos da cidade integradas a comunidade muçulmana, Maomé iniciou uma luta armada com a tribo dos Coraixitas

Maomé começou a acumular um poder que se irradiou pelo oásis, e o deserto em volta. Logo se viu atraído para uma luta armada com os coraixitas, talvez pelo controle das rotas comerciais, e no curso da luta formou-se a natureza da comunidade. Eles passaram a acreditar que tinham de lutar pelo que era certo: “Quando os coraixitas se tornaram insolentes para com Deus e rejeitaram seu gracioso propósito [...] Ele deu a permissão a seu apóstolo para lutar e proteger-se”. Adquiriram a convicção de que Deus e os anjos lutavam ao seu lado, e aceitavam a calamidade, quando ocorria, como uma provação com a qual Deus provava os crentes. (HOURANI, 2007, p. 38).

Quando iniciou a luta armada com os coraixitas, em 628 d.C., Maomé já era considerado um importante líder político não só em Medina, mas na região como um todo. Com seu poder crescente e com o aumento significativo no número de fiéis, Maomé e “os muçulmanos derrotaram os Coraixitas de Meca, que abriram as portas da cidade para o filho rejeitado. Maomé limpou a Caaba de todas as deidades pagãs, mas não afastou a posição central de sua cidade natal” (DEMANT, 2011, p. 26). A conquista de Meca significou a vitória final de Maomé, sendo que, após esse feito, a conversão ao islã dos habitantes de Meca e das regiões vizinhas tornou-se cada vez mais frequente.



Antes de sua morte, Maomé ainda fez uma última peregrinação a Meca, onde profetizou sua última mensagem, a *umma*<sup>7</sup>. Nela afirma-se que “devia-se evitar a luta entre eles, e o sangue vertido em tempos pagãos não devia ser vingado; os muçulmanos deviam combater todos os homens, até que dissessem: só há um Deus” (HOURANI, 2007, p. 39). Maomé, viria a morrer em 632 d.C., em Medina, deixando um legado político e social, onde havia conseguido unificar a região do Hejaz. Sobre isso,

Antes de sua morte (10/632), o profeta tinha pacificado a região do Hejaz, estabelecido acordos e sua liderança havido sido reconhecida por tribos ao norte, na fronteira bizantina e dentro desse império, como o casamento que estabeleceu com uma egípcia. Construiu uma unidade social e política pautada pela união entre a etnia árabe e os valores islâmicos, criando uma sociedade acima das tensões sociais (LANNES, 2013, p. 86).

Após a morte de seu último profeta, o mundo muçulmano é marcado pelo período denominado como *rashidun* (bem-guiados) ou período dos califas ortodoxos, onde estes eram líderes políticos, sociais e militares da *umma*. Este período durou de 632 d.C. a 661 d.C., tendo quatro califas, todos homens próximos de Maomé e tendo papéis importantes em Medina e Meca e foi marcado por grandes conquistas de território e expansão do islã, principalmente nos Impérios Bizantino e Persa, além disso, foi um período marcado pelas tensões sociais entre os membros da *umma* que disputaram por poder após a morte de Maomé.

## 2.1 Período dos Califados ortodoxos (*rashidun*) (632 d.C. – 661 d.C.)

O período entre 632 d.C. e 661 d.C. é conhecido como a primeira fase da história do islã e é denominado como o período “dos califas ortodoxos ou “bem-guiados” (*rashidun*), assim chamados porque seu reino correspondeu a uma época de relativa unidade entre os muçulmanos” (DEMANT, 2011, p. 37). Em 632 d.C., a *umma* precisou decidir que rumos tomar após a morte de seu único líder, Maomé, já que esse não tinha nomeado um sucessor para liderar os fiéis após seu falecimento. Ainda no mesmo ano da morte do profeta, seus principais colaboradores e seguidores mais próximos, como Abu Bakr e Umar ibn Abd al-Khattab, acreditavam que a *umma* deveria se manter unida e ter um único líder, decidindo-se assim que seria criado um califado.

---

<sup>7</sup> Termo utilizado para se referir à comunidade islâmica.

Sobre a escolha de quem seria o primeiro califa, houve uma divergência de pensamentos sobre quem deveria ser o sucessor ideal de Maomé para liderar os fiéis, dividindo a opinião dos muçulmanos em duas vertentes, os Xiitas e os Sunitas.

A primeira, minoritária, preferia reservar essa honra da linhagem profética à própria família do Profeta – seu pretendente era Ali ibn Abi Talib, genro de Maomé, casado com sua filha Fátima. Na opinião da segunda tendência, porém, qualquer fiel poderia ser um candidato adequado, desde que fosse consensualmente aceito pela comunidade. Esse antagonismo teria gravíssimas implicações dentro de poucas décadas (DEMANT, 2011, p. 38)

Desse modo, Armstrong (2002) afirma que por ser muito jovem e pela inexperiência de Abi Talib foi decidido, pela maioria, que Abu Bakr, comerciante influente da região e amigo íntimo de Maomé que o acompanhou na hégira, além de pai de sua segunda esposa, Aisha, seria seu primeiro sucessor. O califa tinha o poder político, militar e social de liderar a comunidade muçulmana, mas não era um profeta como Maomé. Desse modo,

O califa não era um profeta. Líder da comunidade, mas em nenhum sentido mensageiro de Deus, não podia pretender ser porta-voz de revelações continuadas; mas ainda permanecia uma aura de santidade e escolha divina em torno da pessoa e do cargo dos primeiros califas, que afirmavam ter algum tipo de autoridade religiosa (HOURANI, 2007, p. 43).

O período do califado de Abu Bakr (632- 634 d.C.) foi marcado por conquistas de território, principalmente em disputas por rotas comerciais e conflitos com algumas tribos, as quais Maomé havia feito aliança. Isso ocorreu, pois, após o falecimento do profeta, algumas dessas alianças estavam prestes a se dissolver, já que alguns líderes tribais não aceitavam mais suas profecias e nem o controle político em Meca obtido pelos muçulmanos (ARMSTRONG, 2002). Neste sentido, iniciou-se um conflito com essas tribos, que ficou conhecido como Guerras dos *ridda* (632-633 d.C.), onde Abu Bakr conseguiu dominar novamente as tribos árabes e “afirmou sua autoridade pela ação militar [...]; com isso se criou um exército, que o impulso da ação levou as regiões fronteiriças dos grandes impérios, e depois, quando a resistência se revelou fraca, ao próprio âmago desses impérios” (HOURANI, 2007, p. 44).

Antes de falecer em 634 d.C., Abu Bakr designou como seu sucessor Umar ibn Abd al-Khattab, que manteve o título de califa até 644 d.C. O califado de Umar foi marcado por grandes conquistas de território, principalmente nos Impérios Bizantino e Persa, que já se viam enfraquecidos pelas diversas guerras e epidemias que afetavam essas regiões, desse

modo, os muçulmanos dominaram a Síria, o Egito, a Palestina e a Mesopotâmia. Ainda, é importante ressaltar que a população dessas regiões, que era em sua maioria cristã, não foi coagida ou obrigada a aceitar a fé islâmica (DEMANT, 2011). Além disso, durante o califado de Umar, com a crescente dominação islâmica foram criadas as cidades de Basra e Kufa, no Iraque, e Fustat, no Egito, que surgiram em volta das bases militares já que “eram pólos atrativos de imigração, e aos poucos, cidades foram se submetendo em torno deles, com o palácio do governador e o lugar da assembleia pública, com a mesquita no centro” (SANTOS, 2014, p. 10).

A prosperidade do califado de Umar terminaria em 644 d.C., quando este foi assassinado por um Persa que era prisioneiro de guerra e o matou por vingança pessoal. Segundo Lewis (1996, p. 69), antes de ser assassinado, Umar “nomeou uma comissão — uma shura — de seis dos Companheiros graduados, com instruções para indicar um deles como califa”, esse conselho acabou elegendo Uthman ibn Affan, rico mercador da região que fazia parte do clã dos Omíadas e que tinha sido um dos primeiros muçulmanos a ser convertido por Maomé. O califado de Uthman durou até 656 d.C. e, apesar de ser caracterizado como um período violento e contar com um líder mais fraco dos que os anteriores, ainda houve certa prosperidade nos primeiros seis anos de califado, sendo que os muçulmanos

Seized Cyprus from the Byzantines, thus finally ejecting them from the eastern Mediterranean, and in North Africa the armies reached Tripoli what is now Libya. In the East, the Muslim troops took much of Armenia, penetrated the Caucasus and established Muslim rule as far as the River Oxus in Iran, Herat in Afghanistan, and Sind in the Indian subcontinent<sup>8</sup> (ARMSTRONG, 2002, p. 32).

Com a crescente conquista de territórios, segundo Demant (2011, p. 38) a exploração destas regiões aumentou a diferença de renda entre os muçulmanos, onde as “riquezas começaram a fluir para as mãos dos clãs mais favorecidos”, o que ia contra os ideais de Maomé que lutava por uma comunidade igualitária. Além disso, a política de Uthman de nomear de homens de seu próprio clã como governadores provinciais, como a nomeação de seu primo Muawiyah ibn Abu Sufyan a governador da Síria, por exemplo, que causou furor entre os muçulmanos.

---

<sup>8</sup> “Aprenderam Chipre dos bizantinos, finalmente, expulsando-os do leste do Mediterrâneo, e no norte da África os exércitos chegaram a Trípoli, que hoje é a Líbia. No leste, as tropas muçulmanas tomaram grande parte da Armênia, penetraram no Cáucaso e estabeleceram o governo muçulmana até o rio Oxus, no Irã, Herat, no Afeganistão, e Sind, no subcontinente indiano”. Tradução nossa.

Isso suscitou oposição, tanto em Medina, dos filhos dos Companheiros e da esposa do Profeta ‘A’isha, quanto em Kufa e Fustat; algumas das tribos ressentiram-se do domínio dos homens de Meca. Um movimento de revolta em Medina, apoiado por soldados do Egito, levou ao assassinato de Uthman (HOURANI, 2004, p 46).

Com o assassinato de Uthman, a situação fragiliza-se e acirraram-se os conflitos entre os muçulmanos, resultando em uma guerra civil que duraria cinco anos, conhecida como primeira *Fitna*. Nesse contexto, Ali ibn Abi Talib, que fazia parte da tribo dos coraixitas, pretendente à sucessão de califa por ser primo de Maomé, e que tinha o apoio de uma parcela de muçulmanos que “decepcionados com a conduta dos califas eletivos e seus asseclas, que tinham a esperança de que um novo regime, liderado pelo parente do Profeta, pudesse ocasionar a volta à verdadeira e original mensagem do islã” (LEWIS, 1996, p. 69-70), tornou-se o quarto e último califa do período *rashidun*. Apesar de certo apoio entre a ala mais conservadora dos muçulmanos, Abi Talib, o primeiro califa xiita, não conseguiu impor sua autoridade sobre a *umma* e seu califado despertou a oposição de diversas partes, principalmente de Mu’awiyya, governador da Síria, e de Aisha, segunda esposa de Maomé, que se rebelou contra Ali, por este não vingar o assassinato de Uthman (ARMSTRONG, 2002).

Ainda em 656 d.C, Aisha, juntamente com Tahah e Zubayr, que haviam sido companheiros de Maomé, lideraram uma rebelião contra Abi Talib, pois este não tinha punido assassinos de Uthman, esta rebelião resultou na chamada Batalha dos Camelos, onde Abi Talib saiu vitorioso. Mesmo com esta vitória, o califa xiita ainda sofria forte oposição por parte de Mu’awiyya, governador da Síria, que além, de ser próximo na linha de sucessão ao califado, também era o novo chefe dos Omíadas e, por isso, tinha o dever de vingar a morte de Uthman (ARMSTRONG, 2002). A oposição de Mu’awiyya, segundo Cunha, originou uma guerra civil entre os dois lados e

Em 657 as forças de Ali e Muawiyah enfrentam-se na Batalha de Siffin, mas nenhum dos lados se sagrou vencedor. Ali concordou então com uma arbitragem proposta por Muawiyah, uma espécie de julgamento para decidir a vitória na batalha e se a sua ascensão ao poder era legítima. Uma parte dos apoiantes de Ali entendeu porém que ele procedeu incorrectamente ao aceitar a arbitragem e retirou-se, dando origem à primeira cisão no Islão, a dos Kharijitas (2009, p. 11).

Durante este período de arbitragem, as alianças de Ali Talib foram enfraquecidas e em 661 d.C, o quarto e último califa do período *rashidun* foi assassinado por um kharijita, e com a morte de Ali Talib “those who remained loyal to Ali’s cause in Kufah acclaimed his son

Hasan, but Hasan came to an agreement with with Muawiyyah<sup>9</sup>” (ARMSTRONG, 2002, p. 36), que se tornou califa. O califado de Mu’awiyya dá início a dinastia sunita Omíada, que se estende de 661 d.C. a 750 d.C, tendo como principais características a mudança da escolha do califa de eletiva para hereditária, a transferência da sede do califado para Damasco na Síria e também pela expansão do Islã, que conquista o Magreb e a península Ibérica (SANTOS, 2009). Ainda, segundo Demant (2011, p. 40), o califado de Mu’awiyya não foi aceito por alguns seguidores de Ali Talib, que formaram o “partido ou facção de Ali, a xia (*shi’a*), de onde surgiram os xiitas, ramo do islã que insiste na legalidade da sucessão hereditária original”.

O período dos califas ortodoxos, ou período *rashidun*, é de extrema importância para a história do islã, pois marca o início dos conflitos entre os muçulmanos e também a primeira divisão da *umma* entre xiitas e sunitas. Segundo Demant (2011), até hoje todos os muçulmanos dividem-se entre essas duas vertentes principais dentro da religião islâmica, sendo os sunitas ou seguidores da Sunna<sup>10</sup>, a maioria, contando com aproximadamente 85% dos muçulmanos, e os xiitas, com os 15% restantes. Ainda, dentro dessas duas vertentes, existem diversas subdivisões de pensamentos, havendo subdivisões mais radicais e outras mais moderadas em ambas as vertentes. E dentre essas versões mais radicais dos sunitas e xiitas, é possível identificar os grupos radicais islâmicos que ganham hoje grande destaque tanto na mídia, quanto com a comunidade internacional.

## 2.2. Fundamentalismo

Considera-se o fundamentalismo como um movimento de origem teológica, que por muitas vezes ganha roupagem política, o mesmo busca a volta das origens religiosas e o seguimento dos escritos sagrados de determinada religião, sendo que “preconiza una estricta observancia a determinadas leyes, normativas o preceptos religiosos<sup>11</sup>” (BRUNO; RAMPENBERGH, 2004, p. 2). Além disso, o fundamentalismo se caracteriza, principalmente, como um movimento que surge contrário a modernidade, a qual os fundamentalistas consideram como uma ameaça ao seu estilo de vida e as suas tradições e

<sup>9</sup> “Aqueles que permaneceram fiéis à causa de Ali em Kufa aclamaram seu filho Hassan, mas Hassan chegou a um acordo com Mu’awiyya”. Tradução nossa.

<sup>10</sup> Segundo Cunha (2009, p. 8) “Suna ou Sunnah é a vida do Profeta Maomé. Literalmente, o termo significa “caminho percorrido”, contudo, o significado de “prática habitual” passou a imperar, indicando as palavras e actos específicos da vida do Profeta”.

<sup>11</sup> “Defende a estricta observância de certas leis, regulamentos ou preceitos religiosos”. Tradução nossa.

rejeitam “todo e qualquer engajamento dialogal com a modernidade, bem como qualquer possibilidade de reflexividade da tradição” (TEIXEIRA, 2010, p. 14).

Após os atentados de 11 de setembro, o fenômeno fundamentalista passou a estar normalmente atrelado ao islã e aos muçulmanos, porém, sabe-se que o fundamentalismo surgiu no fim do século XIX, como um movimento teológico dentro do protestantismo norte-americano como um apelo a volta dos “fundamentos” cristãos que haviam sido corrompidos pela modernidade e que pregavam uma releitura literal das escrituras sagradas bíblicas. Neste sentido, o termo que surge no cristianismo começará a ser utilizado para denominar tendências teológicas reformistas e conservadoras que surgiram em diferentes religiões ao longo dos séculos (ARMSTRONG, 2001).

Atualmente, correntes fundamentalistas são encontradas principalmente nas três maiores religiões monoteístas: no cristianismo, judaísmo e no islã, porém, também é possível identificar tendências fundamentalistas no hinduísmo, o sikhismo e também no budismo (DEMANT, 2004). Apesar de terem a mesma denominação, os movimentos fundamentalistas diferenciam-se em cada religião, assim como dentro de uma religião existem diversas correntes fundamentalistas divergentes, onde cada um tem suas reivindicações próprias, tendo movimentos fundamentalistas moderados e outros mais radicais. Contudo, segundo Halliday, é possível identificar características semelhantes a todos os movimentos fundamentalistas, as quais o autor destaca quatro. São elas,

Em primeiro lugar, todos esses movimentos buscam derivar sua autoridade de um chamado para o retorno aos textos sagrados, aos escritos supostamente vindos de Deus. Esse é, o sentido literal, o significado do termo fundamentalismo. [...] A segunda característica desta volta aos “fundamentais” é a reivindicação de que dentro deles pode ser identificada a constituição de um Estado perfeito no mundo contemporâneo [...] A terceira característica comum de todos esses movimentos é que apesar de toda a sua aparente proximidade sobre outros assuntos, eles aspiram uma coisa acima de todas: o poder política e social. [...] Qual seja, a sua intolerância e, em grande medida, o seu caráter antidemocrático. Embora eles digam falar em nome do povo e que perseguem seus objetivos através de meios democráticos, são, por ideologia e por organização, grupos políticos autoritários e potencialmente ditatoriais (HALLIDAY, 2003, p. 94-195).

Ademais, para Geering (2003, s/p), os movimentos fundamentalistas, principalmente em religiões monoteístas, têm o objetivo de combater o secularismo moderno, o autor cita que “modernity appears to be threatening the very foundation of all truth and meaning, namely the being and authority of God. Religious fundamentalists condemn the modern secular world as

humanistic and godless<sup>12</sup>”. Por fim, também cabe ressaltar que mesmo tendo raízes conservadoras e travando uma batalha contra a modernidade, o fundamentalismo é considerado um movimento moderno, Armstrong (2001, s/p) afirma que “tem-se a impressão de que os fundamentalistas são inerentemente conservadores e aferrados ao passado, e, no entanto, suas ideias são essencialmente modernas e inovadoras”.

Para compreender de fato os movimentos fundamentalistas, se fará um panorama geral das correntes fundamentalistas, sendo feito primeiro o contexto histórico do surgimento no cristianismo, para por fim analisar-se as principais correntes fundamentalistas dentro do islã.

### 2.2.1 Fundamentalismo Cristão

Apesar de atrelar-se frequentemente o fundamentalismo aos muçulmanos e ao islã, principalmente após os atentados de 11 de setembro, esse movimento religioso, na realidade, data-se do início do século XX e surgiu dentro do protestantismo norte-americano. O fundamentalismo surgiu em uma época onde o progresso da ciência, tanto naturais quanto humanas, levantava questionamentos sobre a importância do cristianismo e a veracidade de seus escritos sagrados (LIMA, 2011). Neste sentido, Demant (2011, p. 197), afirma que o “fundamentalismo foi nos EUA, onde nasceu, um apelo para a volta aos fundamentos da fé cristã diluídos pelo modernismo”.

De acordo com Munson (2003), surgindo em um momento onde já crescia a reação de algumas igrejas ao modernismo, o termo fundamentalismo foi originado em uma série de doze livretos chamados *The Fundamentals: a testimony to the truth*, publicados entre 1909 e 1915, pelos irmãos protestantes, Milton e Lyman Steward. Nesses livretos, o principal objetivo dos autores era em reafirmar os fundamentos cristãos e unir os protestantes anglo-americanos. Havia também uma forte crítica a teoria evolucionista e ao modernismo teológico, que desde o século XIX propunha uma “nova abordagem sobre os regramentos da fé, calcados, sobretudo, em uma profunda (re)interpretação escriturística, e na apropriação das ciências evolucionistas” (GONÇALVES, 2012, p. 88). Principalmente, os ideais expostos nos livretos iam

---

<sup>12</sup> “A modernidade parece estar ameaçando o próprio fundamento de toda a verdade e significado, ou seja, o ser e a autoridade de Deus. Fundamentalistas religiosos condenam o mundo secular moderno como humanista e sem Deus”. Tradução nossa.

Counter the spread of liberal religious thought in the churches of America, which the publishers believed to be undermining the eternal Christian truths – "the fundamentals". The booklets reaffirmed what the writers took to be the fundamental and unchangeable doctrines of Christianity: the infallibility of the Bible, the deity of Christ, the Virgin Birth, miracles, the bodily resurrection of Jesus, and the substitutionary view of the Atonement<sup>13</sup> (GEERING, 2003, s/p).

Ainda, para Geering (2003), apesar de não obterem a notoriedade esperada, mesmo após a distribuição de três milhões de exemplares gratuitos, os irmãos Steward acabaram por originar o termo Fundamentalista. Em contrapartida, em 1919 houve a criação da “World’s Christian Fundamentals Association”, que reunia diversos grupos religiosos cristãos, principalmente da igreja protestante, onde reafirmava-se “a rejeição das ideias modernistas e dos ensinamentos escolares conexos, especialmente relativos às teorias evolucionistas” (LIMA, 2011, p. 336). Apesar de um considerável crescimento e importância dentro das igrejas mais conservadoras, ainda na década de 20, os grupos fundamentalistas perderam força, principalmente após 1925, quando um professor de biologia de uma escola no Tennessee, foi levado a julgamento por ensinar em sala de aula a teoria evolucionista de Darwin (ARMSTRONG, 2001).

Com a perda de credibilidade, houve uma separação e um desmembramento desses movimentos, como também a criação de novos grupos fundamentalistas, onde dividiram-se entre grupos mais moderados e outros mais radicais, também conhecidos como fundamentalistas de extrema direita. Apesar de se manterem em atividade, os movimentos fundamentalistas só ganham uma maior força, entre os anos 60 e 70, onde surgem como uma resposta às transformações culturais, políticas e sociais desse período, entre elas a legalização do aborto, o ensino do evolucionismo nas escolas públicas e a liberdade sexual (MUNSON, 2003). Nesse contexto, ainda no fim da década de 70, os movimentos fundamentalistas adquirem uma posição não só religiosa, mas também política, onde estes ‘começaram a rebelar-se contra essa hegemonia do secularismo e a esforçar-se para tirar a religião de sua posição secundária e recolocá-la no centro do palco’ (ARMSTRONG, 2001, s/p).

Ademais, a partir dos anos 70, de acordo com Gonçalves (2012), houve uma revitalização dos grupos fundamentalistas, com um crescimento no número de fiéis e igrejas e a criação de organizações como a Moral Majority, da ala do fundamentalismo radical, que

---

<sup>13</sup> “Contra a propagação do pensamento religioso liberal nas igrejas norte-americanas, que os editores acreditavam estar minando as eternas verdades cristãs - "os fundamentos". Os livretos reafirmaram o que os escritores consideraram ser as doutrinas fundamentais e imutáveis do cristianismo: a infalibilidade da Bíblia, a divindade de Cristo, o nascimento virginal, os milagres, a ressurreição corporal de Jesus e a visão substitutiva da Expição”. Tradução nossa.



lutava principalmente contra questões como a legalização do aborto e contra os movimentos feministas e LGBTQ's. Por fim, os grupos fundamentalistas cristãos existem ainda hoje, e apesar de passarem por declínios, divergências entre si e revitalizações ao longo dos anos, no âmbito religioso os pontos essenciais de sua doutrina ainda permanecem os mesmos, principalmente "no que concerne à doutrina da inerrância da Escritura e à rejeição dos métodos científicos de investigação bíblica" (LIMA, 2011, p. 338).

### 2.2.2 Fundamentalismo islâmico ou islamismo

A utilização do termo fundamentalismo, para muitos analistas, é utilizada erroneamente para referir-se ao movimento ideológico que ganhou força no islã a partir do século XX. Isso se dá, pois, o termo fundamentalista, como já mencionado, surgiu a partir de um movimento teológico que tem origem no protestantismo norte-americano no fim do século XIX, e muitos estudiosos consideram que o termo só deveria ser utilizado para referir-se a esse movimento. Além disso, o termo fundamentalismo, no islã, também é utilizado para referir-se a

Una determinada escuela científica y de investigación dentro de las ciencias del islam. Sus teólogos estudian las fuentes primarias y los fundamentos de su religión. No se lo debe confundir ni identificar con el fundamentalismo de agitación política. Los grupos y partidos políticos islámicos radicales también reivindican ese calificativo<sup>14</sup> (BRUNO; RALPELBERGH, 2004, p. 4).

O acadêmico e escritor, Bernard Lewis (1988, p. 117), afirma que comumente utiliza-se o termo fundamentalista para referir-se a um número de grupos radicais e militantes islâmicos, porém "the use of this term is established and must be accepted, but it remains unfortunate and can be misleading<sup>15</sup>". Isso se dá, pois, quando utilizado no protestantismo, o termo diferenciava aqueles que eram considerados protestante liberais dos fundamentalistas que acreditavam que os fiéis deveriam seguir fielmente as escrituras sagradas e neste sentido,

<sup>14</sup> "Uma certa escola científica e de pesquisa dentro das ciências do Islã. Seus teólogos estudam as fontes primárias e fundações de sua religião. Não deve ser confundido ou identificado com o fundamentalismo da agitação política. Grupos políticos radicais islâmicos e partidos também reivindicam essa qualificação". Tradução nossa.

<sup>15</sup> "Agora é comum usar o termo "fundamentalista" para vários grupos islâmicos radicais e militantes. O uso desse termo é estabelecido e deve ser aceito, mas continua sendo lamentável e pode ser enganoso". Tradução nossa.

de acordo com Lewis, todos os muçulmanos, de certa forma, são considerados “fundamentalistas”.

Já Peter Demant, em o Mundo Muçulmano, afirma que além de fundamentalismo muçulmano e islamismo, termos como islã político e revivalismo islâmico também são aceitáveis, além disso o autor cita que na literatura árabe se usa tanto *islamiyya*, ou seja, islamismo, quando *al-usuliyya all-islamiyya*, o que é equivalente a “fundamentalismo muçulmano” (2004, p. 194).

Para Karen Armstrong (2001), a partir de sua origem cristã, o termo fundamentalista começará a ser utilizado para denominar todos os movimentos religiosos que compartilham ideais reformadores, porém, cada religião e sua tendência fundamentalista tem objetivos e dinâmicas próprias. Entretanto, a autora afirma que além de todos serem considerados modernos, esses movimentos compartilham de algumas características em comum

They all reveal a deep disappointment and disenchantment with the modern experiment, which has not fulfilled all that it promised. They also express real fear. Every single fundamentalist movement that i have studied is convinced that the secular establishment is determined to wipe religion out<sup>16</sup> (ARMSTRONG, 2001, p. 165).

Ademais, para a autora apesar de certa forma, ser errônea a utilização de fundamentalismo, ‘o termo não é perfeito, mas serve para rotular movimentos que, apesar de suas diferenças, guardam forte semelhança’ (2001, s/p). Desta forma, compreendendo a invariabilidade de termos utilizados para denominar o movimento político e religioso surgido no islã, em consonância com os autores Peter Demant e Karen Armstrong, aqui se fará uso dos termos fundamentalismo islâmico e islamismo, conceituando-os como uma ideologia

Política antimoderna, antissecularista e antiocidental, cujo projeto é converter o indivíduo para que se torne um muçulmano religioso observante, é transformar a sociedade formalmente muçulmana em comunidade religiosa voltada ao serviço a Deus e estabelecer o reino de Deus em toda a Terra. (DEMANT, 2004, p. 201)

Por fim, sabendo-se que após os atentados de 11 de setembro, o fundamentalismo islâmico causou alarde com os ataques terroristas da Al-Qaeda e ganhou destaque nos meios de comunicação e no ocidente, e a partir desse momento, passou-se a atrelar tendências

---

<sup>16</sup> “Todos eles revelam uma profunda decepção e desencanto com a experiência moderna, que não cumpriu tudo o que prometia. Eles também expressam medo real. Todo movimento fundamentalista que estudei está convencido de que o estabelecimento secular está determinado a acabar com a religião”. Tradução nossa.

fundamentalistas apenas ao islã, e referir-se como um movimento único. Porém, é importante destacar de que há um grande pluralismo de movimentos e tendências fundamentalistas dentro do islã, onde cada uma dessas tendências tem seus objetivos e maneiras próprias de obter esses objetivos, algumas mais moderadas e outras mais radicais. Neste sentido, no próximo tópico se fará uma evolução histórica do pensamento fundamentalista islâmico sunita, que serve de base para as principais ideias estabelecidas por Osama Bin Laden e seus companheiros.

### 2.3 Fundamentalismo islâmico Sunita

Hoje, fundamentalismo islâmico ou islamismo, é um termo que engloba diferentes tendências e correntes de pensamento, onde cada uma dessas vertentes demonstra características e métodos próprios. O muçulmano e cientista político, Bassam Tibi (1998, s/p), em linhas gerais define fundamentalismo islâmico como uma visão de mundo “that seeks to establish its own order, and thus to separate the peoples of Islamic civilization from the rest of humanity while claiming for their worldview a universal standing<sup>17</sup>”. Além disso, o autor ainda ressalta que o fundamentalismo deve ser entendido com uma ideologia política, diferente do islã que deve ser visto unicamente como uma religião.

Dentre a invariabilidade de correntes de pensamento no fundamentalismo islâmico, existem tendências mais moderadas, e outros grupos que tomam posturas mais radicais, onde alguns pregam a luta armada, onde uma minoria utiliza do terrorismo para atingir seus objetivos (ARMSTRONG, 2001). Apesar de uma grande pluralidade de correntes, segundo Costa (2009), normalmente as tendências islamitas são críticas a três preceitos: O Ocidente, a modernidade e ao Estado. Sobre isso a autora afirma que

Esta ideologia é bastante heterogênea, incorporando um conjunto diverso de pontos de vista, tendências de pensamento, actores e organizações, por vezes opostas umas às outras. Esta diversidade constitui, sobretudo, uma resposta às condições políticas com que os diversos actores se deparam ao longo dos tempos e, simultaneamente, é um sinal da sua flexibilidade teórica (COSTA, 2009, p. 2).

Além disso, todos os movimentos islamitas, apesar de sua pluralidade, de acordo com Silva (2018, p. 294), tem o objetivo de criar um Estado islâmico que viva sob as leis da

---

<sup>17</sup> “Que procura estabelecer sua própria ordem e, assim, separar os povos da civilização islâmica do resto da humanidade enquanto reivindica sua visão de mundo como uma posição universal”. Tradução nossa.

Sharia, pois “estão convictos da sua validade eterna e, como tal, procuram aplicá-la na sua totalidade sem quaisquer restrições”. Quando se fala em Sharia, refere-se ao “corpo das leis religiosas muçulmanas, encontradas no Corão e na Sunna, muitas vezes descritas como a lei islâmica, [...] e é a base do Islão, comandando a vida pública e privada de qualquer muçulmano” (CUNHA, 2009, p. 7).

Segundo Costa (2009), o islamismo começa a ganhar força em 1940 e um viés mais radical a partir dos anos 60 e 70, tendo suas raízes em correntes reformistas e intelectuais da década de 20, essas “procuravam reagir à estagnação do pensamento muçulmano, combater a debilidade do mundo islâmico [...] e repensar as novas condições em que aquele se encontrava”. Neste sentido, as ideologias fundamentalistas no islã surgem em consequência a colonização e ao Imperialismo Europeu dos séculos XIX e XX, podendo-se considerar que o fundamentalismo islâmico é uma ideologia que tem raízes

In the sociopolitical conditions of Muslin countries in the nineteenth and twentieth centuries. It is a product of the Muslin peoples' interaction-military political, economic, cultural, and intellectual-with the West during the past two hundred years, a period when Western Power has been in the ascendant and Muslims have become the objects, rather than the subjects, of history<sup>18</sup> (AYOOB, 2004, p. 2).

Ademais, segundo Demant (2001, p. 200), o declínio dos Impérios Muçulmanos e a sua consequente ocidentalização gerou uma onda de movimentos nacionalistas seculares, assim como movimentos pan-arabistas, no século XX, que “não conseguiram senão estabelecer ditaduras que exploraram ou oprimiram sua própria população” (DEMANT, 2011, p. 200). E será neste contexto que, as principais ideias fundamentalistas sunitas irão se desenvolver, onde o paquistanês Abu al-Ala Mawdudi e o egípcio Sayyid Qutb, são os ideólogos das ideias que fomentam os grupos radicais islâmicos sunitas de hoje.

### **2.3.1 Mawdudi**

O filósofo indiano Abu al-Ala Mawdudi (1903-1979), fundador do Jamaat-e-Islami, partido islamita do Paquistão, foi um dos primeiros muçulmanos a desenvolver um pensamento fundamentalista sunita, principalmente entre as décadas de 40 e 50. As principais

---

<sup>18</sup> “Nas condições sociopolíticas dos países muçulmanos nos séculos XIX e XX. É um produto da interação político-militar, económica, cultural e intelectual dos povos muçulmanos com o Ocidente durante os últimos duzentos anos, um período em que o poder Ocidental esteve em ascensão e os muçulmanos tornaram-se os objetos, em vez do centro, da história”. Tradução nossa.

ideias de Mawdudi se baseavam em uma sociedade governada por Deus, baseada no Alcorão e na *Sunna*, seguindo as leis da *Sharia*, ele também afirmava a necessidade de um Estado Islâmico e clamava por um *jihad* universal (MOHOMED, 2014). Além disso, segundo Farooqui (s.d., p. 12), umas das principais características das obras de Mawdudi, eram as críticas direcionadas ao ocidente, a secularização, ao capitalismo, ao socialismo e a democracia, pois para o filósofo “these ideologies are purely materialistic, devoid of spirituality, divine guidance and moral values. Despite the best effort of the west, democracy, secularism, socialism and capitalism have failed to establish social justice<sup>19</sup>”.

Mawdudi também acreditava que o Ocidente conseguiria destruir o Islã e sua cultura, portanto “Muslims, he argued, must band together to fight this encroaching secularism, if they wanted their religion and their culture to survive [...] Revolution against the colonial powers was not just a right but a duty<sup>20</sup>”. As ideias de Mawdudi direcionaram sua crítica propriamente aos muçulmanos, mas principalmente ao “governo dos homens”. Em uma de suas principais obras, intitulada “Fundamentals of Islam”, Mawdudi afirma que a raiz de todo o mal que existia na humanidade, vinha da liderança de um governo do “homem sobre o homem” onde deveria existir um governo de “Deus sobre o homem”

The root of all evils you find in the world lies in the bad character of the government. Power and wealth rest in the hand of the government. Laws are framed by the government. All the authority of administration is exercised by the government. The force of Police and army is in the hands of the government. Therefore whatever evils there in the life of the people, are either spread by the government itself or with its help, because the power required to make anything prevail rests with the government<sup>21</sup> (MAWDUDI, sem ano, p. 244).

Neste sentido, para Mawdudi (2006), assim como os homens, todas as coisas do mundo pertenciam a Deus, desse modo, era necessária uma reforma no governo, onde a única forma de sociedade possível seria uma onde todos vivem sob as leis de divinas, e os governantes devem liderar com a consciência principalmente, de que eles também, deveriam se submeter às leis de Deus. Desse modo, o filósofo afirma que esta era a reforma que o islã

<sup>19</sup> Essas ideologias são puramente materialistas, desprovidas de espiritualidade, orientação divina e valores morais. Apesar do melhor esforço do Ocidente, a democracia, o secularismo, o socialismo e o capitalismo não conseguiram estabelecer justiça social.

<sup>20</sup> “Os muçulmanos, argumentava ele, deveriam se unir para combater esse secularismo invasor, se eles quisessem que sua religião e sua cultura sobrevivessem [...] a revolução contra os poderes coloniais não era apenas um direito, mas um dever”. Tradução nossa.

<sup>21</sup> “A raiz de todos os males que você encontra no mundo está no mau caráter do governo. Poder e riqueza estão nas mãos do governo. As leis são enquadradas pelo governo. Toda a autoridade da administração é exercida pelo governo. A força da polícia e do exército está nas mãos do governo. Portanto, quaisquer males que existam na vida das pessoas, ou são espalhados pelo próprio governo ou com sua ajuda, porque o poder necessário para fazer qualquer coisa prevalecer cabe ao governo”. Tradução nossa.

quer introduzir ao mundo, e assim, era necessária a criação de um Estado islâmico, onde os fundamentos principais seriam a soberania de Deus e a prevalência do Alcorão e da *Sunna*.

Ademais, a necessidade de um Estado islâmico diferente de um Estado Muçulmano, se dava porque um Estado comandado por muçulmanos não quer propriamente dizer que é um Estado Islâmico “because it can be based on National, Secular or any other Ideology. But the Islamic State is one which is administered on the basis of ‘Islamic principles’ laid down in the *Shariah*”<sup>22</sup> (FAROOQUI, s/d, p. 7). Deste modo, Demant descreve em linhas gerais um Estado Islâmico visionado por Mawdudi

A constituição seria o Alcorão, cuja legislação se limitaria a interpretar e aplicar a xaria, e cujo presidente seria um muçulmano devoto, assessorado por um conselho (*shura*) eleito só por muçulmanos. Não muçulmanos voltariam a posição de *dhimmis*, e teriam os mesmos direitos civis que os muçulmanos, mas poderiam exercer direitos políticos apenas em âmbito local (algo como os direitos de estrangeiros a participar nas eleições municipais em certos Estados ocidentais). Em outras palavras, Mawdudi fazia questão de um islã que é primariamente político (DEMANT, 2011, p. 208).

Mas, a principal ideologia de Mawdudi se baseava em suas ideias sobre a importância da *jihad* para o islã. De acordo com Armstrong (2001) o filósofo foi o primeiro a afirmar que a *jihad* – comumente traduzida como Guerra Santa – era o princípio central do islã, e os demais pilares da religião eram uma preparação para esta *jihad*, que deveria ser promovida para combater a *jahiliyyah*. A *jahiliyyah* era o “estado de ignorância e descrença que reinou antes da revelação dada a Maomé. Mediante de seus esforços (o *jihad*), Maomé e os primeiros muçulmanos puseram fim a esta situação e construíram uma sociedade regida em todos os seus detalhes” (DEMANT, 2011, p. 210) Para Mawdudi, o Ocidente vivia em uma *jahiliyyah*, assim “Mawdudi, called for a universal *jihad*. Just as the prophet had fought the *jahiliyyah*, [...] Muslims must use all means in their power to resist the modern *jahiliyyah* of the West”<sup>23</sup>. É importante aqui ressaltar que a *jihad* que Mawdudi tinha em mente se referia mais a uma *jihad* política, e não violenta, como será perpetuada por Sayyid Qutb, e ser analisado posteriormente.

Para Mawdudi (2006), a *Jihad* é uma necessidade do Islã, isso ocorre, porque, segundo o filósofo o islã não é apenas uma religião, como todas as outras, mas sim uma ideologia

<sup>22</sup> “Porque pode ser baseado em uma ideologia Nacionalista, secular ou qualquer outra. Mas o Estado Islâmico é aquele que é administrado com base nos ‘princípios islâmicos’ estabelecidos na sharia”. Tradução nossa.

<sup>23</sup> “Mawdudi chamava por uma *jihad* universal. Assim como o profeta lutou contra os *jahiliyya*, os muçulmanos devem usar todos os meios ao seu alcance para resistir à moderna *jahiliyyah* do Ocidente”. Tradução nossa.

revolucionária que busca modificar a ordem social e moldar a sociedade baseado em suas crenças e regras, além disso, os muçulmanos não representam uma nação, mas sim um partido revolucionário criado para atingir esses objetivos. Deste modo, a *jihad* “refers to that revolutionary struggle and utmost exertion which the Islamic Party brings into play to achieve this objective<sup>24</sup>” (2006, p. 5). Por fim, o filósofo descreve em linhas gerais os objetivos principais dessa luta

The purpose of Islam is to set up a state on the basis of its own ideology and programme, regardless of which nation assumes the role of the standard-bearer of Islam or the rule of which nation is undermined in the process of the establishment of an ideological Islamic State. Islam requires the earth—not just a portion, but the whole planet—not because the sovereignty over the earth should be wrested from one nation or several nations and vested in one particular nation, but because the entire mankind should benefit from the ideology and welfare programme or what would be truer to say from ‘Islam’ which is the programme of well-being for all humanity. Towards this end, Islam wishes to press into service all forces which can bring about a revolution and a composite term for the use of all these forces is ‘Jihad’<sup>25</sup> (MAWDUDI, 2006, p. 7).

As ideias de Mawdudi foram desenvolvidas em meio ao fim do domínio britânico sobre a Índia no século XIX, que sucedeu partilha do território entre dois Estados distintos, a Índia e o Paquistão, e as ideias de Mawdudi possibilitaram a criação do primeiro Estado Islâmico, no Paquistão (DEMANT, 2011). Além disso, as ideias de Mawdudi serviram de grande inspiração para Sayyid Qutb, que é considerado o verdadeiro precursor do pensamento fundamentalista no islã (ARMSTRONG, 2001).

### 2.3.2 Sayyid Qutb

O egípcio Sayyid Qutb (1906-1966), educador, escritor e ativista político, é considerado como o precursor do pensamento fundamentalista sunita e suas ideias serviram de influência para diversas correntes islamitas e grupos radicais. O Egito, antiga província do Império Otomano que havia sido invadida por tropas britânicas no fim do século XIX, em

<sup>24</sup> “Refere-se a essa luta revolucionária e máximo esforço que o Partido Islâmico traz para alcançar esse objetivo”. Tradução nossa.

<sup>25</sup> “O objetivo do Islã é estabelecer um Estado com base em sua própria ideologia e arranjos, independentemente de qual nação assumo o papel de porta-estandarte do Islã ou de qual nação é minada no processo de estabelecimento de um Estado islâmico. O Islã exige a terra - não apenas uma porção, mas todo o planeta - não porque a soberania sobre a terra deva ser arrancada de uma nação ou de várias nações e investida em uma nação específica, mas porque toda a humanidade deve se beneficiar da ideologia e do seu bem-estar. programa ou o que seria mais verdadeiro dizer do "Islã", que é o programa de bem-estar para toda a humanidade. Para este fim, o Islã deseja pressionar para o serviço de todas as forças que podem trazer uma revolução e um termo composto para o uso de todas essas forças é ‘Jihad’”. Tradução nossa.

1882, foi o primeiro país a desenvolver uma revolta nacionalista contra o Imperialismo Europeu. Graças a esses movimentos nacionalistas, em 1919 houve uma grande revolta popular que demandava a independência Egípcia, formalizada em 1922, tornando-se o Reino Independente do Egito (ARMSTRONG, 2001).

Porém, de acordo com Demant (2011, p. 204), neste regime “uma sociedade civil ativa e relativamente liberal se desenvolveu, mas a monarquia egípcia dependia do apoio inglês e se tornou corrupta e ineficaz”, fazendo com que a Monarquia encontrasse uma forte oposição no país. Esta oposição se deu principalmente pela Sociedade dos Irmãos Muçulmanos (*al-ikhwan al-muslimun*), fundada pelo professor Hasan al-Banna em 1928, considerada por muitos como a primeira organização do islã político. Em linhas gerais, Munson define que as principais preocupações de al-Banna e da irmandade se baseavam na dominação europeia sobre o Egito e na consequente miséria do povo Muçulmano, se comparados aos Europeus

The primary concerns of the Muslim Brotherhood centered on the domination of Egypt by foreign powers, the poverty of the Egyptian people, and the declining morality they identified in both the Egyptian state and the lives of individuals throughout Egypt. The solution to these and other problems was an embrace of Islamic teachings and an understanding that all Muslims comprise a single cohesive community and must work together to resist the encroachment of corrupt Western influences<sup>26</sup> (MUNSON, 2001, p. 489).

Ainda, segundo Armstrong (2001, s/p), durante os primeiros anos de atividade, o objetivo principal de al-Banna era a reeducação dos muçulmanos, e a sociedade dos Irmãos Muçulmanos era um movimento apolítico que buscava uma reforma religiosa onde “seu principal objetivo era a educação. Quando absorvesse a mensagem do Islã e se deixasse transformar por ela, a nação se tornaria muçulmana sem nenhuma conquista violenta”. Além disso, al-Banna também acreditava na ideia de *jihad*, contudo, esta por meio da educação, e não pela violência. Porém, junto com o seu crescimento no número de seguidores, no final da década de 30, a Sociedade adquiriu uma face mais política, e nos anos 50 e 60 um viés radical após o assassinato de seu fundador, Hasan al-Banna.

Segundo Munson (2001), foi durante a década de 50, já no governo de Carnal Abdel Nasser (1918-70), que Sayyid Qutb se juntou a Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, e se tornou um de seus principais ideólogos. Em 1952, Nasser havia dado um golpe de Estado

<sup>26</sup> “As principais preocupações da Irmandade Muçulmana centraram-se na dominação do Egito por potências estrangeiras, a pobreza do povo egípcio e a moralidade declinante que eles identificaram tanto no estado egípcio quanto na vida dos indivíduos em todo o Egito. A solução para esses e outros problemas era o abraçar dos ensinamentos islâmicos e um entendimento de que todos os muçulmanos formam uma comunidade única e coesa e devem trabalhar juntos para resistir à invasão de influências ocidentais corruptas”. Tradução nossa.



juntamente com o Movimento dos Oficiais Livres, na então fragilizada monarquia que governava o Egito desde 1922, caracterizada pela constante corrupção e pela dominação britânica. Nos anos seguintes Nasser se tornaria um dos governantes mais populares da região, caracterizando-se como um líder Nacionalista e secularista.

Seu nacionalismo militante era muito diferente do antigo ideal liberal. Ao contrário dos intelectuais egípcios dos anos de 1920 e 1930, os novos nacionalistas árabes não estavam encantados com o Ocidente, nem queriam saber do "liberalismo" parlamentarista que fracassara tão fragorosamente no Oriente Médio. Nasser optou por um regime socialista e cortejava os soviéticos. Pretendia expulsar os ingleses de uma vez por todas e em relação a Israel e ao Ocidente mantinha uma atitude ousada para seu povo. Desenvolveu uma política externa pan-arabista, enfatizando a solidariedade do Egito com outros países asiáticos e africanos que lutavam para libertar-se do jugo europeu. Também era decididamente secularista; nada, nem mesmo a religião podiam interferir no interesse nacional; tudo, inclusive a religião, devia subordinar-se ao Estado (ARMSTRONG, 2001, s/p).

Inicialmente, a Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, que agora era liderada por Hasan Ismail al-Hudayb, apoiou o governo de Nasser e se juntou ao movimento dos Oficiais livres, por este se apresentar como uma oposição a monarquia e a influência britânica no Egito, e na região. Entretanto, a relação amigável das duas partes durou apenas dois anos, já que pelo característica secularista de Nasser, o governo e a Irmandade divergiam opiniões sobre a importância do Islã no Egito, que conseqüentemente causou conflitos entre as duas partes e "em 1954, o regime reprimiu a Irmandade após uma tentativa desta de assassinar o presidente Nasser; executou alguns líderes e encarcerou outros – entre eles, Sayyid Qutb" (DEMANT, 2011, p. 204), e conseqüentemente sentenciado a morte e enforcado em 1966.

Foi durante o período de encarceramento, que o ativista desenvolveu suas principais obras e ideias revolucionários e radicais, porém para compreender como surgiram as primeiras ideias de Qutb, é necessário analisar alguns anos anteriores em sua vida. Na década de 40, Qutb trabalhava a serviço do Ministério da Educação do Reino Independente do Egito, porém se tornou forte opositor a Monarquia, até se tornar membro partido de oposição, o partido nacionalista Wafd, o que causou uma discordância entre Qutb e seus superiores do Ministério (MUNSON, 2001).

Neste sentido, Qutb é enviado para os Estados Unidos, em 1948, para uma missão de estudos, supondo-se que "that direct acquaintance with America would incline him more favourably to official policies and induce him to abandon the oppositional activities that were

increasingly taking on an Islamic dimension<sup>27</sup>” (QUTB, 2006, p. 8). Entretanto, esta viagem aos Estados Unidos, de acordo com Wright (2007), é considerada como o momento de ruptura na vida do escritor. Até aqui, Qutb era um nacionalista e apesar de muçulmano, não se considerava um homem religioso, além disso, mesmo que demonstrasse certa preocupação com o Ocidente que considerava como uma “uma única entidade cultural”, se refere mais propriamente a Europa, e ainda não nutria um ódio pelos Estados Unidos, pois,

Mantinhm-se afastados das aventuras coloniais que caracterizaram as relações da Europa com o mundo árabe. Ao final da Segunda Guerra Mundial, haviam superado a divisão política entre colonizadores e colonizados. De fato, era tentador imaginar os Estados Unidos como o paradigma anticolonial: uma nação subjugada que se libertara e sobrepujara, triunfante, os antigos senhores. O poder do país parecia residir em seus valores, e não em noções europeias de superioridade cultural ou raças e classes privilegiadas. E, como se diziam uma nação de imigrantes, mantinham relações permeáveis com o resto do mundo. Os árabes, como a maioria dos outros povos, haviam criado suas próprias colônias dentro dos Estados Unidos, e laços de afinidade os aproximavam dos ideais que o país alegava defender (WRIGHT, 2007, p. 20-21).

São considerados dois pontos na mudança de pensamento negativa de Sayyid Qutb sobre os Estados Unidos, o primeiro foi que a viagem de Qutb se deu na mesma época que a primeira Guerra árabe-israelense (1948-1949) balançava o mundo árabe, e o apoio dos Estados Unidos a causa sionista, causou espanto em Sayyid Qutb; e o segundo foi o comportamento da sociedade norte-americana, que apesar de ser um país desenvolvido e socialmente organizado, tinha uma sociedade “decadente, sexualmente depravada, vazia, materialista, superficial, pagã e ignorante” (BURKE, 2007, p. 70). Assim, quando retorna para o Egito, Qutb se junta a Sociedade dos Irmãos Muçulmanos e em 1954 é preso pelas forças do governo Nasser juntamente com seus demais companheiros de Irmandade sendo condenado à morte em 1965, e enforcado no ano seguinte.

Ainda que tivesse desenvolvido ideias contrárias ao Ocidente em sua visita aos Estados Unidos, foi na prisão, após receber um tratamento agressivo (foi torturado, espancado), que Qutb desenvolveu suas principais obras e ideias revolucionárias e radicais. As obras de Mawdudi foram descobertas por Qutb durante seus anos na prisão, e serviram de grande inspiração para o escritor, que se sentia atraído por seus discursos antiocidentais, que acreditavam em um governo regido na centralidade de Deus e de que o islã bastava a si mesmo, e que deveria ser estabelecido um Estado que fosse governado pelas leis da *Sharia*.

<sup>27</sup> “Que o contato direto com os Estados Unidos iria incliná-lo mais favoravelmente para as políticas oficiais e induzi-lo a abandonar as atividades de oposição que estavam cada vez mais assumindo uma dimensão islâmica”. Tradução nossa.

Além disso, particularmente por Qutb dois preceitos utilizados nas obras de Mawdudi chamaram a atenção do escritor que absorveu, expandiu e radicalizou em suas obras: a importância da *Jihad* e a ideia de que os muçulmanos deveriam lutar contra a *jahillyya* que dominava o mundo atual (ARMSTRONG, 2001).

Primeiramente, assim como Mawdudi, as obras e ideologias de Qutb eram veemente anticidentais, o escritor não só criticava a sua sociedade e seu modo de vida, mas também sua estrutura e seus sistemas de governo que, segundo ele, haviam entrado em declínio. Entretanto, para Qutb esse declínio não era resultado de uma economia ou culturas fracas, e sim porque faltavam os valores corretos a esses povos para liderar a sociedade. Deste modo, era necessário que uma nova liderança surgisse na sociedade.

It is necessary for the new leadership to preserve and develop the material fruits of the creative genius of Europe, and also to provide mankind with such high ideals and values as have so far remained undiscovered by mankind, and which will also acquaint humanity with a way of life which is harmonious with human nature, which is positive and constructive, and which is practicable<sup>28</sup> (QUTB, 2006, p. 23).

Não só o Ocidente estava sofrendo pela má governabilidade, mas também o mundo muçulmano, sendo que todas as ideologias seculares, nacionalistas, democráticas, socialistas e capitalistas que haviam se desenvolvido no mundo moderno não correspondiam mais às necessidades dos homens, em resumo o autor afirma que “all man-made individual or collective theories have proved to be failures and unsustainable<sup>29</sup>” (QUTB, 2006, p. 24). Neste sentido, as ideologias de Qutb se completam com as de Mawdudi, ambos não aceitaram um governo onde houvesse uma liderança do “homem sobre o homem” pois “a soberania não pertence ao homem, mas só a Deus. Ao homem, mero *makhluq*, criatura (como o resto da nação), não cabe se arrogar mais do que servir ao seu criador.” (DEMANT, 2011, p. 209). Neste sentido, Qutb (2006) afirma que a única doutrina que poderia salvar a humanidade seria o islã, pois é o único sistema que obtém os valores e modos de vida corretos, e onde os homens poderiam ser realmente livres.

Por viver em uma sociedade liderada por homens, onde Alá não era o centro de tudo, segundo Armstrong (2001), Qutb acreditava que o mundo estava vivendo novamente em uma

---

<sup>28</sup> “É necessário que a nova liderança preserve e desenvolva os frutos materiais do gênio criativo da Europa, e também forneça à humanidade os ideais e valores tão elevados que até agora não foram descobertos pela humanidade, e que também familiarizará a humanidade com um caminho da vida que é harmoniosa com a natureza humana, que é positiva e construtiva, e que é praticável”. Tradução nossa.

<sup>29</sup> “Todas as teorias individuais ou coletivas feitas pelo homem provaram ser falhas e insustentáveis”. Tradução nossa.

*jahillyya*, igualmente aos povos árabes tinham vivido antes da revelação de Maomé. Entretanto, diferente de Mawdudi, que em suas obras afirmava que o Ocidente vivia em uma *jahillyya* a qual os muçulmanos deveriam enfrentar, Qutb acreditava que toda a humanidade estava imersa em uma, inclusive o mundo muçulmano, isso se dava porque a sociedade e os governos muçulmanos, se rebelaram “against Allah's sovereignty on Earth<sup>30</sup>”. Porém, Qutb ainda cita que esta *jahillyya* era ainda mais profunda do que a vivida antes da revelação

O nacionalismo (que erige o Estado em valor supremo), o comunismo (que é ateu) e a democracia (na qual o povo usurpa o poder de Deus) constituem manifestações de jahiliyyah, que adora a humanidade em vez da divindade. Trata-se de um estado de impiedade e apostasia. Qutb considerava a moderna jahiliyyah, no Egito e no Ocidente, ainda pior que a da época do Profeta, porque não se devia à "ignorância", mas era uma rebelião consciente contra Deus (ARMSTRONG, 2001, s/p).

Neste sentido, para Qutb (2006), esse estado – a *jahillyya* – não era uma condição atual apenas dos não muçulmanos, mas os fiéis também, que haviam tido suas crenças poluídas por influências externas, por uma sociedade, por uma tradição e por uma liderança *jahillyya*. Desse modo, os muçulmanos deveriam se desprender dessa cultura e reeducar-se, para que se voltasse a viver como os *salafis* – nome dado a primeira geração de muçulmanos -, que Qutb denomina como “a geração dos companheiros de Maomé”. Para ele era uma geração de muçulmanos pura, já que tinha sido guiada diretamente por Maomé, assim “os fiéis de hoje devem modelar seu pensamento e suas ações no exemplo dado pelo Profeta e seus companheiros que estabeleceram a primeira e ideal comunidade muçulmana, diretamente inspirada e guiada por Deus” (DEMANT, 2011, p. 210). Então, para que fosse possível a implementação do islã em um Estado – sociedade, era necessário que os muçulmanos modificarem e purificarem suas crenças para assim poder modificar a sociedade

Our foremost objective is to change the practices of this society. Our aim is to change the Jahili system at its very roots, this system which is fundamentally at variance with Islam and which, with the help of force and oppression, is keeping us from living the sort of life which is demanded by our Creator<sup>31</sup> (QUTB, 2006, p. 35).

Para Qutb, por esta nova *jahillyya* tomar uma forma concreta, onde se desenvolva como um movimento, que está intrínseco na sociedade, na cultura e nos governos, é

<sup>30</sup> “Contra a soberania de Allah na Terra”. Tradução nossa.

<sup>31</sup> “Nosso principal objetivo é mudar as práticas dessa sociedade. Nosso objetivo é mudar o sistema Jahili em suas raízes, este sistema que está fundamentalmente em desacordo com o Islã e que, com a ajuda da força e da opressão, está nos impedindo de viver o tipo de vida que é exigido por nosso Criador”. Tradução nossa.

necessário que os fiéis se unam para derrubar este estado de ignorância. Assim, depois que a *umma* se unificasse era necessário que houvesse uma luta armada contra aqueles que se opuserem a soberania de Alá, onde “não são mais possíveis nem uma simples defesa do islã, tampouco uma reforma pacífica de uma sociedade tão infectada. Só uma revolução poderia adiantar” (DEMANT, 2011, p. 212). Segundo Armstrong (2001), Qutb acreditava que os muçulmanos dos dias atuais, deveriam seguir os mesmos estágios que Maomé e os companheiros do profeta trilharam para criar uma sociedade muçulmana ideal, onde foi necessária uma *jihad* contra os infiéis de Meca. Segundo Qutb, essa nova *jihad* seria necessária

To establish Allah's authority in the earth; to arrange human affairs according to the true guidance provided by Allah Almighty; to abolish all the Satanic forces and Satanic systems of life and to end the lordship of one man over others since all men are creatures of Allah and no one has the authority to make them his servants or to make arbitrary laws for them. These reasons are sufficient for proclaiming Jihad. However, one should always keep in mind that there is no compulsion in religion; that is, once the people are free from the lordship of men, the law governing civil affairs will be purely that of Allah, while no one will be forced to change his beliefs and accept Islam<sup>32</sup> (2006, p. 81)

Por fim, também é importante ressaltar a ideia de Qutb de que aqueles que não se curvaram as ideias de Alá, eram apóstatas, ou takfir (BERGEN, 2011). As ideias de Qutb serviram de inspiração para diversos movimentos egípcios, principalmente após a sua morte e também para diversos grupos radicais sunitas atuais, como é o caso da Al-Qaeda onde seus principais líderes Azzam e Osama Bin Laden também acreditam que a *Jihad* é o pilar central do islã.

### 2.3.3 Al-Qaeda

A Organização terrorista Al-Qaeda obteve alcance ficou conhecida mundialmente em 2001, após ter sido considerada a perpetradora dos ataques de 11 de setembro que assolaram os Estados Unidos. A partir deste período, a Al-Qaeda e seu líder, Osama Bin Laden,

---

<sup>32</sup> “Para estabelecer a autoridade de Alá na terra; organizar os assuntos humanos de acordo com a verdadeira orientação fornecida por Alá Todo-Poderoso; abolir todas as forças satânicas e sistemas satânicos de vida e acabar com o senhorio de um homem sobre os outros, já que todos os homens são criaturas de Alá e ninguém tem autoridade para fazê-los seus servos ou para fazer leis arbitrárias para eles. Essas razões são suficientes para proclamar a Jihad. No entanto, deve-se sempre ter em mente que não há compulsão na religião; isto é, uma vez que o povo esteja livre do senhorio dos homens, a lei que rege os assuntos civis será puramente de Alá, enquanto ninguém será forçado a mudar suas crenças e aceitar o Islã.” Tradução nossa.

tornaram-se os inimigos públicos número um do país norte-americano. Para compreender como a Al-Qaeda surgiu, como funciona esta organização, seus principais objetivos e táticas, é necessário analisá-la desde antes de sua criação.

### 2.3.3.1 Criação da Al-Qaeda

Apesar de ter recebido destaque internacional a partir de 2001, com os atentados de 11 de setembro aos Estados Unidos, a organização terrorista islâmica Al-Qaeda (a base), já operava a alguns anos e seu surgimento tem raízes nos anos 80, no contexto da Guerra Fria. Durante a Primeira Guerra do Afeganistão (1979-1989), houve a invasão de tropas Soviéticas ao território afegão que foram enviadas como apoio ao governo comunista que havia sido constituído em 1978 após um golpe de Estado, porém este novo governo não conseguiu estabelecer controle na região e despertou opositores, os *mujahidin* – os “guerreiros santos” (SHAHZAD, 2011).

Os opositores ao regime marxista e a invasão das tropas soviéticas então criaram o Movimento Nacional Afegão de Resistência, onde jovens árabes “from around the world flocked to Afghanistan to join as volunteers in what was seen as a ‘holy war’ – jihad – against the invader. The largest numbers came from the Middle East<sup>33</sup>” (9/11 report). Entre os homens que se voluntariaram para combater os soviéticos, estavam o palestino Abdallah Azzam, com o egípcio Ayman Al-Zawahiri e também com o saudita Osama Bin Laden que futuramente teriam papel fundamental na criação da Al-Qaeda. Muito se atribui a criação da Al-Qaeda a Osama Bin Laden, mas esta não seria possível sem o principal mentor de Bin Laden, Abdallah Azzam. O palestino, Abdullah Azzam (1941-1989), era um professor universitário na Arábia Saudita quando se iniciaram os conflitos no Afeganistão, e este interessou pela *jihad* afegã após ter tido um encontro, em 1980, com seus principais líderes que pediam pela assistência do Golfo no conflito (WRIGHT, 2007).

Além disso, tinha um grande interesse na *jihad* pois suas ideias eram fortemente influenciadas nas obras de Sayyid Qutb, Azzam tinha participado da Sociedade dos Irmãos muçulmanos, e assim como Qutb, acreditava que a luta do islã era contra a *jahilliyya*, “o mundo da descrença vigente antes do islã e que continuava corrompendo e solapando os fiéis com a sedução do materialismo, secularismo e igualdade sexual” (WRIGHT, 2007 p. 113). Segundo Burke (2007), Azzam foi de grande importância para maior mobilização e unificação

---

<sup>33</sup> “De todo o mundo reuniram-se no Afeganistão para se juntar como voluntários no que foi visto como uma ‘guerra santa’ - jihad - contra o invasor. Os maiores números vieram do Oriente Médio”. Tradução nossa.

dos *mujahidin*, principalmente dos não afegãos, incentivando esses voluntários a lutar na *jihad*.

Foi neste período que Azzam conheceu Osama Bin e se tornou seu primeiro guia espiritual. O saudita Osama Bin Laden (1957-2011) era um dos 54 filhos do milionário Mohamed Bin Laden (1908-1967), conhecido como dono da construtora oficial do reinado saudita. Mohamed morreu em um acidente de helicóptero quando Osama tinha dez anos, assim deixando uma herança milionária para os filhos. Osama Bin Laden, segundo Bergen (2011), desde muito jovem se mostrava religioso, tendo estudado em uma escola onde foi introduzido as ideias da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos por um de seus professores.

Além disso, quando ingressou na universidade de Abdul Aziz em Jedá, quando tinha 17 anos para cursar engenharia, Bin Laden também cursava aulas de estudos islâmicos, que eram obrigatórias na Universidade. Esses estudos eram lecionados, segundo Burke (2007, p. 65), pelos principais ativistas do radicalismo islâmico da época, como é o caso de Azzam e de Mohammed Qutb – irmão de Sayyid Qutb -, esses estudos eram obrigatórios a mando do governo árabe saudita “como parte de sua campanha para conter o socialismo ateu que era então a ideologia dominante no Oriente Médio”.

Assim, quando se forma na universidade em 1979, Osama Bin Laden já era considerado um homem devoto que foi “exposto à frente do radical islâmico” (BURKE, 2007, p. 65), e se sentia inspirado pelas ideologias da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos e pelas ideias de homens como Sayyid Qutb. Além disso, segundo Bergen (2011), Osama Bin Laden cresceu em um cenário único, onde uma forte mudança religiosa mobiliza o mundo muçulmano, que tinha se iniciado com Sayyid Qutb no Egito.

De acordo com Kepel (2001), em 1979, Osama Bin Laden fez uma viagem a Peshawar, que era o quartel-general dos rebeldes, onde encontrou-se com líderes de partidos islamitas da causa afegã, para se informar da situação do conflito e para se voluntariar a causa. Neste sentido, Osama se junta a *jihad* afegã, com o objetivo de angariar fundos para a mesma, o que fez até 1982, que segundo Sá (2017, p. 3) foi feito “com grandes doações em dinheiro e com o empréstimo de perfuradores e escavadeiras da empreiteira de sua família, utilizados para a construção de abrigos nas regiões montanhosas afegãs”. Em 1984, segundo Wright (2007), quando finalmente muda-se oficialmente para Peshawar, Azzam juntamente com Bin Laden cria então a organização considerada a precursora da Al-Qaeda. Esta organização, financiada por Bin Laden, era chamada de Maktab al-Khidamat (MAK), e servia como uma rede de escritórios que tinha como objetivo de arrecadar fundos e supervisionar os

voluntários a jihad afegã que chegavam a Peshawar, tendo escritórios não só em no Oriente Médio, mas também na Europa e nos Estados Unidos (ROLLINS, 2011).

Também, foi por volta de 1984 que Bin Laden começou a participar das frentes de batalha junto com os *mujahidin*, o que se tornou sua principal atividade. Além disso, em 1986, Bin Laden criou seus próprios campos de treinamento para os *mujahidin* no Afeganistão, o que o tornou mais próximo dos rebeldes e também uma figura conhecida na região, onde sua “riqueza y su generosidad, la simplicidad de su carácter y su encanto personal, y su valentía en el combate empezaron a tejer entonces una leyenda en torno de su persona<sup>34</sup>” (KEPEL, 2001, p. 503). Em 1988, o conflito entre os *mujahidin* e as tropas soviéticas estava chegando ao fim, com uma vitória iminente dos apoiadores a causa afegã, e já em 1989 começa a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão. Neste sentido, Azzam, Bin Laden e os principais colaboradores da MAK, debatiam qual seria o rumo dos rebeldes, onde acreditavam que a organização não poderia se dissolver após o fim do conflito, e para Osama Bin Laden a *jihad* não deveria se limitar ao Afeganistão

A guerra do Afeganistão tinha terminado, e a unidade que um objetivo comum havia imposto aos diversos grupos de extremistas islâmicos que tinham enfrentado os soviéticos estava se desintegrando. Para grande tristeza de Bin Laden, divergências nacionais e étnicas se reafirmavam fortemente entre os voluntários. Seu grupo foi formado com o objetivo definido de superar essas divergências e criar um “exército internacional” que defenderia os muçulmanos da opressão, embora o modo como isso seria feito permanecesse incerto (BURKE, 2007, p. 23).

Para muitos analistas, foi neste período, que a organização terrorista Al-Qaeda foi criada, segundo Relatório sobre o 11 de Setembro, feito pela Comissão de inquérito dos EUA (2004), Bin Laden e Azzam estabeleceram uma base ou fundação bem estruturada que servia como potencial quartel general para uma futura *jihad*

This organization’s structure included as its operating arms na intelligence componente. A military committee, a financial committee, a political committee, and a committee in charge of media affairs and propaganda. It also had na Advisory Council (shura) made upon Bin Ladin’s inner circle<sup>35</sup> (9/11 REPORT, ANO, P).

<sup>34</sup> “Riqueza e generosidade, a simplicidade de seu caráter e seu charme pessoal, e sua coragem em combate começaram a tecer então uma lenda em torno de sua pessoa”. Tradução nossa.

<sup>35</sup> “A estrutura dessa organização incluía como braços operacionais um componente de inteligência. Um comitê militar, um comitê financeiro, um comitê político e um comitê encarregado de assuntos de mídia e propaganda. Também tinha um Conselho Consultivo (shura) feito no círculo interno de Bin Laden”. Tradução nossa.



Porém, segundo Burke (2007), apesar de utilizarem o nome “Al-Qaeda”, Bin Laden e principalmente Azzam se referiam mais a uma tática do que a uma organização propriamente estruturada. Isso se dá, porque a palavra Al-Qaeda que em árabe significa “a base”, era muito utilizada na década de 80 pelos rebeldes afegãos para se referir “a base” de qual eles operaram. Segundo o autor, Azzam utiliza o termo para se referir ao grupo de militantes que após a guerra do Afeganistão seguiram em uma jihad contra o inimigo, estes seriam os *mujahidins* mais comprometidos com a causa, assim

Azzam certamente via a Al-Qaeda como uma base, mas uma base que deveria ser composta de indivíduos comprometidos com a causa que provocaria uma grande mudança mediante o peso cumulativo de suas ações [...] Em suma, seriam a revolucionária “vanguarda dos fortes” que iria radicalizar o mundo islâmico (2006, p. 22).

Neste sentido, apesar de ser formado um grupo de militantes liderados por Azzam e Bin Laden que seguiram comprometidos com a *jihad* após o fim do conflito no Afeganistão, este grupo não era tão organizado e estruturado e tão pouco se denominava “Al-Qaeda”. Neste período, segundo (9/11 report), houve uma divergência de pensamentos entre Osama e Azzam, onde o primeiro como já mencionado queria criar um grupo, um “exército internacional” que estivesse apto a uma jihad em qualquer lugar do mundo. Já Azzam, acreditava que os *mujahidin* deveriam continuar a *jihad* no Afeganistão até que se transformasse o país em um Estado Islâmico, e depois que a luta seguisse contra Israel. Outro fato importante no distanciamento entre Azzam e Bin Laden, foi a aproximação do último com o médico egípcio é um dos líderes da jihad islâmica (no Egito) Ayman Al-Zawahiri, que compartilhava as ideias de uma jihad mais radical, enquanto Azzam tinha uma visão mais moderada. Segundo Bergen,

Zawahiri nurtured a far more radical interpretation of jihad than Azzam’s vision of rolling back non-Muslims who had invaded Islamic lands, as the Soviets had in Afghanistan. The Egyptian doctor was a revolutionary who wanted a regime change across the Middle East, something that Azzam would have no part of, as this was to engage in fitna: sowing discord within the Muslims community. Azzam did not approve of intra-muslim violence. But Zawahiri gradually won over bin Laden to his more expansive view of jihad<sup>36</sup> (2011, p. 17).

---

<sup>36</sup> “Zawahiri fez uma interpretação muito mais radical da jihad do que a visão de Azzam sobre o retrocesso de não-muçulmanos que invadiram terras islâmicas, como os soviéticos tinham no Afeganistão. O médico egípcio era um revolucionário que queria uma mudança de regime em todo o Oriente Médio, algo de que o Azzam não faria parte, pois isso era se engajar em uma fitna: semear discórdia dentro da comunidade muçulmana. Azzam não aprovou a violência intra-muçulmana. Mas Zawahiri gradualmente conquistou Bin Laden para sua visão mais expansiva da jihad”. Tradução nossa.

Já Kepel (2001), afirma que não há vestígios claros do motivo do distanciamento entre os dois líderes, mas quando Azzam é assassinado em um atentado em 1989, junto com seus dois filhos, Osama e Zawahiri são acusados como principais suspeitos. Com a ausência de Abdallah Azzam, Osama Bin Laden se torna o principal líder da Al-Qaeda e do restante da MAK. Até aqui, segundo Bergen (2011), Osama Bin Laden não nutria um ódio pelos Estados Unidos, cenário que se modifica no fim dos anos 80 por dois motivos: O apoio dos Estados Unidos a Israel e a presença de tropas norte-americanas no território da Arábia Saudita em detrimento da Guerra do Golfo (1990-1991).

Em 1989, após a retirada das tropas soviéticas do território afegão, Bin Laden deixa o Paquistão e volta para a Arábia Saudita, seu país de origem. Em 1990, quando o Iraque governado por Saddam Hussein invade o Kuwait, segundo Rollins (2010, p. 6), Osama Bin Laden oferece seus serviços e dos mujahidin, ao rei da Arábia Saudita para expulsar as tropas iraquianas, “he lobbied Saudi officials not to host U.S. combat troops to defend Saudi Arabia against an Iraqi invasion, arguing instead for the raising of a ‘mujahedin’ army to oust Iraq from Kuwait<sup>37</sup>”. Porém, de acordo com Bergen (2011), o rei Riad negou a ajuda de Bin Laden considerando-a impraticável, e aceitou a ajuda das tropas norte-americanas, o que representava a presença de forças externas nas terras sagradas do islã, para Bin Laden. Este fato fez com que Bin Laden se juntasse a opositores da realeza, o que conseqüentemente o fez ser perseguido e hostilizado pela mesma, fazendo-o fugir para o Sudão, em 1991.

No Sudão, Osama Bin Laden ficou até 1996 e, durante esses cinco anos, ele cria campos de treinamento para treinar os *jihadistas*. Segundo Burke (2007) o líder de governo do regime islamita do Sudão, Hassan al Turabi (1932 – 2016), convidou os *jihadistas* e Bin Laden para que estes se instalassem no país e dali construíssem suas bases de treinamento. Em troca, Osama ajudou o governo financeiramente, também ajudou na construção de rodovias “pelo deserto, de Cartum a Porto Sudão”, e na construção novo aeroporto no Sudão.

Neste sentido, segundo Guranatna (2014, s/p), foi no Sudão que “Bin Laden was able to implement his vision of the ‘base’ and establish avast complex of training camps for newly recruited Jihad fighters<sup>38</sup>” e, além disso, foi neste período que Osama obteve mais contatos entre militantes e grupos radicais, que o apoiaram posteriormente. Ainda, foi neste período

---

<sup>37</sup> “Ele pressionou as autoridades sauditas para que não hospedassem tropas de combate dos EUA para defender a Arábia Saudita contra uma invasão iraquiana, argumentando em vez disso pela criação de um exército ‘mujahedin’ para expulsar o Iraque do Kuwait”. Tradução nossa.

<sup>38</sup> “Bin Laden foi capaz de implementar sua visão da ‘base’ e estabelecer um vasto complexo de campos de treinamento para os combatentes da Jihad recém-recrutados”. Tradução nossa.

que o ódio de Bin Laden ao Estados Unidos se intensificou, tendo dois motivos: a permanência das tropas norte americanas na Arábia Saudita e, a chegada de tropas na Somália, em uma missão humanitária, segundo Bergen (2011, p. 20), “Al-Qaeda saw the arrival of those troops [...] as a part of a larger American strategy to colonize ever greater chunks of the Muslim world<sup>39</sup>”. Ademais, de acordo com Sá (2007), Bin Laden e a Al-Qaeda se estabeleceram no país por cinco anos, até ter sua permanência caçada pelo governo de Hassan al Turabi, pela pressão externa que estava sofrendo dos países atacados, como os Estados Unidos e o Egito, pela Al-Qaeda e seus filiados. O estopim se deu na tentativa de assassinato do presidente do Egito em 1995, fazendo com que Osama Bin Laden e seus seguidores migrassem para o Afeganistão, onde Bin Laden firmou um acordo com o líder Talibã, Mula Omar (1960-2013), com quem firmou uma parceria.

No Afeganistão, apesar de já haver uma certa atividade de um grupo de rebeldes que Bin Laden liderava, segundo Burke (2007), é neste período de 1996 a 2001, que a Al-Qaeda realmente começa a tomar forma de uma organização estruturada. O autor afirma que neste período a Al-Qaeda contava com três elementos importantes e que são necessários para se entender a natureza do grupo: “um núcleo, uma rede de grupos cooptados e uma ideologia” (2007, p. 28). Este núcleo contava com os principais colaboradores de Bin Laden desde o fim da guerra do Afeganistão e também os principais militantes radicais em atuação no mundo. Já a rede de grupos cooptados, se refere aos diversos grupos e militantes que ao migrarem para o Afeganistão tinham algum tipo de ligação com Osama e a Al-Qaeda, porém o autor afirma que nem Osama ou a Al-Qaeda exerciam algum tipo de liderança sobre esses grupos, que por muitas vezes tinha crenças, ideologias e táticas e recursos diferentes as de Bin Laden.

No período de 1996-2001 havia muitas outras fontes de recursos financeiros, especialização e treinamento além de Bin Laden ou de seus colaboradores próximos. [...] ocasionalmente, os grupos, ou alguns de seus membros colaboravam entre si ou com Bin Laden, se achassem que isso atendia a seus propósitos. Mas, embora muitos deles possam ter visto Bin Laden como uma figura heroica que simbolizava esforços coletivos, indivíduos e grupos tinham seus próprios líderes e suas próprias agendas, muitas vezes profundamente religiosas, que eles não subordinariam as de Bin Laden ou de seus colaboradores nem as de qualquer outro patrocinador (BURKE, 2007, p. 30).

Dentre esses grupos, Sá (2007, p. 6) afirma que desde a transição de MAK para Al-Qaeda até 2013, o grupo militante contava com 56 aliados, contando com as seguintes

---

<sup>39</sup> “A Al-Qaeda viu a chegada dessas tropas [...] como parte de uma estratégia norte-americana maior para colonizar pedaços cada vez maiores do mundo muçulmano”. Tradução nossa.

categorias: “extensão territorial; filiado autônomo; célula independente; aliado ocasional; veteranos da Guerra Soviético-Afegã; sem filiação formal”, e tendo como principais aliados o Al-Shabad (“Os jovens”), Jabhat al-Nusra, Jihad Islâmica Egípcia, o movimento Talibã e o Tehrik-i-Taliban Pakistan (“Movimento Talibã do Paquistão”).

E por fim, e talvez mais importante, o que ligava todos esses indivíduos a Al-Qaeda era o compartilhamento de uma ideologia semelhante, onde os grupos e indivíduos atraídos pela causa de Bin Laden compartilhavam de suas ideias e objetivos. Burke (2007, p. 33), afirma que, fazer parte da Al-Qaeda, “não se trata de fazer parte de um grupo. É uma forma de pensar o mundo, de compreender os eventos, de interpretar e de se comportar. ” Essa ideologia era compartilhada pelos vários grupos interligados e afiliados à Al-Qaeda, entretanto ainda assim há uma grande diversidade de pensamentos, ideias e táticas entre os grupos.

### 2.3.3.2 Ideologia da Al-Qaeda

Como já citado anteriormente, o fundamentalismo islâmico ganhou força no século XX, com a falha dos movimentos nacionalistas e seculares em estabilizar os Estados do Oriente Médio. Segundo Sá (2017, p. 2), os grupos radicais islamitas também surgiram neste contexto, principalmente durante as décadas de 70 e 80 onde “apareceram movimentos ativistas islâmicos locais, baseados na crença *salafî*, onde se acredita que o retorno aos costumes dos primeiros seguidores de Maomé é a resposta para reconstrução da glória dos povos islâmicos”. Entretanto, Costa (2009), afirma que a crença *salafî* é reformista, mas inicialmente não tinha vertentes ou ideias radicais, onde o termo denominava apenas aqueles que seguem ou almejam seguir o exemplo dos *salafis*, como já mencionado, o nome denominado aos primeiros companheiros de Maomé. Neste sentido, por se basear na crença *salafî*, grupos militantes como a Al-Qaeda, que surgiram nas décadas de 70 e 80, são inseridos em uma diferente vertente da crença *salafî*, o Salafismo Jihadista, onde une-se os ideais *salafis* com o compromisso desses indivíduos com a jihad, o autor afirma que:

Salafismo jihadista resulta da mescla do conservadorismo salafita (que concentra as suas atenções tradicionalmente nos assuntos internos do Islão) e das tendências jihadistas radicais. Esta corrente combina o respeito pelos textos sagrados na sua forma mais literal com um compromisso absoluto com a jihad (COSTA, 2009, p. 14).

Além disso, a Al-Qaeda e sobretudo Osama Bin Laden, não criam uma ideologia ou ideias, mas baseiam-se seus ideais em outros fundamentalistas, como os ideólogos já mencionados, Mawdudi, e principalmente tem como um de seus grandes ídolos o ideólogo e revolucionário egípcio, Sayyid Qutb. Além disso, é pertinente ressaltar que Osama Bin Laden e a Al-Qaeda seguem a vertente sunita, como já explicada e mencionada no decorrer do respectivo trabalho. Segundo Wright (2007, p. 332), as ideologias de Osama Bin Laden e seus companheiros da Al-Qaeda, ideologias que eram ensinadas e incentivadas nos campos de treinamento do grupo, se distinguem em três pontos, que o autor considera, utópicos: “1. Estabelecer o governo de Deus na Terra; 2. Atingir o martírio na causa de Deus; 3. Purificar as fileiras do islã dos elementos de depravação”.

Além disso, segundo Sá (2017), afirma que o principal objetivo de Osama Bin Laden era a restituição do Califado, onde todos os Estados seculares que infestavam o mundo islâmico fossem abolidos em prol de um califado para todos os muçulmanos. Ainda, cabe destacar que esses grupos militantes, que eram filiados a Al-Qaeda e a ela ao longo de sua existência foram se adaptando ao cenário em que viviam e assim seus objetivos e inimigos eram diversificados, onde o principal inimigo de Bin Laden a partir dos anos 90, segundo Wright (2007, p. 333) eram os norte-americanos e suas tropas, mas segundo o autor também haviam outros “inimigos do islã”: “1. Hereges (os Mubaraks do mundo), 2. Xiitas, 3. Estados Unidos, 4. Israel”. Em consonância com a habilidade da Al-Qaeda e de seus seguidores em se adaptar e adaptar seus objetivos aos cenários que viviam, BURKE (2007, p. 41), resume as principais exigências de Bin Laden e seus companheiros ao longo dos anos, principalmente após a declaração oficial de Guerra contra os Estados Unidos, em 1996

Desde 1996, Bin Laden tem exigido, entre outras coisas, a retirada das tropas norte-americanas da Arábia Saudita, uma reforma fiscal, monetária e de saneamento no reino, o fim das sanções contra o Iraque e também do que ele chama de opressão dos povos da Palestina, Chechênia e Caxemira. Ele condenou os Estados Unidos pelo uso de armas atômicas na Segunda Guerra Mundial, pelo desenvolvimento contínuo de armas atômicas na destruição em massa, por supostos abusos dos “direitos humanos” e pelo apoio a Israel. (BURKE, 2007, p. 41).

Desde a ajuda das tropas norte-americanas na Guerra do Golfo, que se estabeleceram em terras sauditas, Osama já considerava os Estados Unidos como uma ameaça aos muçulmanos, porém é em 1996, segundo Wright (2007), que o *jihadista* declara oficialmente uma guerra contra os Estados Unidos, tornando-se seu principal alvo através de uma *fatwa* publicada neste ano, denominada “Declaration of War against the Americans Occupying the

Land of the Two Holy Places’’. Nesta mensagem, Osama declara uma *jihad* contra os Estados Unidos e suas tropas que se estabeleceram em terras sagradas do Islã. Essa declaração era uma forma de oficializar e tornar público que seu alvo era principalmente os Estados Unidos, além disso, neste documento de doze páginas, mandava um recado para os jovens muçulmanos.

My Muslim Brothers of The World: Your brothers in Palestine and in the land of the two Holy Places are calling upon your help and asking you to take part in fighting against the enemy --your enemy and their enemy-- the Americans and the Israelis. they are asking you to do whatever you can, with one own means and ability, to expel the enemy, humiliated and defeated, out of the sanctities of Islam<sup>40</sup> (BIN LADEN, 1996, s/p).

Em 1998, segundo Kepel (2001), Osama Bin Laden em cooperação com Zawahiri, que toma um papel importante nas operações da Al-Qaeda, criam a “Frente Islâmica Mundial para Jihad contra os Judeus e os Cruzados”, que é oficializada com uma segunda *fatwa*, lançada por Osama Bin Laden e seus companheiros onde, segundo Demant (2011, p. 289), estes acusam os Estados Unidos de três crimes contra Deus: “a ocupação da terra sagrada da Arábia, o apoio dado a ocupação judaica de Jerusalém e o sofrimento imposto aos iraquianos’’. Para Osama, esses três crimes deixavam claro que os Estados Unidos declararam guerra a Alá, as suas mensagens sagradas e aos muçulmanos. Neste sentido, a *fatwa* publicada em 1998, pretendia mostrar aos muçulmanos de todo o mundo que os EUA eram o seu principal inimigo e eram os grandes responsáveis pela opressão vivida pelo povo muçulmano, com destaque para o povo da Arábia Saudita. Esta declaração pretendia, então, incentivar e permitir a prossecução de uma guerra defensiva, isto é, uma *jihad*, que para Osama deveria ser individual, contra o exército e governo dos Estados Unidos.

In compliance with Allah's order, we issue the following fatwa to all Muslims: The ruling to kill the Americans and their allies—civilians and military—is an individual duty for every Muslim who can do it in any country in which it is possible to do it, in order to liberate the al-Aqsa Mosque and the holy mosque [Mecca] from their grip, and in order for their armies to move out of all the lands of Islam, defeated and unable to threaten any Muslim. This is in accordance with the words of Almighty Allah, “and fight the pagans all together as they fight you all together,” and “fight them until there is no more tumult or oppression, and there prevail justice and faith in Allah.” [...] We—with Allah's help—call on every Muslim who believes in Allah

---

<sup>40</sup> “Meus Irmãos Muçulmanos do Mundo: Seus irmãos na Palestina e na terra dos dois Lugares Santos estão chamando sua ajuda e pedindo que vocês participem na luta contra o inimigo - seu inimigo e seu inimigo - os americanos e os israelenses. Eles estão pedindo para você fazer o que puder, com seus próprios meios e habilidades, para expulsar o inimigo, humilhado e derrotado, das santidades do Islã”. Tradução nossa.

and wishes to be rewarded to comply with Allah's order to kill the Americans and plunder their money wherever and whenever they find it. We also call on Muslim ulema, leaders, youths, and soldiers to launch the raid on Satan's U.S. troops and the devil's supporters allying with them, and to displace those who are behind them so that they may learn a lesson<sup>41</sup> (BIN LADEN, 1998, s/p).

Para que se atingisse os objetivos propostos por Bin Laden aos jovens muçulmanos do mundo e a todos aqueles que demonstram vontade em lutar na *jihad* contra os Estados Unidos e contra todos aqueles que se mostrassem inimigos dos fiéis, a Al-Qaeda e seus filiados utilizam de táticas para que seus objetivos fossem propagados. Entre essas táticas estão a utilização da mídia e da propaganda, por meio de cartas, anúncios e declarações de Bin Laden e também de Zawahiri; também entrevistas dadas a jornais e redes de televisão tanto ocidentais quanto árabes, por meio de entrevistas a jornais e também o envio de fitas gravadas pela Al-Qaeda; e principalmente o terrorismo imposto por meio de ataques, tendo como o mais conhecido os atentados de 11 de setembro, que tornaram a Al-Qaeda conhecida mundialmente.

### 2.3.3.3 Táticas da Al-Qaeda

Tendo em vista que o principal objetivo da Al-Qaeda é a restauração do Califado em todas as regiões muçulmanas, onde a *jihad* propagada por Osama e seus companheiros tem por objetivo esse fim, Nóbrega (2013, p. 27) afirma que a estratégia desse grupo, pode ser “caracterizada como um plano de utilização de todos os meios disponíveis e necessários para influenciar os regimes infiéis até que esses mudem as suas políticas, permitindo a criação do Califado”. E para que se chegue aos fins desejados, a autora afirma que os dois principais meios utilizados para propagar suas ideias e objetivos são o terrorismo, e a propaganda, divulgada por meios midiáticos.

O terrorismo é um conceito abrangente e que está sempre em mudança devido ao grande número de indivíduos e grupos que utilizam desta tática para propagar suas ideias,

---

<sup>41</sup> “Em conformidade com a ordem de Alá, emitimos a seguinte fatwa a todos os muçulmanos: A decisão de matar os norte-americanos e seus aliados - civis e militares - é um dever individual de todo muçulmano que pode fazê-lo em qualquer país em que seja possível fazer isso. para libertar a Mesquita de Al-Aqsa e a Mesquita Sagrada [Meca], e para que seus exércitos se mudassem de todas as terras do Islã, derrotados e incapazes de ameaçar qualquer muçulmano. Isto está de acordo com as palavras do Todo Poderoso Alá, “e lutar contra os pagãos todos juntos, enquanto lutam contra todos vocês”, e “combatê-los até que não haja mais tumulto ou opressão, e prevaleça a justiça e a fé em Allah”. [...] Nós - com a ajuda de Alá - convocamos todo muçulmano que acredita em Alá e deseja ser recompensado para cumprir a ordem de Allah de matar os americanos e saquear seu dinheiro onde e quando encontrá-lo. Também apelamos aos ulemás muçulmanos, líderes, jovens e soldados para lançarem o ataque às tropas norte-americanas de Satanás e aos apoiadores do diabo, aliando-se a eles e expulsando aqueles que estão por trás deles para que aprendam uma lição”. Tradução nossa.

porém, é correto afirmar que o terrorismo é sempre utilizado por meio da violência, seja por ataques a indivíduos civis, não-combatentes ou militares. Além disso, as causas do terrorismo variam, podendo ter motivos religiosos, políticos ou ideológicos (CRENSHAW, 1981). Apesar de haver uma certa semelhança entre indivíduos e grupos terroristas é necessário fazer-se uma distinção principal entre terrorismo doméstico e terrorismo internacional. Como terrorismo internacional, o Departamento de Estado dos Estados Unidos define como o terrorismo que envolve cidadãos ou territórios de mais de um Estados (DoS, 2004). Já o terrorismo doméstico, refere-se a atentados e ataques que acontecem por indivíduos ou grupos dentro de seu próprio Estado.

Em um documento publicado pela comissão dos Direitos Humanos da ONU (2008, p. 5), afirma-se que o termo terrorismo, comumente é utilizado “to refer to acts of violence that target civilians in the pursuit of political or ideological aims<sup>42</sup>”. Porém, no documento, afirma-se que o termo abrange uma infinidade de concepções e definições, onde para se referir ao uso do terror por indivíduos ou grupos para propagar seus ideais, sejam eles políticos, religiosos ou ideológicos, a comunidade internacional, por meio de resoluções e declarações definem certos aspectos e elementos chaves do que pode ser considerado terrorismo e o que este afeta.

Em uma resolução da Assembleia Geral da ONU adotada em 2016, a Organização reafirma demais resoluções já publicadas por ela, em conjunto com a comunidade internacional, com o objetivo comum de adotar estratégias e políticas gerais para combater o terrorismo internacional. Desse modo, a resolução reafirma a importância ao combate a todas as ameaças terroristas, em todas as suas formas e manifestações, também reafirma o compromisso dos Estados de cooperar com o combate ao terrorismo. Ademais, nesta resolução a Organização não dá um conceito específico a terrorismo, mas propõe resoluções e condena esses atos, assim a Organização “strongly condemns all acts, methods and practices of terrorism in all its forms and manifestations as criminal and unjustifiable, wherever and by whomsoever committed<sup>43</sup>” (UN, 2016, p. 3), e retifica-se que

Criminal acts intended or calculated to provoke a state of terror in the general public, a group of persons or particular persons for political purposes are in any circumstances unjustifiable, whatever the considerations of a political,

---

<sup>42</sup> “Para referir-se a atos de violência que visam civis na busca de objetivos políticos ou ideológicos”. Tradução nossa.

<sup>43</sup> “Condena veementemente todos os atos, métodos e práticas do terrorismo em todas as suas formas e manifestações, por serem criminosas e injustificáveis, onde e por quem quer que seja”. Tradução nossa.



philosophical, ideological, racial, ethnic, religious or other nature that may be invoked to justify them<sup>44</sup> (UN, 2016, p. 4).

Uma definição pertinente a esta pesquisa, refere-se à conceituação dada pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos (DoS) em 2003, que afirma que nenhuma concepção oficial de terrorismo tenha ganho aceitação universal. Assim, o DoS define como terrorismo “premeditated, politically motivated violence perpetrated against noncombatant targets by subnational groups or clandestine agents, usually intended to influence an audience<sup>45</sup>” (2004, p. 12). Sobre esta definição de terrorismo dada pelo DoS, que é muito aceita e utilizada, Joshua Sinai (2008), afirma que ela é útil por motivos legais, já que serve de legitimação para condenar quem pratica tais atos, porém de forma analítica não há um consenso sobre o que constitui o terrorismo. Além disso, o autor cita que se deve analisar se o terrorismo limita-se apenas a ataques e atentados contra civis ou não combatentes, ou também deve-se abranger a ataques contra, a ataques que atingem não só civis, mas também militares armados. Neste sentido, Sinai, propõe uma diferente definição para terrorismo que abrange não só atentados terroristas contra não combatentes, mas sim uma tática utilizada contra qualquer civil

Terrorism is a tactic of warfare involving premeditated, politically motivated violence perpetrated by subnational groups or clandestine agents against any citizen of a state, whether civilian or military, to influence, coerce, and, if possible, cause mass casualties and physical destruction upon their targets<sup>46</sup> (2008, p. 11).

Também, Bruce Hoffman (1998), analisa o que é terrorismo e desinformação atual sobre o termo, afirmando que a dificuldade de se encontrar uma concepção oficial do que é terrorismo se dá pela mudança que o termo sofreu ao longo dos anos. Ainda, o autor afirma que apesar da dificuldade em se definir o que é o termo, pode-se afirmar que, atualmente o termo é essencialmente político, e o terrorismo é uma tática essencialmente utilizada para se adquirir poder. Ainda, Hoffman, define terrorismo como “the deliberate creation and

---

<sup>44</sup> “Os atos criminosos intencionais ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral, um grupo de pessoas ou pessoas particulares para fins políticos são, em qualquer circunstância, injustificáveis, quaisquer que sejam as considerações políticas, filosóficas, ideológicas, raciais, étnicas, religiosas ou outras. natureza que pode ser invocada para justificá-los”. Tradução nossa.

<sup>45</sup> “Violência premeditada, politicamente motivada, perpetrada contra alvos não-combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, geralmente destinada a influenciar uma audiência”. Tradução nossa.

<sup>46</sup> “O terrorismo é uma tática de guerra envolvendo violência premeditada, politicamente motivada, perpetrada por grupos subnacionais ou agentes clandestinos contra qualquer cidadão de um Estado, seja civil ou militar, para influenciar, coagir e, se possível, causar mortes em massa e destruição física em seus alvos”. Tradução nossa.

exploitation of fear through violence or the threat of violence in the pursuit of political change. All terrorist acts involve violence or the threat of violence<sup>47</sup>” (1998, p. 43). Por fim, o autor determina cinco pontos que são necessários para que se diferencie indivíduos e grupos terroristas de outros tipos de violência, são eles:

Ineluctably political in aims and motives; violent or, equally important, threatens violence; designed to have far-reaching psychological repercussions beyond the immediate victim or target; conducted by an organization with an identifiable chain of command or conspiratorial cell structure (whose members wear no uniform or identifying insignia); and perpetrated by a subnational group or non-state entity<sup>48</sup> (1998, p. 44).

Por fim, em questão da natureza desta pesquisa, é necessário analisar a nova face que o terrorismo toma após os atentados de 11 de setembro, onde o termo ganha alcance global, além de ser utilizado pela mídia a todo o momento, sem ter realmente uma definição oficial, e propagando o medo a população. Kegley, afirma que o principal objetivo dos atentados de 11 de setembro era propagação do medo a população, o que geralmente é o principal objetivo de todos os indivíduos ou grupos terroristas. Porém, antes dos ataques da Al-Qaeda aos Estados Unidos em 2001, o terrorismo era utilizado como uma forma de propaganda, onde ataques eram utilizados “to elicit attention and sympathy for the terrorist's cause.” Porém, segundo o autor este cenário se modifica em 2001, onde, o terrorismo é propagado “not simply to coerce in enemies' policies, but to annihilate enemies” (2003, p. 2). Além disso, por ser um ataque a uma potência mundial, o terrorismo deixou de ser um problema distante para se tornar uma ameaça real.

Terrorism was no longer a marginal problem, a nuance in other countries to be watched on the evening news. It had become a sadistic assault on the principles and political culture of the United States and its allies-on their very way of life. September 11 exposed a previously complacent community to its vulnerability to an enemy who recognized no moral restraints, who was relentless in pursuit of violence, and who claimed to be poised to strike anyone, anything, anywhere<sup>49</sup> (KEGLEY, 2003, p. 2).

---

<sup>47</sup> “A criação deliberada e a exploração do medo através da violência ou a ameaça de violência na busca de mudança política. Todos os atos terroristas envolvem violência ou ameaça de violência”. Tradução nossa.

<sup>48</sup> “Inelutavelmente política em objetivos e motivos; violenta ou, igualmente importante, ameaça a violência; projetado para ter repercussões psicológicas de longo alcance além da vítima ou alvo imediato; conduzido por uma organização com uma cadeia de comando identificável ou estrutura celular conspiratória (cujos membros não usam uniformes ou identificam insígnias); e perpetrada por um grupo subnacional ou entidade não estatal”. Tradução nossa.

<sup>49</sup> “O terrorismo não era mais um problema marginal, uma nuance em outros países a ser observada no noticiário da noite. Tornou-se um ataque sádico aos princípios e cultura política dos Estados Unidos e seus aliados - em seu próprio modo de vida. O 11 de setembro expôs uma comunidade previamente complacente à sua vulnerabilidade

O terrorismo propagado pela Al-Qaeda, faz parte do terrorismo contemporâneo que normalmente é denominado como novo terrorismo ou terrorismo global, assim chamado por Kegley. Além disso, os autores Gonçalves e Reis (2017) afirmam que, dentre as variadas formas de terrorismo que coexistem, atualmente, o terrorismo que tem caráter fundamentalista, onde a Al-Qaeda pode ser inserida, é que ganha mais destaque, onde a base desse terrorismo se dá por um motivo religioso.

Essa modalidade de terrorismo não está acobertada por uma causa justa (assim considerada pela maioria da sociedade internacional), e sofre influência fanático-religiosa que chega a tornar o seu fim político a própria destruição do outro, beirando a um “genocídio religioso” ou de pensamento (2017, p. 13).

Analisando-se o terrorismo propagado pela Al-Qaeda, primeiramente denomina-se seus ideais como uma tática utilizada, que tem objetivos religiosos, e não políticos, como boa parte dos ataques terroristas. Porém, Burke, afirma que, apesar de ter ideias carregadas por simbolismos religiosos, os objetivos de Bin Laden, são principalmente políticos.

Alguns argumentariam que o pensamento e os objetivos de Bin Laden e seus colaboradores são exclusivamente religiosos e que a “política”, tal como é geralmente concebida, é de pouco interesse para eles. Mas um passar de olhos nas declarações de Bin Laden nos últimos anos mostra que não é esse o caso. Bin Laden é um ativista com um senso muito claro do que deseja e de como espera alcançar seus objetivos. Os meios utilizados podem ser muito estranhos às normas de ação política que geralmente entendemos, mas sua agenda é basicamente política embora evidentemente apresentada por meio de palavras e imagens religiosas (2007, p. 41).

Ademais, é importante ressaltar que a Al-Qaeda dá uma nova forma para o terrorismo, segundo Demant (2011), onde, Osama Bin Laden e seus companheiros utilizam de ideologias já existentes, como a ideia de uma jihad universal, contra os *jahiliyya*, e também se caracteriza como um movimento radical anti-ocidental. A diferença da Al-Qaeda, é que, diferente dos demais grupos radicais que visam “primariamente a inimigos dentro da própria sociedade – sejam eles governadores considerados apóstatas, muçulmanos “relapsos” ou “infieis” – Bin Laden considera que a luta precisa ser levada ao coração do inimigo: o próprio ocidente” (2011, p. 289). Essa afirmação é confirmada por meio de diversos ataques ao Ocidente, principalmente aos Estados Unidos, a partir de 1996, e também com inúmeras

---

a um inimigo que não reconhecia restrições morais, que era implacável em busca de violência, e que dizia estar prestes a atacar qualquer um, qualquer coisa, em qualquer lugar”. Tradução nossa.

declarações e entrevistas dadas por Osama Bin Laden e os principais companheiros da Al-Qaeda.

Durante os anos 90, principalmente após a migração para o Afeganistão, segundo Rollins (2011), com grande influência de Zawahiri, que se torna braço direito de Osama Bin Laden, a Al-Qaeda se transforma em uma ameaça global para os Estados Unidos. Ainda, como já mencionado, neste período diversas facções e grupos radicais tornam-se filiados a Al-Qaeda, deste modo, diversos ataques terroristas foram atribuídos a ela, contabilizando inúmeros atentados, tanto domésticos quanto internacionais, anteriores ao 11 de setembro.

Certamente, o mais importante atentado atribuído a Al-Qaeda e assumido por eles em 2004, foram os atentados de 11 de setembro, porém, antes de analisar esse acontecimento, é importante ressaltar como a Al-Qaeda utilizou a propaganda, além da violência para propagar suas ideias. Segundo Holbrook (2014, p. 4), o uso do terror como ferramenta “always coexisted alongside the leadership’s communicative campaign that rests on the dissemination of public messages. Publishing statements was Always a central preoccupation of the Al-Qaeda leadership<sup>50</sup>”.

De acordo com Rabasa (2006), a propaganda é um meio utilizado por diversos grupos militantes para que suas ideias sejam divulgadas amplamente, onde se utiliza os meios de comunicação como a televisão, jornais e a internet para se fazer declarações, como também a utilização da violência em grande escala para que se demonstre a grandeza e a força desses movimentos. Porém, segundo o autor a Al-Qaeda utilizando dos mesmos meios consegue se destacar dentre esses movimentos,

Al-Qaeda’s propaganda is particularly distinctive in the relentlessly global nature of its dissemination, which has been made possible by the canny use of electronic media, most notably the Internet. As a result of this media strategy, al-Qaeda’s messages have penetrated deeply into Muslim communities around the world. Indeed, only the most advanced of modern states equal al-Qaeda’s capability to spread sophisticated propaganda quickly and globally (2006, p 15).

As entrevistas a jornais ocidentais e árabes foram muito utilizadas nos anos 90, pela Al-Qaeda, principalmente após 1996, quando Osama e seus companheiros enviaram a *fatwa* ao rei saudita e declararam guerra aos Estados Unidos. Segundo Nóbrega (2013) as

---

<sup>50</sup> “Sempre coexistiu ao lado da campanha comunicativa da liderança, que se baseia na disseminação de mensagens públicas. Declarações editoriais sempre foi uma preocupação central da liderança da Al-Qaeda “. Tradução nossa.

entrevistas dadas a partir desse ano tinham o intuito de reforçar os objetivos da Al-Qaeda ao propagar uma *jihād* global, onde seu principal alvo era o país norte-americano.

Por fim, além de entrevistas documentadas, também, eram enviadas fitas de vídeo com pronunciamentos de Bin Laden, e de Zawahiri, principalmente após os atentados de 11 de setembro. Essas fitas pré-gravadas, também continham treinamentos para *jihadistas* aspirantes de todo o mundo, como também manuscritos que serviam de instrução para esses *jihadistas* e também, para propagar a visão da Al-Qaeda, para que sua mensagem chegasse a jovens de todo o globo (RABASA, 2006).

## 2.4 O 11 de setembro

No início da manhã de 11 de setembro de 2001, o mundo presenciou “o maior atentado terrorista da história dos Estados Unidos”, e um dos maiores atentados terroristas do século XXI. Naquele dia, quatro aviões comerciais norte-americanos foram sequestrados por dezenove extremistas muçulmanos, homens da Arábia Saudita, Emirados Árabes, Egito e Líbano, que mais tarde seriam identificados como membros da Organização Terrorista Al-Qaeda. O ataque premeditado, que tinha como alvo três importantes pilares dos Estados Unidos, tinha como um dos principais responsáveis, Osama Bin Laden, que posteriormente ficaria conhecido como líder da Al-Qaeda, se tornando principal inimigo dos Estados Unidos. Porém, Segundo a Burke (2007), o principal arquiteto dos atentados de 11 de setembro, foi Khalid Sheikh Mohammed, outro extremista muçulmano. Khalid foi quem escolheu os alvos que seriam atingidos pelos aviões sequestrados e também quem escolheu os sequestradores, que se “sacrificaram pela causa”.

O primeiro avião sequestrado se chocou contra a Torre Norte das Torres Gêmeas às 8h35min, o Boeing 767, voo AA11, contava com 81 passageiros e 11 tripulantes, tendo cinco sequestradores neste voo, sendo eles: o chefe Mohamed Atta, e seus companheiros Waleed al-Shehri, Wail al-Shehri, Abdulaziz al-Omari e Satam al-Suqami. Inicialmente, quando o primeiro avião se chocou uma das torres gêmeas, o governo americano acreditava que teria sido apenas um acidente, porém quando um outro avião se chocou com a segunda torre, logo tornou-se claro que se tratava de um atentado terrorista (9/11 report, 2004).

O segundo avião sequestrado, era o também Boeing 767, voo UA175, segundo Burke (2007), transportava 61 passageiros e 11 tripulantes, foi sequestrado também por cinco terroristas armados. Entre os terroristas estavam o líder, Marwan al-Shehhi, e Fayeze Banihammad, Mohand al-Shehri, Hamza al-Ghamdi e Ahmed al-Ghamdi. Este avião chocou-

se com a Torre sul das Torres Gêmeas, as 9h00 da manhã, aproximadamente meia hora após o voo AA11. Aqui, é importante ressaltar que todos os meios de comunicação, não só dos Estados Unidos, mas do mundo tinham seus olhos voltados para o que estava acontecendo no território norte-americano, transformando os atentados em uma tragédia televisionada mundialmente.

O terceiro avião, um Boeing 757, voo AA77, que continha 58 passageiros e seis tripulantes, foi sequestrado aproximadamente no mesmo horário que os dois anteriores, tendo seu último contato com a base às 8h50min. Esse avião também contava com cinco sequestradores, sendo eles: Hani Hanjour, Khalid al-Mihdhar, Majed Moqed, Nawaf al-Hazmi e Salem al-Hazmi, e tinha como alvo o Pentágono. O voo AA77, se chocou com o lado oeste do Pentágono às 9h39min da manhã (9/11 report, 2004).

E por fim, o quarto e último avião, também um Boeing 757, voo UA93, que continha 37 passageiros e sete tripulantes, foi sequestrado por quatro extremistas, sendo eles: Ziad Jarrah, Ahmed al-Haznawi, Ahmed al-Nami e Saeed al-Ghamdi. O voo 93 tinha como alvo supostamente a Casa Branca, porém, ao ser sequestrado, os passageiros deste voo comercial, entraram em conflito com os sequestradores, e impediram que os mesmos se chocassem com a Casa Branca, fazendo com que o avião caísse em um campo desabitado na Pensilvânia (BURKE, 2007).

No total, o número de vítimas, chegou a 2976 pessoas<sup>51</sup>, incluindo em sua maioria, as pessoas que estavam nas Torres Gêmeas, membros do governo norte americano que trabalhavam no Pentágono, todos os passageiros dos quatro aviões sequestrados e também bombeiros, policiais e voluntários que ajudaram no resgate às vítimas, ainda, sabe-se que entre as vítimas havia pessoas de mais de 90 nacionalidades.

Segundo Demant (2011), esses alvos foram escolhidos pela Al-Qaeda, pois representavam importantes pilares econômicos, militares e políticos dos Estados Unidos, onde as Torres Gêmeas representavam o símbolo do poder econômico norte-americano. Assim, atingindo esses alvos, os terroristas conseguiram chamar a atenção do mundo para si. Ainda segundo o autor, o “11 de setembro, primeiro ataque contra o território norte-americano em quase dois séculos, levou o fundamentalismo muçulmano para dentro de cada casa norte-americana, destruindo o sentimento de segurança da população” (2011, p. 289).

Inicialmente, Osama Bin Laden, por meio de uma declaração, negou qualquer tipo de envolvimento da Al-Qaeda ou de uma de suas células com os atentados. Segundo Nóbrega

---

<sup>51</sup> Este número não inclui os dezenove terroristas identificados nos quatros aviões sequestrados.

(2013), até os ataques de 11 de setembro e um pouco após este período, como forma de tática, a Al-Qaeda não permitia que seus membros reivindicassem ataques perpetrados por eles. Por esse motivo, Osama Bin Laden, reivindicou os ataques de 11 de setembro apenas em 2004, através de uma fita gravada em um de seus esconderijos.

Apesar da reivindicação dos atentados ter acontecido apenas em 2004, a administração de Bush, acusou a Al-Qaeda e sua rede de grupos filiados, com a liderança de Osama Bin Laden de serem os perpetradores dos eventos ocorridos em 11 de setembro. Essa identificação, de certa forma precoce, do governo norte-americano, deu início a Doutrina Bush, e a Guerra ao Terror, que é considerada o maior legado da administração de George W. Bush, entre 2001 a 2009.

### 3. Governo de George W. Bush e o pensamento Neoconservador

Antes de se analisar as consequências políticas, econômicas, sociais e militares que ocorreram tanto interna quanto externamente nos Estados Unidos e nos países atingidos pela Guerra ao Terror, é necessário analisar seus antecedentes, e a trajetória de George W. Bush até 11 de setembro de 2001. A eleição para Presidente do ex Governador do Texas, George W. Bush (1946-2000), se mostrou uma surpresa, onde o candidato republicano inicialmente não se mostrava uma ameaça a eleição do candidato democrata, Al Gore, na época vice-presidente de Bill Clinton. Isso se dá, pois, os republicanos não se mostravam uma ameaça a agenda democrata, e Clinton até o fim de seu mandato, manteve altos níveis de popularidade, além de um sucesso econômico e administrativo (PECEQUILO, 2012).

Segundo Farias (s.d.), George W. Bush era um candidato inexperiente e com pouca credibilidade, e sua popularidade muito se atribui às suas conexões familiares na política estadunidense. O então candidato é filho de George Bush, 41º Presidente dos Estados Unidos entre 1989 e 1993, além disso, seu irmão, Jeb Bush, era Governador da Flórida, durante a primeira candidatura de Bush filho, o que corroborou para que o candidato a presidência tivesse boa popularidade no estado. Ainda, as eleições dos anos 2000 foram consideradas uma das mais controversas da história dos Estados Unidos, onde houve a petição para uma recontagem de votos de ambos os lados, democratas e republicanos. A recontagem dos votos foi cancelada, e o resultado das eleições foi decidido pela Suprema Corte Federal, causando uma divisão no país após a vitória de Bush. Isso teve grande impacto na popularidade do novo presidente, que manteve altos níveis de desaprovação até os atentados de 11 de setembro, onde houve uma validação da população as políticas mais conservadoras implementadas no país.

A candidatura e consequente gestão de George W. Bush, de acordo com Pecequilo (2006), se mostra completamente diferente da agenda que liderou o país nas administrações democratas anteriores, tendo um viés Neoconservador, que tinha perdido força no pós Guerra Fria. Neste sentido, George W. Bush apresentava uma pauta que “pregava ajustes para recuperar o poder perdido no cenário e os princípios morais da nação, simbolizados no Internacionalismo Diferenciado e no Conservadorismo com Compaixão” (2007, p. 2). Esse pensamento Neoconservador, que irá ser um dos pontos chaves da Doutrina Bush, começa a ser implementado já no início do mandato de Bush e posteriormente é validado após os atentados de 11 de setembro. Segundo Finguerut (2008), este viés Neoconservador tem uma forte influência religiosa, além disso, acredita-se que “[...] o poder deveria estar associado à



potência militar e a imagem que os Estados Unidos da América deveriam transmitir para o mundo era a de um país forte em todos os sentidos, isto é, uma potência imbatível” (FINGUERUT, 2008, p. 74).

Historicamente, o pensamento Neoconservador surge como uma corrente de pensamento, em meados dos anos 60 e 70 nos Estados Unidos, através de um grupo de intelectuais liberais que se opunham a contracultura que dominava o cenário norte-americano na época, esse “se baseava fundamentalmente na contestação dos valores e costumes da sociedade norte-americana de então, a partir de uma perspectiva de esquerda, e disseminou-se nos campi universitários dos Estados Unidos” (TEIXEIRA, 2010, p. 24).

Também, segundo Vaisse (2010, p. 1), o termo “Neoconservadorismo” foi utilizado por opositores, para se referir a um grupo de liberais de Nova Iorque “who were critical of the leftward turn that American liberalism had, in their view, taken in the previous decade. What these intellectuals reacted against was a mix of social movements—like student protests, counterculture, black nationalism, radical feminism and environmentalism<sup>52</sup>”. Ademais, Finguerut (2008), afirma que as revistas *Commentary*, de 1945, fundada por Norman Podhoretz, e *The Public Interest*, de 1965, fundada por Irving Kristol, tiveram importância fundamental no surgimento de ideias neoconservadoras.

Para muitos, Irving Kristol é considerado o fundador do pensamento Neoconservador na década de 70, tendo o sido o primeiro neocon a absorver o termo para si, que primariamente tinha sido utilizado de forma pejorativa, por seus opositores. Segundo Teixeira (2010, p. 25), intelectuais como Kristol romperam com o liberalismo após o surgimento do movimento de contracultura, onde esses liberais tiveram uma crise de ideologia política, assim “o neoconservadorismo emerge inicialmente como uma reação dentro do liberalismo ao que era visto como uma corrupção pela esquerda dos valores tradicionais norte-americanos”. Ainda, Kristol (1995, p. 81) afirma que o neoconservadorismo e o conservadorismo tradicional apesar de semelhantes divergiam entre si, “neoconservatism differed in many important respects from traditional conservatism, but had no program of its own. Basically, it wanted the Republican party to cease playing defensive politics, to be forward looking, rather than backward-looking<sup>53</sup>”.

---

<sup>52</sup> “Que criticavam a reviravolta que o liberalismo americano tinha dado, na opinião deles, na década anterior. O que esses intelectuais reagiram foi uma mistura de movimentos sociais - como protestos estudantis, contracultura, nacionalismo negro, feminismo radical e ambientalismo”. Tradução nossa.

<sup>53</sup> “O neoconservadorismo diferia em muitos aspectos importantes do conservadorismo tradicional, mas não tinha programa próprio. Basicamente, queria que o Partido Republicano deixasse de jogar na política defensiva, para ser mais voltado para o futuro do que para trás”. Tradução nossa.

Inicialmente, de acordo com Teixeira (2010), os neoconservadores preocupavam-se principalmente com as políticas domésticas norte-americanas, onde criticavam o excesso de bem-estar e planejamento social, e ainda se denominavam liberais. Este cenário sofre uma mudança nos anos 70, com as eleições presidenciais, onde o candidato do partido Democrata, George McGovern, com seu discurso isolacionista, defendia a retirada das tropas norte-americanas do Vietnã, posição que foi vista como uma indiferença a ameaça comunista. Segundo Heilbrunn (ano, p 108), “the neoconservatives were undaunted. The United States, they declared, needed to confront the Soviet Union whenever and wherever possible<sup>54</sup>”. A partir deste período, o pensamento neoconservador, que Vaisse (2010), denomina de neoconservadorismo contemporâneo, passa a focar suas críticas, principalmente na política externa estadunidense, e em suas diretrizes.

Segundo Teixeira (2010), como qualquer outra abrangente corrente de pensamento, a visão dos Neoconservadores sobre as diretrizes que a política externa norte-americana deve tomar não é unânime, porém, é possível destacar um conjunto de ideias que pode se considerar um “mínimo denominador comum”. De acordo com o autor, podem-se destacar quatro temas principais no que condiz com o pensamento neoconservador para a política externa estadunidense, sendo eles: unilateralismo, internacionalismo não institucional, democracia e poder militar.

O internacionalismo não institucional, é o conceito básico de todo pensamento neoconservador, onde acredita-se que o Estado Unidos deva ter um papel ativo no mundo, para manter seu papel de hegemonia. Segundo Robert Kagan e William Kristol (2010, s/p), o objetivo primordial da política externa norte-americana é preservar e estender uma ordem internacional “that is in accord with both our material interests and our principles--endures. Americans must shape this order, for if we refrain from doing so, we can be sure that others will shape it in ways that reflect neither our interests nor our values<sup>55</sup>”. De acordo com Vaussie (2010), essa política baseada na necessidade de ter-se um internacionalismo assertivo, distância os neoconservadores, de correntes isolacionistas e redutivas, sejam eles de direita ou da esquerda liberal.

O unilateralismo, é um ponto presente em todas as discussões acerca da política externa norte-americana, principalmente na ala mais conservadora, assim não sendo uma

---

<sup>54</sup> “os neoconservadores eram destemidos. Os Estados Unidos, declararam, precisava enfrentar a União Soviética quando e sempre que possível”. Tradução nossa.

<sup>55</sup> “Que esteja de acordo com nossos interesses materiais e nossos princípios - perdura. Os americanos devem moldar essa ordem, pois se nos abstermos de fazê-lo, podemos ter certeza de que os outros irão moldá-la de maneiras que não reflitam nem em nossos interesses nem nossos valores”. Tradução nossa.

novidade dos neocons. Porém, é correto afirmar que nenhuma outra corrente de pensamento dá tanta atenção ao unilateralismo como os neoconservadores, que eles acreditam ser uma opção “necessária para uma potência com pretensões globais” (TEIXEIRA, 2010, p. 87). Desse modo, o unilateralismo, segundo Vaisse, se apoia em dois argumentos: o primeiro é na ineficiência dos Organismos Internacionais, e o segundo é na ideia de um multilateralismo onde uma forte liderança por parte dos Estados Unidos fará com que os demais Estados o sigam. Para os neocons, segundo Vaisse,

American power, not the United Nations Security Council, provides peace and security for the rest of the world—from protecting Taiwan, South Korea and Israel to restoring Peace in the Balkans, fighting al Qaeda or keeping sea lanes open. The United States, therefore, should not be restrained in its capacity to act, neither by multilateral institutions nor by treaties—whether the International Criminal Court, the Comprehensive Test Ban Treaty, treaties on biological weapons or antipersonnel mines—that rogue states will not respect in any case<sup>56</sup> (2010, p. 5).

Entretanto, o neoconservadorismo, não prevê uma limitação nas ações multilaterais norte-americanas, mas sim prega que o país possa ter ações mais livres, onde o unilateralismo neoconservador teria “interesses globais, visando a manutenção e preservação da ordem internacional estabelecida através do apoio ativo à democracia por parte dos Estados Unidos” (TEIXEIRA, 2010, p. 88).

A democracia, segundo Teixeira, tem uma forte conexão com a política externa norte-americana, e com os ideias e valores de liberdade dos Estados Unidos, assim, constitui basicamente uma tradição desde seus primórdios, onde a está sempre teve papel central na política externa estadunidense. Segundo o autor, os neoconservadores acreditam que a promoção da democracia no mundo pelos norte-americanos, é um ponto chave e deve ser amplamente difundido, utilizando-a como uma estratégia de segurança, pois para os neocons existe uma ligação intrínseca “entre a promoção da democracia e o interesse nacional americano, a partir do entendimento de que essa estratégia é essencial para garantir a segurança do país e reforçar sua supremacia no cenário internacional” (2007, p. 89).

Além disso, Vaussie (2010, p. 5), afirma que a promoção da democracia pelos neoconservadores, se dá, pois, estes acreditam que os ideais norte-americanos nunca devem

---

<sup>56</sup> “O poder norte-americano, e não o Conselho de Segurança das Nações Unidas, proporciona paz e segurança para o resto do mundo - desde proteger Taiwan, Coréia do Sul e Israel até restaurar a paz nos Bálcãs, combater a Al Qaeda ou manter rotas marítimas abertas. Os Estados Unidos, portanto, não devem ser restringidos em sua capacidade de agir, nem por instituições multilaterais nem por tratados - seja o Tribunal Penal Internacional, o Tratado Abrangente de Proibição de Testes, os tratados sobre armas biológicas ou minas antipessoal - que os Estados não respeitarão em qualquer caso”. Tradução nossa.

ser separados de ideais democráticos, e também o governo não deve ser indiferente “to the nature of regimes and the fate of freedom and human rights<sup>57</sup>”. Assim, entende-se que os neoconservadores acreditam que a promoção da democracia não é apenas um dogma estratégico, para a segurança do país, mas também é um preceito moral.

Por fim, para que através do internacionalismo não institucional os Estados Unidos mantenham sempre um papel ativo e de liderança no mundo, que os Estados Unidos possam manter uma postura unilateralista e, que tenha a possibilidade de promover a democracia no mundo, é necessário que haja um forte investimento na segurança e conseqüentemente um forte poder militar (VAUSSIE, 2010). Neste sentido, os neocons dão uma centralidade maior ao poder militar, onde se acredita que o uso da força é uma alternativa que deva ser sempre considerada. Para que se tenha este forte poder militar sempre disponível, os neoconservadores discursam que é necessária uma disponibilidade maior de recursos para a segurança, onde o discurso neoconservador de “aumento dos gastos militares é acompanhado, no plano interno, por uma defesa de um governo forte, bem como por uma assumida condescendência com o Estado de Bem-Estar Social, tão criticado pelas demais correntes conservadoras norte-americanas” (TEIXEIRA, 2010, p. 94).

A corrente neoconservadora, além de ter influência política no governo de George W. Bush, também foi de grande influência nos mandatos de Ronald Reagan, entre 1980 a 1989, onde os neocons chegaram ao seu ápice e tiveram grande influência no Congresso. Segundo Finguerut (2008), o republicano, Ronald Reagan, que fora Governador da Califórnia em 1966, era conhecido por ter uma postura conservadora, antes de sua eleição. Durante a época de candidatura, Reagan, delineou quatro metas essenciais que seriam impostas em seu governo: “1) Cortar impostos; 2) Fazer cortes nos programas de Bem-Estar; 3) Diminuir a interferência do Estado na economia; 4) Mudar os rumos da política externa dos EUA” (FINGUERUT, 2008, pesquisar página).

Com a vitória em 1980, e sua fácil reeleição em 1985, Reagan foi capaz de implementar suas políticas mais conservadoras, onde os principais efeitos foram os cortes de impostos e, principalmente, o aumento com gastos em recursos militares, que segundo Finguerut (2008), Reagan considerava como medidas necessárias para atingir uma “paz pela força”. Por fim, é notável que o governo Reagan deixou um legado mais conservador na Suprema Corte, e também durante seu governo intelectuais neoconservadores ocuparam cadeiras de primeiro e segundo escalão, assim possibilitando a primeira influência real dos

---

<sup>57</sup> “A natureza dos regimes e ao destino da liberdade e dos direitos humanos”. Tradução nossa.

neoconservadores no governo norte-americano (PECEQUILO, 2012). Apesar do legado deixado por Reagan e o ápice da corrente neoconservadora nos anos 80, os neocons tiveram um declínio na década de 90, onde muitos consideraram que a corrente de pensamento estava morta, em detrimento do fim da Guerra Fria e o fim da ameaça comunista ao Ocidente.

O final da Guerra Fria inauguraria uma nova era na política externa norte-americana em geral, e no pensamento neoconservador em particular. O desaparecimento da União Soviética, o enfraquecimento do comunismo global e a agora evidente superioridade norte-americana nos campos militar e econômico, trariam incertezas quanto ao papel dos Estados Unidos no mundo, retirando dos neoconservadores o seu principal foco em política externa (TEIXEIRA, 2010, p. 30).

Além de iniciar uma nova etapa da política externa norte-americana, o fim da Guerra Fria deu um novo rumo a comunidade internacional, que agora poderia ser guiado por uma corrente de paz e cooperação, onde haveria a “universalização dos princípios liberais, na economia e na política. A partir deste compartilhamento de valores, o conflito seria substituído pela cooperação, permitindo o estabelecimento de uma era de paz no sistema internacional” (PECEQUILO, 2012, p. 39). Neste sentido, os Estados Unidos perderá seu principal inimigo, o comunismo, assim, os neoconservadores também perderam o principal ideal em que baseavam suas ideologias, que segundo Teixeira (2008), precisava de um claro inimigo para executar suas propostas, que seria encontrado apenas em 2001, com os atentados de 11 de setembro.

Mesmo com o aparente declínio da corrente neoconservadora, e a adoção de posturas mais liberais e de cooperação pelos Estados Unidos, durante a década de 90, os neocons tiveram a oportunidade de reorganizar sua estrutura e seus ideais, para que fosse possível sua reimersão com George W. Bush. Em 1997, Kristol, publica uma crítica ao governo e política externa de Bill Clinton, uma “declaração de princípios”, que o mesmo considera necessários para que os Estados Unidos prosperasse tanto no âmbito doméstico quanto no âmbito externo.

Segundo o autor, o governo norte-americano deveria se espelhar no legado de Ronald Reagan, e focar suas forças em um poder militar “that is strong and ready to meet both present and future challenges; a foreign policy that boldly and purposefully promotes American principles abroad; and national leadership that accepts the United States' global responsibilities<sup>58</sup>” (1997, s/p). O legado deixado por Reagan, de certa forma abriu caminho

---

<sup>58</sup> “Que é forte e está preparada para enfrentar os desafios presentes e futuros; uma política externa que ousada e propositalmente promove princípios americanos no exterior; e liderança nacional que aceita as responsabilidades globais dos Estados Unidos”. Tradução nossa.

para a eleição de George W. Bush, que Finguerut (2008), considera como uma peça fundamental na trajetória dos neoconservadores, onde estes ganharam um maior espaço na política norte-americana, assim

A eleição de Bush ocorreu na vereda do fenômeno Reagan, que alvoroçou movimentos de base numa atmosfera de ebulição religiosa (principalmente evangélica) e da volta do patriotismo e do orgulho e da crença no poder americano. Bush não era carismático mas tinha um discurso conservador, prometia “não aumentar impostos” e pretendia conduzir os EUA rumo a uma nova ordem mundial. Em seu governo a principal mudança foi justamente os desdobramentos da Guerra Fria seguido do discurso de uma Nova Ordem Mundial (2008, p. 63).

Desde o início de sua campanha, George W. Bush já preconizava políticas domésticas e externas, baseadas em moldes mais conservadores, onde, segundo Farias (s.d., p. 326), o candidato baseava seus discursos em “práticas políticas conservadoras ditas de direita, e em defesa de valores religiosos”. Quando toma posse da presidência, em janeiro de 2001, mesmo com as controvérsias que rondavam sua eleição, seja por críticas ao seu posicionamento conservador ou pelos resultados eleitorais que dividiram o país, George W. Bush logo inicia a implementação de sua agenda. Segundo Pecequilo (2012), o presidente republicano monta uma equipe com nomes importantes do pensamento Neoconservador, como seu vice-presidente, Dick Cheney, e Condoleezza Rice como Assessora de Segurança Nacional. Entre as principais medidas tomadas em seu início de governo, estavam:

A recusa em assinar o Protocolo de Quioto e em aderir ao Tribunal Penal Internacional, seguindo a retomada do escudo antimísseis, choques políticos com as grandes potências europeias, com a russa e com a chinesa, havendo um refluxo da atuação multilateral fizeram parte da ofensiva moderada. Internamente foram reduzidos programas sociais de cunho secular, realocando fundos para programas educacionais e culturais de teor religioso, avançando na indicação de juízes conservadores para a Suprema Corte (PECEQUILO, 2012, p. 73).

Essas medidas, algumas consideradas polêmicas, como a recusa em assinar o protocolo de Quioto, e ainda a sombra das controvérsias causadas pelo processo eleitoral, nos primeiros meses de governo, o governo de George W. Bush manteve altos níveis de desaprovação. Porém, em 11 de setembro de 2001, após os atentados terroristas que abalaram não só os Estados Unidos, mas o mundo, tanto a política externa quanto a popularidade do governo Bush, tomam um novo rumo.

### 3.1 Doutrina Bush e a Guerra ao Terror

Como já mencionado, em 11 de setembro de 2001, a Organização Terrorista Al-Qaeda, liderado por Osama Bin Laden, foi autora de ataques terroristas nos Estados Unidos da América, que tinham como principal alvo as Torres Gêmeas, o Pentágono e, supostamente, a Casa Branca, porém, apenas as torres do World Trade Center foram atingidas e destruídas por completo, tendo o Pentágono sido atingido apenas na ala leste. Segundo Farias (ano), esses ataques, certamente, foram o evento mais importante dos Estados Unidos no século XXI, e possivelmente de sua história

Nunca os EUA haviam sofrido um ataque em território americano, tendo em vista que as guerras com outras potências, durante a formação territorial do país, foram apenas nas fronteiras (em espaços que ainda não era efetivamente americanos), e que o ataque de Pearl Harbor ocorreu a mais de 3 mil km do espaço continental dos EUA (s.d., p. 335).

Além da magnitude dos atentados devido ao número de vítimas, a cobertura da mídia através dos jornais e principalmente da televisão, corroborou para que os ataques tivessem grande impacto não só nos Estados Unidos, mas no mundo. Foi possível através de uma cobertura televisionada, assistir em primeira mão o ataque a nação mais poderosa do mundo, que naquele momento via sua força impenetrável ruir. Além da ameaça terrorista, que até então parecia algo distante, a possibilidade de que os perpetradores do ataque tivessem em mãos armas nucleares, tornaram-se a maior preocupação da população norte-americana, que consequentemente apoia a Guerra ao Terror lançada pelo governo de George W. Bush (KEGLEY, 2003).

O primeiro discurso do presidente George W. Bush após os ataques foi dado ainda na noite de 11 de setembro, neste primeiro pronunciamento, o presidente lamentou a tragédia, assim como o grande número de vítimas. Ainda na ocasião, Bush já denominava o ocorrido como um ataque terrorista, e frisava que o principal motivo desse ataque seria o ideal de liberdade que os Estados Unidos da América representa para o mundo “today, our fellow citizens, our way of life, our very freedom came under attack in a series of deliberate and deadly terrorist acts [...] America was targeted for attack because we're the brightest beacon for freedom and opportunity in the world.<sup>59</sup>” (BUSH, 2001). Também, ressaltou-se que as

---

<sup>59</sup> "Hoje, os nossos cidadãos, nosso modo de vida, nossa liberdade foi atacada em uma série de atos terroristas deliberados e mortais [...] A América foi alvo dos ataques porque nós somos o mais brilhante bastião da liberdade e da oportunidade no mundo". Tradução nossa.

buscas aos perpetradores do ataque, a partir daquele momento, eram a prioridade do governo norte-americano

The search is underway for those who are behind these evil acts. I've directed the full resources for our intelligence and law enforcement communities to find those responsible and bring them to justice. We will make no distinction between the terrorists who committed these acts and those who harbor them<sup>60</sup>. (BUSH, 2001)

Inicialmente, o ataque inesperado trouxe medidas emergenciais, e segundo Marinho (2012, p. 59), George W. Bush e sua equipe, tiveram a necessidade de reorganizar sua política e direcionar suas prioridades, onde “os atentados afiguram-se como a causa e ponto de partida para uma nova agenda, mais assertiva e com base no poder militar norte-americano”. Dias após os atentados, em 20 de setembro, George W. Bush, em um discurso ao Congresso norte-americano, direcionado a população estadunidense, afirma que evidências apontavam que os perpetradores dos atentados de 11 de setembro, eram um grupo de filiados a Organização Terrorista Al-Qaeda. Este grupo era liderado pelo radical extremista, Osama Bin Laden, e tinha sua base de operações estabelecida no Afeganistão, além disso, o grupo contava com células em todo o globo.

Para conter a ameaça de um terrorismo internacional, Bush define o início de uma Guerra contra o Terror, que não se resumiria apenas em destruir a Al-Qaeda, “our war on terror begins with al Qaeda, but it does not end there. It will not end until every terrorist group of global reach has been found, stopped and defeated<sup>61</sup>” (BUSH, 2011). Ainda em 2001, o então presidente faz uma delineação de como será a Guerra ao Terror, onde todos os recursos necessários, sejam eles militares, diplomáticos, de inteligência ou financeiros, serão destinados a esta campanha contra o Terror, onde

Our response involves far more than instant retaliation and isolated strikes. Americans should not expect one battle, but a lengthy campaign, unlike any other we have ever seen. It may include dramatic strikes, visible on TV, and covert operations, secret even in success. We will starve terrorists of funding, turn them one against another, drive them from place to place, until there is no refuge or no rest. And we will pursue nations that provide aid or safe haven to terrorism. Every nation, in every region, now has a decision to make. Either you are with us, or you are with the terrorists. From this day forward, any nation that continues to harbor or

---

<sup>60</sup> “A procura pelos responsáveis por estes atos já está sendo feita. Eu dirigi todos os recursos de nossa inteligência e ajuda jurídica para encontrar e responsabilizar os culpados. Não faremos distinção entre os terroristas que cometeram estes atos e as pessoas que dão apoio a eles”. Tradução nossa.

<sup>61</sup> “Nossa Guerra ao Terror começa com a Al Qaeda, mas não termina aí. Não terminará até que todo grupo terrorista de alcance global tenha sido encontrado, parado e derrotado”. Tradução nossa.



support terrorism will be regarded by the United States as a hostile regime<sup>62</sup> (BUSH, 2011).

Esta Guerra contra o terrorismo internacional foi o principal legado deixado pela administração de George W. Bush, e a principal medida tomada na chamada Doutrina Bush, que foi a denominação utilizada para se referir ao conjunto de medidas políticas, militares e econômicas que direcionaram os Estados Unidos pós 11 de setembro. Essa doutrina, criada pelo então presidente George W. Bush e seus aliados, como já mencionada, tinha um forte viés Neoconservador, e caracterizava-se em três pontos: “assertive U.S. leadership, unilateralism, and a declaratory strategy of preemptive attack<sup>63</sup>” (DOCKRILL, 2006, s/p).

Como já mencionado, mesmo antes dos atentados, a administração de Bush já vinha implementando algumas idéias neoconservadoras, e apresentava certo unilateralismo em sua política externa. Entretanto, se antes dos atentados de 11 de setembro, a administração de Bush sofre fortes críticas e tinha um alto nível de desaprovação pela opinião pública estadunidense, o medo do inimigo desconhecido, modificou esse cenário, onde o “nacionalismo interno elevou a popularidade de Bush a patamares de mais de 90% de aprovação” (PECEQUILO, 2012, p. 73). Neste sentido, se a presidência de Bush e sua agenda neoconservadora era vista com desaprovação pela opinião pública, após os atentados de 11 de setembro ela se mostrou não apenas uma alternativa, mas sim, uma necessidade.

Com o forte discurso de que era necessária uma guerra preventiva contra grupos terroristas e contra aqueles (países) que abrigavam esses grupos, a Guerra ao Terror é iniciada em 2001, e um ano depois, é oficializada com um documento enviado presidente ao Congresso, intitulado “A Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América”. Neste documento, têm-se as novas diretrizes do governo norte-americano em detrimento dos atentados de 11 de setembro, dividindo-se em nove propostas para a política externa norte-americana, que claramente demonstrava um norteamento neoconservador.

---

<sup>62</sup> “Nossa resposta envolve muito mais que retaliação instantânea e greves isoladas. Os americanos não devem esperar uma batalha, mas uma longa campanha, diferente de qualquer outra que já vimos. Pode incluir greves dramáticas, visíveis na TV e operações sigilosas, secretas mesmo com sucesso. Vamos privar os terroristas do financiamento, transformá-los uns contra os outros, levá-los de um lugar para outro, até que não haja refúgio ou descanso. E buscaremos nações que forneçam ajuda ou refúgio seguro ao terrorismo. Cada nação, em cada região, agora tem uma decisão a tomar. Ou você está conosco ou está com os terroristas. Deste dia em diante, qualquer nação que continue abrigando ou apoiando o terrorismo será considerada pelos Estados Unidos como um regime hostil”. Tradução nossa.

<sup>63</sup> “Liderança assertiva dos EUA, unilateralismo e uma estratégia declaratória de ataque preventivo”. Tradução Nossa.

O documento foca, principalmente, em reafirmar a importância no combate de um terrorismo global, e na necessidade de se utilizar todos os meios e recursos disponíveis para isso, onde se dará o apoio necessário as nações que necessitam de auxílio contra o terrorismo. Neste sentido, afirma-se que esta guerra não é contra um regime, uma religião ou ideologia, mas sim uma guerra contra o Terrorismo “The enemy is terrorism— premeditated, politically motivated violence perpetrated against innocents<sup>64</sup>” (BUSH, 2002, p. 5).

Além disso, o documento aborda dois pontos cruciais na nova política norte-americana: a promoção da democracia em todos os pontos do mundo, e a necessidade de uma política preventiva. Para combater o terrorismo internacional, será necessária uma política preventiva, onde, todos os esforços do governo norte-americano, como já mencionado, serão direcionados a essa Guerra ao Terror, e se necessário, os Estados Unidos irão agir preventivamente contra possíveis ameaças.

The United States has long maintained the option of preemptive actions to counter a sufficient threat to our national security. The greater the threat, the greater is the risk of inaction— and the more compelling the case for taking anticipatory action to defend ourselves, even if uncertainty remains as to the time and place of the enemy’s attack. To forestall or prevent such hostile acts by our adversaries, the United States will, if necessary, act preemptively<sup>65</sup> (BUSH, 2002, s/p).

Essa ação preventiva tem como objetivo defender e propagar a paz e a segurança através da ação. E em conjunto com essa Guerra ao Terror, será feita uma promoção da democracia e da liberdade em todos os pontos do mundo, com a justificativa de que, Estados fracos representavam um perigo aos interesses nacionais “poverty does not make poor people into terrorists and murderers. Yet poverty, weak institutions, and corruption can make weak states vulnerable to terrorist networks<sup>66</sup>” (BUSH, 2002, s/p). Assim, além de invadir os países sob o pretexto de combate ao “terrorismo”, o governo americano também usou do discurso de promoção da democracia representativa para intervir nos governos locais de alguns Estados.

---

<sup>64</sup> “O inimigo é o terrorismo - violência premeditada, politicamente motivada, perpetrada contra inocentes”. Tradução nossa.

<sup>65</sup> “Os Estados Unidos há muito tempo mantêm a opção de ações preventivas para combater uma ameaça suficiente à nossa segurança nacional. Quanto maior a ameaça, maior é o risco de inação - e mais convincente é o caso de tomar medidas preventivas para nos defender, mesmo que a incerteza permaneça quanto à hora e local do ataque do inimigo. Para impedir ou impedir tais atos hostis por nossos adversários, os Estados Unidos, se necessário, agirão preventivamente”. Tradução nossa.

<sup>66</sup> “A pobreza não transforma pessoas pobres em terroristas e assassinos. No entanto, pobreza, instituições fracas e corrupção podem tornar os Estados fracos vulneráveis a redes terroristas”. Tradução nossa.

Como já mencionado, a oficialização de uma Guerra ao Terror, se deu um ano após os atentados, porém, o início da ofensiva norte-americana começou ainda em 2001. Os países que sofreram intervenções deste governo dentro da lógica da Guerra ao Terror foram, principalmente, Afeganistão e Iraque. O Afeganistão foi invadido com menos de um mês após o atentado, pois era onde estava a base da Al Qaeda e seu líder Osama Bin Laden. Já o Iraque, país que fazia parte do Eixo do Mal<sup>67</sup>, foi invadido em 2003 em uma ação militar unilateral e sem aprovação prévia da Organização das Nações Unidas, inicialmente com o pretexto de que o país estava produzindo armas de destruição em massa.

### 3.2 Guerra do Afeganistão (2001-2011)

O Afeganistão que era comandado pelo regime Talibã, que exercia um Estado Teocrático, baseado nas leis da *Sharia* desde 1996, foi o primeiro país a sofrer uma ofensiva dos Estados Unidos na lógica da Guerra ao Terror, onde tropas norte-americanas em conjunto com as tropas da Aliança do Norte, invadiram o país em outubro de 2001. A justificativa para a escolha, se dá na concepção de que o país, era a base de diversos grupos terroristas, principalmente da Al-Qaeda, onde estava a sede do grupo e diversos campos de treinamento, além disso, era onde estava escondido o principal inimigo norte-americano em 2001, Osama Bin Laden (FREITAS, 2009). Outra justificativa foi a de que o governo norte-americano acreditava que o regime Talibã, sabia do paradeiro de Osama Bin Laden, além de ser considerado cúmplice nos atentados de 11 de setembro.

Inicialmente, antes de invadir o país, o governo norte-americano propôs um ultimato ao regime Talibã, onde se exigia: a entrega de Bin Laden e de seus companheiros ao governo norte-americano, o fechamento de todos os campos de treinamento terroristas que estavam estabelecidos em território afegão, a cooperação do Talibã em entregar informações sobre a Al-Qaeda e suas operações, e a libertação de prisioneiros estrangeiros (BUSH, 2001). Apesar da proposta, o governo norte-americano não esperava que o regime Talibã aceitasse suas condições, e assim, já preparava uma invasão ao país Afegão.

The State Department did not expect the Taliban to comply. Therefore, State and Defense would plan to build an international coalition to go into Afghanistan. Both departments would consult with NATO and other Allies and request intelligence,

---

<sup>67</sup> Citado pelo presidente George W. Bush em um de seus discursos, englobava o Irã, Iraque e a Coreia do Norte sendo “um local maligno que deve ser pacificado para o bem de suas populações que vivem sob regimes brutais e do mundo que está em constante ameaça destas localidades” (CAVALCANTE, 2011, p. 4).

basing, and other support from countries according to their capabilities and resources. Finally, the plan detailed a public U.S stance: America would use all its resources to eliminate terrorism as a threat, punish those responsible for the 9/11 attacks, hold states and others actors responsible for providing sanctuary to terrorists, work with a coalition to eliminate terrorist groups and networks, and avoid malice toward any people, religion, or culture<sup>68</sup> (9/11 REPORT, 2004).

A invasão foi feita por uma campanha aérea de bombardeamento contra os Talibãs e também contou com tropas norte-americanas e da Aliança do Norte no território, que trabalharam em conjunto. Essa ofensiva tinha três objetivos principais: o primeiro era capturar Bin Laden, o segundo era destruir as células e campos de treinamento da Al-Qaeda, e o terceiro era destituir o regime Talibã do poder e implementar um governo democrático no país (PEREIRA, 2011). É importante ressaltar que essa operação foi fortemente aceita pela população e também foi aceita pela comunidade internacional, contando com o apoio da maioria dos países, destacando-se o apoio dos países da OTAN.

Em dois meses, segundo Farias (sem ano), as tropas norte-americanas em conjunto com a Aliança do Norte, juntamente com os bombardeios aéreos que destruíram campos de treinamento conseguiram desestabilizar o regime Talibã, e estabelecer o domínio no território. Com a queda do regime Talibã, o ano seguinte foi marcado pela tentativa de estabilização do país, já que as infra-estruturas econômicas e políticas “estavam praticamente destruídas após duas décadas marcadas pela invasão soviética e por um conjunto de guerras internas que nunca permitiram a criação de um governo capaz de exercer a sua influência em todo o país” (FREITAS, 2009, p. 20).

Apesar da rápida destituição de regime Talibã e o operação ter sido considerada um sucesso pelo governo norte-americano, a transição de um regime teocrático para um governo democrático foi mais complexa. Principalmente, porque não houve um consenso nacional sobre quem seria a nova autoridade do país, por não ter uma divisão igualitária de poder entre os diversos grupos existentes no território. Neste sentido, segundo Farias (s.d.), se constituiu uma Autoridade interina, com Hamid Karzai no poder, aliado dos Estados Unidos, até que fosse possível o estabelecimento de uma base soberana no Afeganistão. Esta autoridade

---

<sup>68</sup> “O Departamento de Estado não esperava que o Talibã cumprisse as medidas. Portanto, Estado e Defesa planejavam construir uma coalizão internacional para entrar no Afeganistão. Ambos os departamentos consultariam a OTAN e outros Aliados e solicitariam inteligência, apoio e outros apoios dos países de acordo com suas capacidades e recursos. Finalmente, o plano detalhava uma posição pública dos EUA: os EUA usariam todos os seus recursos para eliminar o terrorismo como uma ameaça, punir os responsáveis pelos ataques de 11 de setembro, manter estados e outros atores responsáveis por fornecer refúgio aos terroristas, trabalhar com uma coalizão para eliminar grupos e redes terroristas e evitar malícia em relação a qualquer povo, religião ou cultura”. Tradução nossa.

interina se prolongou até 2004, quando se oficializou a nova constituição do Afeganistão, ocorrendo as eleições no mesmo ano, que elegeu Hamid Karzai para o cargo.

Inicialmente, apesar das eleições e de uma nova constituição, a centralização do poder afegão se mostrou difícil, e as atividades de grupos terroristas se mantiveram na região. Com a dificuldade do novo governo em auxiliar a população e manter o poder em toda a região, a comunidade internacional tem servido de auxílio ao país.

A comunidade internacional tem apoiado o governo afegão no combate ao narcotráfico, no desarmamento de grupos armados ilegais, e no treino das Forças Armadas e da polícia afegãs. Por si só o governo afegão não se manifesta capaz de garantir à população segurança e bem-estar, em grande parte pela falta de meios económicos. A necessidade de apoio da comunidade internacional ainda tarda a desvanecer (FREITAS, 2009, p. 21).

Pode se destacar a criação da UNAMA - United Nations Assistance Mission in Afghanistan – em 2002, que tem o objetivo de cooperar e auxiliar o governo e o povo afegão, na estabilidade da paz e da estabilidade no território. No mesmo período, através de uma resolução das Nações Unidas foi criada a ISAF - International Security Assistance Force -, que serve de assistência ao novo governo afegão para que fosse possível fornecer segurança para a população. Em 2003, a OTAN tomou a liderança da ISAF, que cooperou com o Afeganistão até 2011, e gradualmente de 2011 a 2013, a responsabilidade da segurança do território e da população foi passada para o governo Afegão (NATO, 2015).

Ademais, apesar do considerado sucesso na ofensiva do governo norte-americano, que instituiu um governo democrático no país, não foi o bastante para estabilizar o país, principalmente porque os progressos trazidos pela democratização não se estenderam em todo o território afegão. Segundo Pecequilo (2012), a política era deteriorante, e havia dificuldade de as tropas militares estabilizarem a região devido ao grande número de grupos de resistência, principalmente após o ressurgimento do Talibã, ainda em 2003. Neste sentido, segundo a autora, o país, até 2008, vive um período de grande instabilidade, e a partir da administração de Barack Obama (2009-2017), a situação no Afeganistão passa por uma revisão estratégica por parte do governo norte-americano, onde “o país se tornou foco de uma nova ofensiva militar das tropas da OTAN, como base para o estabelecimento do cronograma de desengajamento militar da Aliança Atlântica” (2012, p. 77).

Essa nova estratégia, se dá principalmente pela ressurreição do movimento Talibã na região e da possibilidade de um fortalecimento da Al-Qaeda, o que reforçou a necessidade de uma nova ofensiva militar no território. Onde, segundo Pereira (2011), a implementação de

um sistema democrático em moldes ocidentais no Afeganistão tinha sido deixada em segundo plano, e agora a prioridade, era “neutralizar a al -Qaeda e garantir que a organização de bin Laden deixe de ter capacidade para atacar o território americano ou atingir os interesses dos EUA ou dos seus aliados” (2011, p. 190).

Em 2001, quando invade o Afeganistão, primariamente, o principal objetivo dos Estados Unidos era de capturar o líder da Al-Qaeda, Osama Bin Laden, e seus companheiros. Entretanto, apesar da forte ofensiva do governo norte-americano, que fez uma busca intensa no território Afegão, Osama Bin Laden e os principais nomes da Al-Qaeda conseguiram escapar, como também os líderes Talibãs que buscaram refúgio no Paquistão (PEREIRA, 2011). Para a Al-Qaeda, apesar do sucesso de seu ataque premeditado aos Estados Unidos, o grupo teve um esmorecimento do grupo. Isso se dá pois, apesar da fuga de seus principais líderes, incluindo Bin Laden, a Al-Qaeda ao perder sua base de operações e campos de treinamento, se dividiu em diversas células, o que significou um enfraquecimento do grupo

A invasão norte-americana em outubro de 2001 no Afeganistão enfraqueceu muito o poder da Al-Qaeda como organização territorialmente situada. Sua infraestrutura foi pesadamente atingida, muitos de seus líderes foram presos ou mortos. Seu aliado local, o Talibã, foi retirado do poder e suas fontes de financiamento (organizações não-governamentais, entidades de caridade, doadores particulares) passaram a ser fortemente vigiadas por serviços de inteligência Ocidentais (SOUZA, 2011, p. 149).

Neste sentido, segundo Souza (2011), a Al-Qaeda precisou reestruturar e organizar suas operações, onde essa reestrutura se baseou na rede de contatos e filiados que a Al-Qaeda adquiriu ao longo de sua existência. Assim, para continuar suas operações, a Al-Qaeda utilizou de toda a ajuda externa necessária onde, “essas redes de contato buscavam angariar novas fontes de financiamento, estabelecer contatos com grupos locais islâmicos, e fomentar o surgimento de células terroristas” (2011, p. 149). Mesmo assim, apesar dos esforços feitos pelos principais líderes da Al-Qaeda em estabelecer uma base sólida como tinha, anteriormente a Guerra ao Terror, travada pelos Estados Unidos, a Al-Qaeda não conseguiu superar o desmembramento de sua organização.

De uma organização com uma hierarquia centralizada a dirigir diretamente o recrutamento, treino e condução das operações a al -Qaeda transformou -se ao longo dos últimos anos numa rede cada vez mais fragmentada de grupos e células regionais com operacionais seduzidos pela ideologia da *jihad* mas muitas vezes sem uma ligação directa à organização (PEREIRA, 2011, p. 213).

Além do desmembramento da organização e do enfraquecimento de sua força, pela perda de seus campos de treinamento e de sua base, outro fato importante para a perda de força da Al-Qaeda foi o distanciamento da organização com os Talibãs, principalmente a partir de 2008 (PECEQUILO, 2012). E por fim, o status de Osama Bin Laden de líder e grande arquiteto dos planos da Al-Qaeda, também mostrou um grande enfraquecimento após os atentados de 11 de setembro, principalmente no âmbito interno da Al-Qaeda, já que para o mundo, este ainda apresentava o maior perigo do século XXI. Isso se dá, pois, com o desmembramento do grupo, a Al-Qaeda passou a operar por meio de inúmeras células e grupos dispersos, assim perdendo sua estrutura anterior, fazendo com que Osama Bin Laden perdesse seu status de líder operacional.

Contudo, para seguir sua ofensiva militar no Afeganistão e legitimar suas ações, os Estados Unidos, ainda no governo de Obama, justifica que grande parte de suas ações se davam com objetivo de encontrar o grande líder da Al-Qaeda, Osama Bin Laden. Esta legitimação foi simbolizada em maio de 2011, quando o governo estadunidense anunciou que o líder da Al Qaeda, Osama Bin Laden, tinha sido capturado e morto por tropas americanas em Abbottabad, no Paquistão (PEREIRA, 2011). Souza (2011), em linhas gerais delineou as implicações da morte de Osama Bin Laden, para a Al-Qaeda e os demais grupos radicais que se inspiram na mesma.

Com sua morte, o que temos é a consolidação de sua imagem perante os muçulmanos radicais, agora sob a tinteira de mártir. A perda do líder espiritual da Al-Qaeda provavelmente intensificará o processo, de transformação da Al-Qaeda, de uma organização estática e hierarquizada em um movimento de inspiração de grupos e indivíduos extremistas islâmicos, iniciado após a invasão americana no Afeganistão, em 2001 (2011, p. 154).

### **3.3 Guerra do Iraque (2003-2011)**

A Guerra do Iraque tem início no ano de 2003 e perdura até o final de 2011. Nada obstante, em maio de 2003 foi declarado o fim das operações de combate no Iraque pelo presidente George Bush. Apesar da declaração, o fim dessas operações não marca o fim do conflito, que continua por um longo período após essa data. O resultado da guerra são consequências diretas como a grande morte de soldados e civis, desestabilização da nação iraquiana, descrédito estadunidense e da governança vigente, e consequências indiretas como o surgimento do Estado Islâmico. O conflito no Iraque se torna mais agressivo e se intensifica o número de mortes no período posterior à invasão de fato. Os autores Sandro Mendonça e

Luís Catela Nunes apresentam números que comprovam esse aumento de violência no período posterior ao maio de 2003,

Durante as sete primeiras semanas (a invasão) morreram aproximadamente 20 soldados por semana. No primeiro ano contado após o fim da invasão, isto é, entre 1 de maio de 2003 e o fim de abril de 2004, 5 das 52 semanas estiveram acima desse limiar. No ano seguinte foram 12 semanas, e no terceiro ano 14. Entre 1 de Maio de 2006 e 1 de maio de 2007, 17 das 52 semanas do ano estiveram acima desse limiar, ou seja, durante um terço deste último ano sentiu-se uma violência superior ao próprio período da guerra da invasão (NUNES; MENDONÇA, 2008, p. 3).

No entanto, isso representa apenas uma pequena parte de todas as mortes que ocorreram durante esse período. Há de se considerar que mais do dobro de soldados e policiais iraquianos - em relação às tropas norte americanas - tiveram baixa; sem contar com os civis iraquianos, que foram avassalados durante o conflito (NUNES; MENDONÇA, 2008). Além disso, é importante lembrar que a contabilização do número de mortes não é capaz de demonstrar a verdadeira violência sentida. Verifica-se que a violência neste conflito é excessiva e inolvidável, buscando como exemplo o escândalo ocorrido na prisão de Abu Ghrabi.

Para mais, observa-se que durante o conflito, há abrandamentos e intensificação da violência. Os períodos de abrandamento são mais longos, no entanto, os períodos de intensificação aconteceram mais vezes. Acontecimentos pontuais podem indicar a mudança desses ciclos na guerra: o primeiro período de intensificação coincide com as “crises gêmeas” - confronto entre as forças da coligação e as milícias xiitas leais a Moqtada al-Sadr<sup>69</sup> em Najaf e os rebeldes sunitas em Faluja - enquanto o primeiro período de abrandamento ocorre junto das eleições de janeiro de 2005 (NUNES; MENDONÇA, 2008).

A instabilidade do Estado iraquiano em decorrência de sua invasão em 2003 também deve ser posta em observação. Muitos especialistas consideram o Iraque como um Estado Falido, ainda que apresente uma enorme riqueza natural, o petróleo. Isso ocorre em vista da falta de uma unidade nacional, tendo em conta a rivalidade entre grupos xiitas, sunitas e curdos; o que faz difícil também o processo de democratização deste país (IGNATIEV, 2017). As tensões internas, como a rivalidade entre grupos e a chispa de guerras civis, se dão, muitas vezes, em decorrência da interferência dos Estados Unidos.

---

<sup>69</sup> “Moqtada al-Sadr é líder de facto da Cidade de Sadr, em Bagdá, e está à frente do Exército de al-Mahdi”. TRADUÇÃO NOSSA.



A tentativa de implementar um sistema democrático por meio de eleições forçadas em um país de cultura extremamente diversa é um erro do governo de George W. Bush, que inevitavelmente se depara com resistência do povo no Oriente Médio. “Para a democracia ter a capacidade de ser propagada ao redor do mundo, é preciso que isso ocorra de forma orgânica e partir das sociedades” (FARIA; GARCIA; MACHADO, 2017, p. 197).

O enfraquecimento do Estado do Iraque, especialmente somado aos conflitos étnicos desse caso, proporciona o surgimento e atuação de atores não-estatais, ou seja, de grupos terroristas. É nesta ocasião que se tem o despontamento do Estado Islâmico, sendo o grupo insurgente mais relevante entre os anos de 2004 e 2006. “Zarqawi<sup>70</sup> acreditava que sua organização poderia aproveitar o caos resultante [da invasão] e lançar-se como o defensor da comunidade sunita e para dar início ao estabelecimento de um estado islâmico” (LISTER apud. DAMIN, 2015, p. 2).

A retirada das tropas americanas e um evidente vácuo de poder no país, fica claro que a Guerra do Iraque propicia o acontecimento. Levando em conta também que a rejeição à “Doutrina Bush” é um fator para o surgimento de grupos como esse (DAMIN, 2015; FARIA; GARCIA; MACHADO, 2017). Além das análises em relação a nação iraquiana, é imprescindível ressaltar como a Guerra no Iraque influencia a política estadunidense. É demonstrado nas eleições de 2006, e extrema queda na popularidade do presidente Bush, e um dos principais motivos para esse acontecimento seria a desaprovação desta guerra.

A popularidade do Presidente Bush, por sua vez, alcançou o nível mais alto já medido na história dos EUA, no período imediatamente posterior aos ataques de 11 de setembro (90% de aprovação em 21-22 de setembro de 2001). A taxa de aprovação do presidente, no entanto, chegaria a um dos níveis mais baixos já verificados (29%, em 6-8 de julho de 2007), devido à reprovação à Guerra do Iraque (DUQUE, 2008, p. 14).

Como é sabido, o motivo inicial para a invasão estadunidense no Iraque - o porte de armas de destruição em massa por parte do governo de Saddam Hussein - nunca foi confirmado. Com a falta de sustento de sua justificativa para executar a guerra, os Estados Unidos utilizam-se de outros motivos para fundamentar essa decisão, como a necessidade de depor o governo ditatorial vigente no Iraque, e levar a paz e modernidade do sistema democrático para a nação. Entretanto, a essa altura, já haviam sido estendidas teses em relação à verdadeira motivação para o acontecimento, como: “a ambição de controlar a produção de

---

<sup>70</sup> Zarqawi é o precursor do Estado Islâmico, que inicia a busca da criação de um califado universal para os muçulmanos (DAMIN, 2015).

petróleo no país; os desígnios de um imperialismo militar neoconservador; e o objetivo de conter ameaças terroristas por meio da demonstração de força militar ou da "exportação" da democracia" (DUQUE, 2008, p. 12).

Durante o tempo de presença militar no Iraque, os Estados Unidos se beneficiam com a exploração do petróleo iraquiano. A questão do petróleo vem recebendo grande atenção desde a década de 1970, com as crises do petróleo. Dessa maneira, a preocupação com a garantia das reservas de petróleo é um dos motivos para a necessidade de presença militar estadunidense no Golfo Pérsico. O acesso ao petróleo do Iraque tem importância na manutenção da hegemonia dos Estados Unidos naquela ocasião, como em muitos outros momentos. Isso ocorre em vista da quantidade limitada de petróleo no mundo, e especialmente da repartição desigual da sua disposição; levando em conta ainda, como elemento de importância, o fato de os Estados Unidos apresentarem uma demanda por petróleo maior do que a sua produção/extração (FAY, 2003). A ocupação do Iraque possibilitou o acesso dos EUA ao petróleo iraquiano e abriu caminho para que a reconstrução do país se tornasse uma atividade lucrativa para as multinacionais norte-americanas. A guerra no Iraque foi utilizada como forma de mostrar internacionalmente que os EUA não estavam vulneráveis e fracos como foi demonstrado com o ataque de 11 de setembro (SAWASKI; FORIGO, 2010, p. 37).

Evidentemente, a inexistência das armas de destruição em massa no Iraque serve para deteriorar a imagem do governo Bush, que é exposto à condição de calunioso. Para mais, se tem a insatisfação popular em vista da presença militar estadunidense no Iraque por mais tempo do que era previsto, e com o dispêndio maior de recursos financeiros e humanos. Frisando que ao considerar a assimetria de poder entre Estados Unidos e Iraque, e a condição de única superpotência mundial, faz com que o não cumprimento do prazo de atingir seus objetivos e concluir a guerra cause um descontentamento ainda maior, além de levantar dúvidas quanto ao real objetivo norte americano (DUQUE, 2008).

Internacionalmente, se fragiliza a imagem dos Estados Unidos de superpotência militar. Dessa forma, é aberto espaço para que sejam postos desafios à hegemonia estadunidense, como é tentado por Estados como a Coreia do Norte e o Irã, naquela ocasião. Assim, coloca em dúvida o Sistema Internacional mantido pelo poder norte americano. Para mais, as tensões mantidas no Iraque causam instabilidade regional no Oriente Médio (DUQUE, 2008). Um momento importante na Guerra do Iraque é a execução de Saddam Hussein, em 2006. Sua sentença acontece em vista do massacre de 182 xiitas, em 1982; visto que não seria possível conectá-lo ao ataque de 11 de setembro de 2001, como era esperado.

Assim sendo, o ditador iraquiano não foi sentenciado e executado por apoiar o terrorismo, muito menos pelo porte de armas de destruição em massa, como era acusado. Esse fato comprova que as alegações feitas pelos Estados Unidos em relação ao Iraque, naquela ocasião, são falsas (SAWASKI; FORIGO, 2010).

Após oito anos de conflito, as tropas americanas deixam o Iraque. Visto o alongamento da guerra, uma das bandeiras durante a campanha do então presidente, Barack Obama, era a retirada das forças americanas da região. Ainda que no ano de 2011 houvesse acontecido atentados contra as tropas norte americanas, e líderes da oposição nos Estados Unidos pedissem que a retirada fosse atrasada, o Senado dos Estados Unidos vota pelo encerramento da ofensiva. O fim da Guerra do Iraque se dá em novembro de 2011.

#### 4. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao fazer esta contextualização da Doutrina Bush e do pensamento Neoconservador, bem como as principais consequências da Guerra ao Terror, em países como Afeganistão e Iraque, é inegável que a administração do Governo Bush priorizou a utilização de recursos tangíveis, como seu poderio militar e seus recursos econômicos. É notável que, a Guerra ao Terror causou um grande impacto negativo na administração de Bush, sendo que após o 11 de setembro o nível de aprovação ao governo chegou a um número expressivo de 90%, entretanto, ao longo das ofensivas da Guerra ao Terror, principalmente com a reprovação da opinião pública estadunidense, chegou ao baixo número de 29% em 2007.

Até o presente momento, a pesquisa buscou contextualizar historicamente a origem do islã, bem como do fundamentalismo islâmico/cristão e a criação da organização terrorista Al-Qaeda. A partir do desdobramento do 11 de setembro e, analisando a políticas externas e internas norte-americanas dos governos Bush e parte do governo Obama, podemos compreender como a guerra ao terror se propagou na região do Oriente Médio.

Para que possamos dar prosseguimento ao trabalho, a fim de ampliar nossa compreensão acerca do tema, fazer-se-à um apanhado teórico sobre os principais conceitos e fontes de poder, assim como sua configuração nas relações internacionais, bem como poder bruto e o desenvolvimento do conceito de *soft power* desenvolvido Joseph Nye.

##### 4.1 Conceito de *Soft power* (poder brando)

Para que se tenha compreensão do que é *soft power* (poder brando), é necessária uma abordagem do que é poder, e o que este abarca. De maneira geral, Bobbio (2004, p. 933) o define como “a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos. Tanto pode ser referida a indivíduos e a grupos humanos como a objetos ou a fenômenos naturais”. Neste sentido, encontra-se um invariável número de estudos e análises acerca do que é poder, e o que este engloba, sendo que inevitavelmente encontram-se manifestações de poder, das mais variadas formas, em todas as esferas sociais. Desse modo, as reflexões acerca do tema, não se dão na dúvida da existência do poder, mas sim na dificuldade em definir ou mensurá-lo, como cita Nye,

Power is like the Weather. Everyone depends on it and talks about but few understand it. Just as farmers and meteorologists try to forecast the weather, political

leaders and analysts try to describe and predict changes in power relationships. Power is also like love, easier to experience than to define or measure, but no less real for that<sup>71</sup> (2005, s/p).

No campo das Relações Internacionais, a reflexão acerca do poder e como ele se manifesta são elementos centrais de análise, onde as correntes de pensamento divergem, principalmente, em como esses Estados devem exercer seu poder sobre os demais. Pode-se mencionar o ponto de vista realista, que considera os Estados como os principais atores do Sistema Internacional, e as pressões desse sistema justificam as determinantes para o posicionamento de cada país diante do contexto global, que agem de acordo com seus interesses na expectativa de aumentar sua influência, assim como seu poderio. Além disso, esse poder é utilizado para a manutenção de sua sobrevivência, que é o principal objetivo dos Estados.

Neste sentido, tradicionalmente, o poder é visto como uma ferramenta utilizada pelos Estados para primar por seus interesses nacionais, onde comumente, esta ferramenta é utilizada por meio de comando e de coerção, através de instrumentos tangíveis, como os recursos naturais, territoriais, militares ou econômicos de um Estado. Este pensamento pode ser exemplificado com a análise do teórico neorrealista John Mearsheimer (1947 -), onde o autor distingue o poder de um Estado em dois âmbitos, seu poder potencial e seu poder real

A state's potential power is based on the size of its population and the level of its wealth. These two assets are the main building block of military power. Wealthy rivals with large populations can usually build formidable military forces. A state's actual power is embedded mainly in its army and the air and naval forces that directly support it<sup>72</sup> (2001, s/p).

No início da década de 90, Joseph Nye, cientista político e um dos mais importantes teóricos das Relações Internacionais, considerado um dos idealizadores da corrente de pensamento Neoliberal, em conjunto com Robert Keohane, apresenta uma abordagem alternativa sobre o uso de poder dos Estados. Preliminarmente, o autor define poder como “a

---

<sup>71</sup> “O poder é como o clima. Todo mundo depende disso e fala sobre, mas poucos entendem. Assim como fazendeiros e meteorologistas tentam prever o clima, líderes políticos e analistas tentam descrever e prever mudanças nas relações de poder. O poder também é como o amor, mais fácil de experimentar do que definir ou medir, mas não menos real por isso”. Tradução nossa.

<sup>72</sup> “O poder potencial de um estado é baseado no tamanho de sua população e no nível de sua riqueza. Esses dois ativos são o principal bloco de construção do poder militar. Rivais abastados com grandes populações geralmente podem construir forças militares formidáveis. O poder real de um estado é incorporado principalmente em seu exército e as forças aéreas e navais que o apóiam diretamente”. Tradução nossa.

capacidade de obter os resultados desejados e, se necessário, mudar o comportamento dos outros para obtê-lo” (NYE, 2002, p. 30).

Ao analisar a capacidade dos Estados de obterem esses resultados desejados, o autor diverge de teóricos mais tradicionais, no sentido de que o poder advém apenas de forças tangíveis, como a força econômica ou militar, afirmando que há outra maneira, onde um Estado possa utilizar para alcançar seus objetivos, destacando três formas distintas de uso do poder

Power is the ability to influence the behavior of others to get the outcomes the one wants. But there are several other ways to affect the behavior of others. You can coerce them with threats; you can induce them with payments; or you can attract and co-opt them to want what you want<sup>73</sup> (NYE, 2005, s/p)

Neste sentido, no início da década de 90, Joseph Nye, em um artigo para a *Foreign Affairs*, o autor introduz pela primeira vez o conceito de *soft power* para o campo das Relações Internacionais, definindo-o como “a habilidade de obter o que você quer através de atração, ao invés de coerção ou punição” (NYE, 2005, p. 10). Para o autor, este poder, que não utiliza de ameaças ou pagamentos, é considerado o segundo aspecto do poder de um Estado

This second aspect of power — which occurs when one country gets other countries to want what it wants — might be called co-optive power or soft power in contrast with the hard or command power of ordering others to do what it wants.<sup>74</sup> (NYE, 1990, p. 166).

Nye divide o poder em dois âmbitos: *hard power* (poder duro) e *soft power* (poder brando). O *hard power* (poder duro), refere-se à competência e as ferramentas que um Estado utiliza, para alcançar seus objetivos por meio da força bruta, intimidação, coerção e/ou recompensa, utilizando principalmente de meios econômicos e militares. Para exemplificar esse método mais comum do uso de poder, utiliza-se da metáfora da cenoura e do porrete, onde “tanto o poder militar, quanto o econômico, são exemplos do duro poder de comando

---

<sup>73</sup> “Poder é a capacidade de influenciar o comportamento dos outros para obter os resultados desejados. Mas existem várias outras maneiras de afetar o comportamento dos outros. Você pode coagi-los com ameaças; você pode induzi-los com pagamentos; ou você pode atrair e cooptá-los para querer o que você quer”. Tradução nossa.

<sup>74</sup> “Essa segunda forma de poder – que ocorre quando um país consegue fazer outros países querer o mesmo que ele – pode ser chamada de poder cooptativo ou soft power em contraste com o poder Coercitivo ou Hard Power em que ele ordena os outros a fazerem o que ele quer”. Tradução nossa.

que se pode empregar a fim de induzir os demais a mudarem de posição. O poder bruto se apoia tanto em induções (cenoura) como em ameaças (porrete) ” (NYE, 2002, p. 36). Para Nye, apesar de essencial, o poder bruto, através de induções e ameaças, atualmente, não pode ser considerado como a única fonte de poder de um Estado. Sobre isso,

The virtue of this second definition [hard power] is that it makes power appear more concrete, measurable, and predictable. But this definition also has problems. When people define power as synonymous with resources that produce it, they sometimes encounter the paradox that those best endowed with power do not always get the outcomes they want<sup>75</sup> (2005, p. 3).

Já o *soft power*, é a capacidade de um Estado em ao invés de coagir e obrigar os demais a cederem as suas vontades, é ter a habilidade de fazer com que os outros queiram fazer aquilo que você também quer, assim “soft power rests on the ability to shape de preference of others” (NYE, 2005, s/p)<sup>76</sup>. É importante ressaltar, que, o *soft power* não pode ser traduzido apenas como a influência de um Estado sobre o outro, já que este pode influenciar os demais através de coerções ou induções. Destarte, o poder brando pode ser entendido como o poder de atração

Soft power is more than just persuasion or the ability to move people by argument, though that is an important part of it. It is also the ability to attract, and attraction often leads to acquiescence. Simply put, in behavioral terms soft power is attractive power. In terms of resources, soft power resources are the assets that produce such attraction (2005, p. 6)<sup>77</sup>.

Para Nye (2005), a importância da utilização desses recursos de *soft power* pelos Estados, baseia-se na ideia de que, não há garantia de obter os resultados desejados apenas contando com recursos tangíveis, como outrora. Nos anos 90, ao introduzir o conceito de *soft power* no campo das Relações Internacionais, o autor analisa um mundo pós Guerra Fria, com o declínio da União Soviética, e o espaço dos Estados Unidos no Sistema Internacional.

<sup>75</sup> “A virtude dessa segunda definição [*hard power*] é que ela faz o poder parecer mais concreto, mensurável e previsível. Mas essa definição também tem problemas. Quando as pessoas definem o poder como sinônimo de recursos que o produzem, às vezes encontram o paradoxo de que aqueles que são mais dotados de poder nem sempre conseguem os resultados desejados”. Tradução nossa.

<sup>76</sup> “Poder brando repousa sobre a capacidade de moldar a preferência dos outros”. Tradução nossa.

<sup>77</sup> “O poder brando é mais do que apenas persuasão ou habilidade de mover pessoas por argumentos, embora isso seja uma parte importante disso. Eu também a capacidade de atrair e atrair muitas vezes leva à aquiescência. Simplificando, em termos comportamentais, poder brando é poder atrativo. Em termos de recursos, os recursos de soft power são os ativos que produzem essa atração”. Tradução nossa.

Neste cenário, os Estados Unidos, com o fim da Guerra Fria e a chegada de um novo século, se tornaria a nação mais poderosa em termos militares, econômicos, ideológicos e culturais, onde nenhum país teria o poder de se equiparar aos norte-americanos, o que tornaria o país uma superpotência mundial. Em suma, o grande questionamento de Nye, era em como o país norte-americano iria se comportar em frente às mudanças ocorridas no Sistema Internacional, onde a demonstração de poder não deveria estar apenas em seus recursos, mas também na habilidade de mudar o comportamento dos demais Estados, assim

The critical question for the United states is not whether it will start the next century as the superpower with the largest supply of resources, but to what extent it will be able to control the political environment and get other countries to do what it wants<sup>78</sup> (NYE, 1990, p. 155).

Como já mencionado, apesar de ter todos os recursos necessários, em termos de poder bruto, nem sempre um Estado alcança os objetivos almejados. Uma explicação para este fato é que, tradicionalmente, o poder de uma potência era medido em seus recursos de Guerra, como o poderio militar, sua população e seu território, entretanto, esses recursos estariam perdendo sua ênfase. Em detrimento das mudanças ocorridas no Sistema Internacional no decorrer dos séculos, em conjunto com um intenso desenvolvimento das tecnologias, as fontes de poder se alteraram, e a ênfase nos recursos tangíveis de um Estado, diminuíram. Deste modo, os Estados deveriam encontrar formas alternativas de instrumentos de poder, além da utilização da força

While military force remains the ultimate form of power in a self-help system, the use of force has become more costly for modern great than it was in earlier centuries. Other instruments such as communications, organizational and institutional skills, and manipulation of interdependence have become important (NYE, 1990, p. 158)<sup>79</sup>.

Ao acentuar a importância da utilização de meios de *soft power*, Nye debruçou-se principalmente em analisar como os Estados Unidos poderia manter seu status de hegemonia, frente ao novo cenário que se desenhava após o fim da Guerra Fria. Ao longo da década de

---

<sup>78</sup> “A questão crítica para os Estados Unidos não é se ele começará o próximo século como a superpotência com a maior oferta de recursos, mas até que ponto ela será capaz de controlar o ambiente político e fazer com que outros países façam o que ele quer”. Tradução nossa.

<sup>79</sup> “Enquanto a força militar continua sendo a forma última de poder em um sistema de autoajuda, o uso da força se tornou mais caro para os grandes modernos do que era nos séculos anteriores. Outros instrumentos, como comunicação, habilidades organizacionais e institucionais, e manipulação da interdependência tornaram-se importantes”. Tradução nossa.



90, o conceito foi incorporado às teorias de Relações Internacionais, ganhando destaque academicamente, assim como em discursos de líderes políticos. Em 2001, o autor retoma o conceito de *soft power*, em seu livro ‘O Paradoxo do Poder Americano’, onde faz uma análise sobre os atentados de 11 de setembro, e questiona a incapacidade dos Estados Unidos – a potência número um do mundo - em prever o maior atentado terrorista em território norte-americano da história. Se na década de 90, o autor preconiza o perigo de um declínio de poder norte-americano, caso o mesmo não soubesse manejar tanto seus poderes brutos quanto brandos, em 2001, Nye alerta sobre o perigo de uma política externa triunfalista

Aquele [decadismo] tende a produzir um comportamento excessivamente cuidadoso e capaz de minar nossa influência; este [triunfalismo] pode gerar uma ausência potencialmente perigosa de contenção, assim como uma arrogância que também ameaça dissipar nossa influência (NYE, 2002, p. 30).

Em suma, era necessária uma análise e reestruturação na agenda política norte-americana, onde não se deveria ignorar a importância do *soft power*, e seriam utilizados meios coercitivos, mas também co-optativos, para que fosse possível atrair os demais Estados, não sendo necessário o uso de ameaças ou da força, através do poderio militar ou do poder econômico. Neste sentido, Nye (2002, p. 36) compreende que “é possível que um país obtenha os resultados que quer porque os outros desejam acompanhá-lo, admirando seus valores, imitando-lhe o exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e liberdade”. Além disso, o autor mantém o discurso de que no início do século XXI, os Estados Unidos será a potência mais poderosa do mundo, tanto na questão militar, quanto na economia e também em poder brando, e o país deverá utilizar-se de todas as suas forças para se manter em um papel de hegemonia (NYE, 2002).

Entretanto, mesmo mantendo seu papel de potência mais poderosa do mundo, onde os Estados Unidos têm poder efetivo nas três esferas fundamentais – militar, econômico, poder brando -, o poder em um cenário global está dividido entre as nações, em três âmbitos, o que o autor denomina como um tabuleiro de xadrez tridimensional. Neste tabuleiro tridimensional, no topo se estabelece o poder militar, onde os Estados Unidos ainda são a única superpotência; já no tabuleiro do meio, onde está o poder econômico, a distribuição de poder é multipolar, e encontram-se as maiores potências mundiais como Estados Unidos, Japão e China; por fim, no terceiro e último tabuleiro encontram-se as questões transnacionais, como as mudanças climáticas e o tráfico de drogas, e o poder está distribuído entre atores Estatais e

não Estatais, onde o poder está dividido em tantos atores que não há como denominar como unipolar, multipolar ou definir uma hegemonia (NYE, 2002).

Nesta divisão de poder, onde há uma espécie de tabuleiro de xadrez tridimensional, os Estados Unidos têm vantagem sobre as demais potências, principalmente por ser o país mais poderoso em termos tradicionais, mas também por estar à frente da revolução da informação. Para o autor, a única maneira de se perder esta vantagem, seria com uma agenda política norte-americana que baseasse suas diretrizes em aplicar um poder bruto “de um modo arrogante e unilateral que chegue a corroer o nosso poder brando” (NYE, 2002, p. 81). Por fim, ressalta-se que no tabuleiro de baixo, onde prevalecem as questões transnacionais, que os Estados Unidos encontram certa desvantagem, como explica Gilberto Dupas (2005, p. 26)

É nesse tabuleiro que as tecnologias da informação operam como disseminadoras de instrumentos de poder tornando as distâncias menores e os riscos maiores. A ideia aqui é que, participando desse jogo tridimensional, a potência hegemônica, pode perdê-lo se não olhar o segundo e o terceiro com muita atenção. É no terceiro tabuleiro- que não é o dos poderes militares e econômicos convencionais – que podem ocorrer lances decisivos para abalar a arrogância imperial. As tecnologias da informação, desenvolvidas nos dois primeiros tabuleiros, mas socializada pela própria lógica da globalização, garante a esses atores instrumentos poderosos que podem se voltar brutalmente contra seus criadores.

Para Joseph Nye (2004), são essas tecnologias da informação em conjunto com o terrorismo, que dão abertura a atentados como o da Al-Qaeda, pois essas tecnologias dão agilidade e a habilidade demonstradas nos atentados de 11 de setembro, que não eram possíveis anteriormente. Aqui, também é interessante ressaltar que o *soft power* não se limita apenas aos Estados, e sim é uma ferramenta de poder que pode ser exercida tanto por atores estatais como por atores não-estatais, assim também sendo uma importante ferramenta para os atores do terceiro tabuleiro. Um exemplo disso é o caso da Al-Qaeda, onde grande parte dos fundamentalistas radicais seguem Osama Bin Laden não por meio de ameaças ou pagamentos, mas sim porque acreditam que seus objetivos sejam legítimos (NYE, 2005).

Por fim, é importante ressaltar que o autor não acredita que o *soft power* de um Estado possa trazer eficácia sozinho, para isso é necessário que o *hard* e *soft power* coexistam e se reforcem mutuamente, o que o autor intitula como *smart power*<sup>80</sup> (NYE, 2009). Deste modo,

---

<sup>80</sup> Há uma divergência sobre quem realmente cunhou o termo *smart power*, em 2004 Suzanne Nossel utilizou a frase “uso inteligente do poder” com o intuito de “promover os interesses dos Estados Unidos através de uma rede estável de aliados, instituições e normas”, em contrapartida, Joseph Nye afirma ter utilizado a expressão em 2003 para desmistificar a ideia de que o *soft power* poderia ter eficácia sozinho.

o termo *smart power* rebate a interpretação errônea de que o poder brando, por si só, seria capaz de produzir uma projeção de política externa efetiva.

Em ‘Get Smart: Combining hard and Soft Power’, o autor explica que, embora muitos analistas entendem o *soft power* como basicamente toda a representação de poder no sistema internacional da contemporaneidade, esses estudiosos comumente confundem as ações dos Estados em busca de atingir seus objetivos com os recursos utilizados para produzir tais resultados. Salienta, então, que recursos militares e econômicos, muitas vezes, podem ser utilizados tanto para atrair quanto para coagir. Para isso, o autor utiliza como exemplo o efeito positivo da intervenção norte-americana na Indonésia depois do tsunami de 2004, que gerou resultados frutíferos para o desenvolvimento de política externa entre os dois países (NYE, 2009, p. 160). Assim, o *soft power* funciona como um instrumento de apoio e legitimação do meio mais agressivo, o *hard power*. Conforme o exemplo apresentado, o poder brando está comumente relacionado à estratégia de projeção de política externa dos Estados Unidos.

Ademais, apesar de ter utilizado pela primeira vez o termo *smart power* em 2003, a expressão só alcançou notoriedade em 2009, durante o primeiro ano de governo de Barack Obama. O termo foi utilizado pela candidata a Secretária de Estado, Hillary Clinton,<sup>81</sup> em um de seus discursos para salientar a nova mudança da política externa estadunidense pós era Bush e início da era Obama, onde o governo norte-americano se afastaria da forte política de *hard power* do primeiro e focaria em sua diplomacia e *smart power* (NYE, 2009).

Até aqui, fez-se uma contextualização do termo de *soft power* cunhado por Nye nos anos noventa, e qual a sua importância para os Estados. Ademais, para ter uma melhor compreensão de como o poder brando pode ser uma ferramenta política efetiva, é necessário entender suas principais fontes.

#### **4.1.1 Fontes de Soft Power**

Ao trazer a discussão acerca do poder brando dos Estados, em um primeiro momento, o conceito se mostrou abstrato, abrindo espaço para que o termo fosse mal utilizado, tanto por intelectuais quanto por governantes. Para McClory (2010), a crescente popularização do conceito cunhado por Nye, desde a década de noventa, causou uma má apropriação do termo, onde governantes e legisladores discursam sobre a importância do poder brando sem realmente entender o que este significa. Em suma, o autor reafirma que “for governments to

---

<sup>81</sup> Hillary Clinton foi secretária de Estado dos Estados Unidos durante o primeiro mandato e início do segundo do presidente Barack Obama, entre 21 de janeiro de 2009 a 1 de fevereiro de 2013.

effectively leverage their soft power assets, they need first understand what exactly those assets are, whether they can be mobilised by the state, and, if so, where they might be deployed” (2011, p. 5)<sup>82</sup>.

Em 2004, em seu livro “Soft Power: The Means to Success in World Politics”, considerado sua mais importante obra sobre o tema, Joseph Nye, retoma os conceitos principais já abordados em suas demais publicações, e abrange o que é poder brando. Nesta obra, o autor especifica, que principalmente, o poder brando de um Estado se baseia em três fontes distintas: Sua cultura, seus valores políticos e sua política externa. De maneira geral, determina-se que na política internacional “the resources that produces soft power arise in large part from the values an organization or country express in its cultures, in the examples it sets by its internal practices and policies and in the way it handle its relations with others” (2005, s/p)<sup>83</sup>.

Grande parte do poder brando de um Estado advém de seus valores, já que ditos valores estão intrinsecamente ligados às demais fontes de *soft power*, onde são transmitidos através de sua cultura, como também de sua agenda interna e externa. Alguns valores políticos como o apreço pela democracia e pela liberdade individual, são considerados atrativos aos demais países que seguem políticas semelhantes, características que tendem a facilitar a relação entre esses atores (NYE, 2005). Além disso, um alinhamento entre os valores políticos por um governo em seu âmbito interno e seu âmbito externo, também é considerado como uma valiosa fonte de poder brando.

If the value is in accordance with both of the actions and the one they advocate, with other countries recognition, the legality of the policies will be enhanced, which helps to achieve the goals of diplomatic policies. On the contrary, if the value differ from what they actually say and do or double standards are implemented, the soft power will be harmed (LIN, 2017, p. 70)<sup>84</sup>.

Neste sentido, as políticas governamentais são determinantes no que condiz ao *soft power* interligado as políticas externas de um Estado, se os valores políticos de um governo,

---

<sup>82</sup> “Para que os governos aproveitem efetivamente seus ativos de soft power, eles precisam primeiro entender quais são exatamente esses ativos, se podem ser mobilizados pelo Estado e, em caso afirmativo, onde podem ser implantados”. Tradução nossa.

<sup>83</sup> “Os recursos que produzem soft power surgem em grande parte dos valores que uma organização ou país expressa em suas culturas, nos exemplos que estabelece por suas práticas e políticas internas e na forma como lida com suas relações com os outros”. Tradução nossa.

<sup>84</sup> “Se o valor estiver de acordo com as duas ações e com o que eles advogam, com o reconhecimento de outros países, a legalidade das políticas será aprimorada, o que ajudará a alcançar as metas das políticas diplomáticas. Pelo contrário, se o valor diferir do que eles realmente dizem e fazem ou os padrões duplos são implementados, o soft power será prejudicado”. Tradução nossa.

exercidos através de medidas concretas no âmbito interno, não forem similares as ideias transmitidas na política externa, o *soft power* é enfraquecido. Assim, determina-se que os valores de um governo são transmitidos, principalmente “in its behavior at home (for example, democracy), in international institutions (working with others), and in foreign policy (promoting peace and human rights) strongly affect the preferences of others” (NYE, 2005, p. 14)<sup>85</sup>.

Por fim, a cultura de uma nação pode ser determinada como o conjunto de práticas e valores que dão significado a uma sociedade, normalmente distinguida entre a literatura, educação e as artes que se dirigem a elite, e na cultura popular, como a televisão, o cinema e a indústria musical, que tem uma atração maior ao entretenimento da massa (NYE, 2005). Em seu artigo publicado nos anos noventa, Joseph Nye já destaca que a cultura é um fundamental instrumento de influência, onde um Estado com cultura e uma ideologia atrativas farão com que os demais o sigam com maior facilidade.

Essa cultura, expressa os valores e as políticas incorporadas pelos Estados, assim como os valores políticos, pode ser tanto benéfica quanto prejudicial, em suma “when a country's culture includes universal values and its policies promote values and interests that others share, it increases the probability of obtaining its desired outcomes because of the relationships of attraction and duty that it creates” (NYE, 2005, p. 11)<sup>86</sup>. Neste sentido, se a cultura e os valores transmitidos são mais abrangentes e universais, eles têm o poder de atrair as demais culturas, o que não acontece em países que demonstram uma cultura rígida, onde os costumes se mostram mais limitados aquele território ou população.

O autor preconiza que, alguns analistas limitam o *soft power* a cultura popular que é transmitido às massas através da mídia, onde tentam equipar o comportamento desse poder brando com os recursos culturais que são as vias desse poder. Para que não se cometa esse erro, é necessária sempre, uma contextualização deste aspecto cultural,

Of course, Coke and Big Macs do not necessarily attract people in the Islamic world to love the United States. The North Korean dictator Kim Jong is alleged to like pizza and American videos, but that does not affect his nuclear programs. Excellent wines and cheeses do not guarantee attraction to France, nor does the popularity of Pokemon games assure that Japan will get the policy outcomes it wishes. This is not to deny that popular culture is often a resource that produces soft power, but as we

---

<sup>85</sup> “Em seu comportamento em casa (por exemplo, a democracia), em instituições internacionais (trabalhando com outros) e na política externa (promovendo a paz e os direitos humanos) afetam fortemente as preferências dos outros”. Tradução nossa.

<sup>86</sup> “Quando a cultura de um país inclui valores universais e suas políticas promovem valores e interesses que outros compartilham, aumenta a probabilidade de obter os resultados desejados por causa das relações de atração e dever que cria”. Tradução nossa.

saw earlier, the effectiveness of any power resource depends on the context (NYE, 2005, p. 12)<sup>87</sup>.

Ao debater sobre os aspectos culturais que podem ser benéficos a um Estado, pode-se mencionar dois exemplos: através do comércio, por meio de filmes, músicas, eletrônicos, que seriam consideradas como influência pela cultura popular, e através de intercâmbios culturais, que seria mais dirigido às elites. Em ambos os aspectos culturais, é notável que a influência norte-americana tem grande alcance, onde em um mundo globalizado, sua cultura e seus valores, transmitidos através dos meios de comunicação e do comércio são universalizados e absorvidos (NYE, 1990).

Denota-se que nem sempre está cultura norte-americana é vista com bons olhos ou considerada efetiva como um instrumento de *soft power*, como já mencionado, é necessária uma contextualização de como esta cultura é inserida em uma sociedade. O alcance do aspecto cultural é importante, entretanto a produção em massa não resulta em influência em massa, deste modo, é necessário analisar tanto a qualidade das produções culturais, quanto o seu alcance global (MCCLORY, 2010).

Um exemplo de recurso efetivo são os intercâmbios culturais, considerados como a cultura para a elite, onde há um grande fluxo de jovens estudantes estrangeiros, que se mudam para os Estados Unidos para estudar, e voltam ao seu país de origem, normalmente com uma imagem positiva do país. Este fenômeno se mostra efetivo, pois “many of these former students eventually wind up in positions where they can affect policy outcomes that are important to Americans<sup>88</sup>” (NYE, 2005, p. 45).

Já na cultura popular, nem sempre a sua grande comercialização demonstra resultados significativos para a agenda política norte-americana, este fato pode ser distinguido em pontos: o primeiro é que os instrumentos de *soft power*, em grande parte, não estão em controle do governo, como as fontes de *hard power*, mas são desenvolvidos por empresas, grupos não-governamentais, entidades religiosas e fundações. Para a cultura popular, isso significa que as mensagens transmitidas pelos meios de comunicação, podem ou não estar alinhadas a agenda política do Estado. Entretanto, em um país como os Estados Unidos, onde

---

<sup>87</sup> “Claro, Coca-Cola e Big Macs não necessariamente atraem pessoas no mundo islâmico para amar os Estados Unidos. O ditador norte-coreano Kim Jong alegadamente gosta de pizza e vídeos norte-americanos, mas isso não afeta seus programas nucleares. Excelentes vinhos e queijos não garantem atração para a França, nem a popularidade dos jogos de Pokémon garante que o Japão obterá os resultados desejados. Isso não é negar que a cultura popular é frequentemente um recurso que produz *soft power*, mas, como vimos anteriormente, a eficácia de qualquer recurso de poder depende do contexto”. Tradução nossa.

<sup>88</sup> “Muitos desses ex-alunos eventualmente acabam em posições em que podem afetar os resultados das políticas que são importantes para os norte-americanos”. Tradução nossa.

os valores políticos são de apreço pela democracia e pela liberdade individual, a cultura popular divergir e até mesmo criticar o governo, podem ser considerados como pontos positivos “in a liberal society, government cannot and should not control the culture. Indeed, the absence of policies of control can itself be a source of attraction” (NYE, 2005, p. 17).

O segundo ponto, alinha-se na ideia de que em uma sociedade liberal e democrática, não há uma censura ou controle sobre o que é produzido e distribuído, tanto no âmbito doméstico quanto no externo, assim, o gosto popular prevalece. Neste sentido, muitos analistas desmerecem o poder da cultura popular, pois, devido a sua grande comercialização, acreditam que a esta é apenas entretenimento da massa, e não transmite informação, logo não representam um real efeito político na sociedade. Contudo, a cultura popular se mostra um aspecto positivo, já que “popular entertainment often contains subliminal images and messages about individualism, consumer choice, and other values that have important political effects” (NYE, 2005, p. 46). Aspectos da cultura popular norte-americana como os esportes e a sua representação, a indústria musical, e os meios de comunicação expressos pela mídia, como a televisão e o cinema são exemplos de cultura popular que podem trazer resultados positivos para a agenda política.

Com um acelerado processo de globalização, onde há uma exorbitante produção e distribuição de informações, através dos meios de comunicação, que se tornam peças fundamentais em um mundo contemporâneo, a cultura, principalmente a considerada popular, se torna fator essencial na sociedade. Em consonância com Kellner (2001), a cultura transmitida e vinculada por meios midiáticos, tem o poder não só de informar, mas também de formar opiniões e comportamentos em uma sociedade.

O rádio, a televisão, o cinema e outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, e de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral (KELLNER, 2001, p. 9).

Esta indústria cultural, segundo Horkheimer e Adorno (2002), por estar inserida em um mundo capitalizado, transforma a arte em produto, e toda a sua produção e distribuição tem o objetivo de que seja consumida, ao máximo, pela sociedade. Ao tomar esta postura, a indústria cultural uniformiza as suas produções, onde “a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada sector

é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto” (2010, p. 2). Este fenômeno ocorre, para que as necessidades de consumo da sociedade sejam supridas, onde as ideias e produtos semelhantes são aceitos sem resistência. Como destaca Ouriveis (2013, p. 177), a indústria cultural se comporta como qualquer outra, sempre atenta aos custos, objetivando a distribuição em favor aos lucros, onde “esses bens de consumo são feitos em série, seguindo fórmulas prontas, garantias de sucesso, de recorde de público e arrecadação”.

Seguindo este modelo, a indústria cinematográfica ocupa grande espaço nesta indústria cultural, onde a sétima arte<sup>89</sup> ao mesmo tempo em que difunde culturas, e se mostra capaz de transpassar barreiras, possibilitando a demonstração de diferentes realidades e visões de mundo, também segue fórmulas prontas, e grande parte serve apenas como mercadoria, voltando sua produção e distribuição exclusivamente para o consumo (OURIVEIS, 2013). Ao se analisar, o cinema norte-americano, em especial as produções Hollywood, é notável que grande parte de suas produções hoje, seguem a fórmula desta indústria cultural, onde o cinema de Hollywood é o mais lucrativo do mundo. Ao perceber o poder da indústria cinematográfica, o governo norte-americano, por muitas vezes utilizou dessas produções como um instrumento político-ideológico.

---

<sup>89</sup> Termo proposto pelo intelectual italiano Ricciotto Canudo, em 1922, em seu “Manifesto das Sete artes”, em que propôs que o cinema fosse considerado como a Sétima Arte. Neste manifesto, em ordem crescente, as sete artes estavam definidas como: Arquitetura, Escultura, Pintura, Música, Dança, Poesia e Cinema (MASCARELLO, 2011).



## 5 CINEMA HOLLYWOODIANO COMO FERRAMENTA DE SOFT POWER ESTADUNIDENSE

Ao se analisar a indústria cultural norte-americana, nota-se a sua maciça distribuição e absorção, principalmente no mundo ocidental, onde ocupa lugar de destaque e dita as tendências culturais, expressa em valores e ideologias, que são transmitidos através do *American Way of life*. Ao mencionar *American Way of Life*, refere-se ao modo de vida, e o conjunto de normas que, segundo Herbeg (1960, p. 11, *apud* STAHL, 2015, p. 435), “represented a creedal system that unified the American people around important tenets—democratic idealism, pragmatic individualism, idealistic moralism—and events celebrated by Americans<sup>90</sup>”. Este modo de vida é reproduzido na sociedade, através de filmes, da música, da gastronomia, campanhas publicitárias, e todas as formas de consumo da sociedade norte-americana, onde se apresenta como um estilo de vida modelar (CUNHA, 2017).

Dentre os fatores que constituem a indústria cultural norte-americana como uma das mais expressivas do mundo, a utilização da imagem de um país próspero e livre, através do cinema se torna essencial na propagação do *American Way of life*, e o cinema Hollywoodiano pode ser considerado com uma efetiva ferramenta de *soft power* estadunidense. De acordo com Nye (2002), os Estados Unidos são os maiores exportadores de filmes e programas de televisão do mundo, onde suas produções têm impacto não só no público que a consome, mas também, a indústria segue as normas ditadas por produções Hollywoodianas.

Durante o início do século XX, o cinema passou por uma intensa transação, onde deixou de ser considerado mero registro da vida cotidiana, e passou a incorporar as temáticas ficcionais em suas produções, o que acarretou em uma transformação do cinema em produto da indústria cultural (KELLNER, 2001). Foi no período após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), segundo Butcher (2004), que as produções começaram a ser distribuídas em grande escala, inicialmente pelos países Europeus, mas devido aos problemas financeiros e estruturais acarretados pela Guerra, as produções mudaram de fluxo, e “os Estados Unidos emergiram, então, como potência mundial nesse campo” (2004, p. 16).

Para Kracauer (1949), a partir deste período, os filmes hollywoodianos se tornaram produtos comerciais que tinham o objetivo de atrair e servir como entretenimento da massa, não só da população estadunidense, mas objetivavam um alcance global. Ao ganhar

---

<sup>90</sup> “Representou um sistema de credos que unificou o povo norte-americano em torno de princípios importantes - idealismo democrático, individualismo pragmático, moralismo idealista - e eventos celebrados pelos norte-americanos”. Tradução nossa.

popularidade e espaço na vida cotidiana dos indivíduos, o cinema hollywoodiano, se tornou tanto formador quanto seguidor da opinião pública, onde a representação de nações diferentes, normalmente se alinha com o pensamento norte-americano.

The subjective factor in any such image is more or less identical with the notions American public opinion entertains of the people portrayed. It is therefore highly improbable that a nation popular with the average American will be presented unfavorably; nor should we expect currently unpopular nations to be treated with condoning benevolence. Similarly, screen campaigns for or against a nation are not likely to be launched unless they can feed on strong environmental moods in their favor<sup>91</sup> (KRACAUER, 1949, p. 56).

Neste sentido, a opinião pública estadunidense, tem influência em como o cinema retrata não só como o “outro” é visto, mas o próprio “eu”. Durante a década de trinta, de acordo com Golçalves (2008), o “modo de vida americano” espalhou-se pelo mundo, e foi absorvido por diversas culturas, da América Latina a Ásia, onde o cinema hollywoodiano teve essencial participação, e vendeu ao mundo, o “modo norte-americano de se viver a vida, sua maneira de encarar problemas, suas soluções para eles, seu modo particular de alcançar a felicidade e seu próprio conceito de felicidade” (2012, p. 2). Este modo de vida era vendido, nas imagens mostradas em tela, no comportamento dos personagens, no que estes diziam e até a sua produção, montagem, enquadramento, como cita Dawson (2009, p. 9) “Hollywood is not only about movies, it is also about production, distribution, audiences and popular culture<sup>92</sup>”.

Aqui, é importante ressaltar, que no período, entre 1930 e 1968, os filmes hollywoodianos considerados clássicos eram produzidos e distribuídos seguindo um número de regras determinado pelo Código Hays. Com a popularização dos filmes hollywoodianos, no início da década de 20, as produções sofreram represálias de associações e organizações que criticavam a “imoralidade” que era retratada em tela. Temendo que o governo tomasse as rédeas das produções, os principais estúdios de cinema criaram a Motion Pictures Producers and Distributors Association Association (MPPDA), que tinha o objetivo de regular os filmes produzidos por Hollywood. Como líder da MPPDA, tinha-se Will H. Hays que foi o

---

<sup>91</sup> “O fator subjetivo em qualquer imagem desse tipo é mais ou menos idêntico às noções que a opinião pública norte-americana recebem das pessoas retratadas. Portanto, é altamente improvável que uma nação popular com o americano médio seja apresentada desfavoravelmente; nem devemos esperar que as nações atualmente impopulares sejam tratadas com condescendência com a benevolência. Da mesma forma, as campanhas de tela a favor ou contra uma nação provavelmente não serão lançadas, a menos que possam se alimentar de um clima ambientalmente forte a seu favor”. Tradução nossa.

<sup>92</sup> “Hollywood não é apenas sobre filmes, é também sobre produção, distribuição, audiências e cultura popular”. Tradução nossa.

responsável pela criação das normas que deveriam ser seguidas pelos filmes produzidos durante este período, ditas normas que ficaram conhecidas como Código de Produção ou Código Hays (SILVA, 2013).

Além do papel integrante da opinião pública nas produções norte-americanas, de acordo com Paiva (2012), o cinema hollywoodiano, desde seu surgimento como produto da indústria cultural, é utilizado como instrumento de difusão ideológica, e em inúmeras ocasiões esteve atrelado aos interesses do governo norte-americano, servindo assim como instrumento legítimo de *soft power*. Entretanto, não se pode generalizar as produções norte-americanas, e definir todas como instrumento ideológico de um governo, já que existem filmes independentes ou até mesmo “Blockbusters<sup>93</sup>” que carregam críticas aos Estados Unidos.

Um exemplo claro da utilização de Hollywood como ferramenta política, se deu no governo do democrata Franklin D. Roosevelt durante a década de 40. Neste período, o chefe do Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos (Office of the Coordinator of Interr-American Affairs - OCIAA), Nelson Rockefeller, em conjunto com produtores de Hollywood, principalmente dos Estúdios de Walt Disney, articularam e alinharam as agendas da época com os filmes produzidos, em prol da Política da Boa Vizinhança. De acordo com Moraes (2015), em uma das muitas medidas tomadas na “política da boa vizinhança” para bloquear a influência da Alemanha Nazista na América Latina, os filmes produzidos nessa época tinham o objetivo tanto de retratar uma imagem amigável dos países da América Latina para os norte-americanos, quanto de impedir que uma ideia ofensiva ou de inimizade fosse exportada através dos filmes hollywoodianos.

É possível perceber a construção do que viria a ser o *soft power* estadunidense mesmo antes de esse conceito ter sido formulado. Tal é o caso da dimensão cultural da Política da Boa Vizinhança de Roosevelt para a América Latina. Nela, Estado, homens de negócio, dirigentes da indústria cinematográfica e de entretenimento dos Estados Unidos esforçaram-se para, ainda durante a Segunda Guerra Mundial, conquistar os latino-americanos e afastar o avanço comercial e ideológico de potências européias (especialmente Alemanha e Itália) na região. O melhor caminho para atingir esses objetivos não era o das armas (ZANELLA, 2015, p. 209).

Dentre as principais produções deste período destaca-se o filme de animação “Alô, Amigos!”, produzido pela Walt Disney, lançado no Brasil em 1942, e no ano seguinte nos Estados Unidos, onde um grupo de desenhistas e técnicos da própria Walt Disney, visitou

---

<sup>93</sup> Aspecto essencial da indústria cultural, os Blockbusters ou “arrasa-quarteirões”, são filmes considerados superproduções cinematográficas hollywoodianas. Esses filmes são feitos essencialmente para o consumo do público, e que contam com orçamentos milionários, que objetivam o maior número de arrecadações possível (PAIVA, 2012).

quatro países da América do Sul: Peru, Chile, Argentina e Brasil. Em “Alô, Amigos!”, fica claro o objetivo de demonstrar uma espécie de unificação entre os “amigos” norte-americanos e latinos americanos, onde a animação abraça a “ideia de trocas, compartilhamentos, cooperação e relação horizontal – justamente o que se espera que existe em uma relação entre amigos” (ZANELLA, 2015, p. 217).

Além de produções feitas com o intuito de aproximar os Estados Unidos de algumas nações, tanto ideológica quanto comercialmente, em períodos de conflito, muitos filmes de Hollywood são direcionados ao gênero de Guerra, principalmente com os objetivos de exacerbar um sentimento Nacionalista, como também o de vilanizar o inimigo. De acordo com Shain (1974, p. 334), durante a Segunda Guerra Mundial, “Cooperating with the Office of War Information (cooperation marked by arm twisting and a War Production Board threat to reduce the movie industry's raw film supply), Hollywood produced 312 war movies during 1942-45<sup>94</sup>”, onde a maioria desses filmes não teve uma arrecadação benéfica aos estúdios de Hollywood.

Neste sentido, com o fim da Segunda Guerra, os produtores esperavam divergir dos filmes de Guerra e focar em filmes mais lucrativos e de maior interesse do público. Entretanto, se durante a vigência da Segunda Guerra Mundial, as produções se voltaram para propagar uma imagem em defesa dos valores norte-americanos, assim como vender uma imagem de inimigo à Alemanha de Adolf Hitler, com o fim deste conflito as produções ganham uma nova roupagem.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a derrota da Alemanha Nazista, o Sistema Internacional se tornou bipolar e a arena política foi dominada por um novo conflito, a Guerra Fria. Neste conflito, que durou aproximadamente 45 anos, entre o fim da Segunda Guerra, 1945, até a dissolução da União Soviética (URSS) em 1991, o mundo dividiu-se em dois blocos: o bloco capitalista com a liderança dos Estados Unidos e o Bloco Socialista com a liderança da União Soviética (PAINTER; LEFFER, 2005). No contexto da Guerra Fria, ambas as potências mundiais utilizaram de todos os recursos possíveis, tanto de *hard* quanto de *soft power*, para que os demais países fizessem parte de sua zona de influência. Para Joseph Nye (2005), o aspecto cultural norte-americano foi essencial na vitória dos Estados Unidos, onde mesmo com uma força militar impressionante e contando com ferramentas de

---

<sup>94</sup> “Cooperando com o Escritório de Informação de Guerra (cooperação marcada pela torção do braço e uma ameaça do Conselho de Produção de Guerra para reduzir a oferta de filmes crus da indústria cinematográfica), Hollywood produziu 312 filmes de guerra durante 1942-45”. Tradução nossa.

poder brando, a União Soviética não conseguiu se manter no mesmo ritmo cultural que os norte-americanos

Soviet state-run propaganda and culture programs could not keep pace with the influence of America's commercial popular culture in flexibility or attraction. Long before the Berlin Wall fell in 1989, it had been pierced by television and movies<sup>95</sup> (2004, p. 49).

Neste período, as produções de Hollywood serviram como instrumento ideológico essencial como meio de propagação dos ideais norte-americanos por meio dos filmes e, principalmente, como geradora de conteúdo anticomunista, onde o inimigo soviético era sempre tratado como vilão é retratado de forma unilateral. Além disso, grande parte desses filmes contava com um anseio nacionalista, onde havia sempre uma luta entre o bem (Estados Unidos) e o mal (URSS).

Segundo Silva (2013), tais produções hollywoodianas que contavam com um teor anticomunista eram produzidas desde a década de 20, já que as ideias socialistas da União Soviética nunca foram bem vistas nos Estados Unidos. Entretanto, com o início da Guerra Fria o governo norte-americano considerou necessário que o socialismo soviético fosse combatido em todas as esferas necessárias, assim iniciando um período de controle nas produções cinematográficas.

Hollywood's Cold War movies took their flavor from the sometimes paranoid fear of communism that gripped the United States in the early Cold War years, but the decision to make movies was prompted by political coercion in the midst of economic turmoil<sup>96</sup> (SHAIN, 1974, p. 334).

Esta coerção, de acordo com Meeks (2009), ocorreu principalmente após 1947, anos em que a HUAC (House of Un-American Activities Committee), abriu uma série de inquéritos, que tinham o objetivo de analisar e censurar filmes e propagandas, que apresentassem ideias comunistas ou de cunho “antiamericano”. Dentre os filmes que foram alvo dos inquéritos da HUAC pode-se destacar Canção dos Acusados (Song of Russia), de 1942, Estrela do Norte (The North Star) de 1943 e Missão a Moscou (Mission to Moscow)

<sup>95</sup> “Os programas de propaganda e cultura estatais soviéticos não conseguiam acompanhar a influência da cultura popular comercial americana na flexibilidade ou atração. Muito antes de o Muro de Berlim cair em 1989, ele havia sido trespassado pela televisão e pelos filmes”. Tradução nossa.

<sup>96</sup> “Os filmes hollywoodianos durante Guerra Fria tiraram seu sabor do medo às vezes paranóico do comunismo que atingiu os Estados Unidos nos primeiros anos da Guerra Fria, mas a decisão de fazer filmes foi motivada pela coerção política em meio à turbulência econômica”. Tradução nossa.

também de 1943. Para Shain (1974), ao decorrer dos inquéritos ficou claro que, a HUAC estava mais preocupada em censurar produtores e artistas de esquerda, do que realmente encontrar propaganda comunista nos filmes norte-americanos. Ainda, durante os interrogatórios, o diretor da HUAC, J. Parnell Thomas, recomendou a criação de uma lista negra, que contaria com qualquer indivíduo que alegadamente tivesse conexões comunistas, ideia que foi aderida pouco antes da década de 60.

De acordo com Silva (2013), simultaneamente com os inquéritos da HUAC, os filmes Hollywoodianos intensificaram a produção de filmes com cunho anticomunista, e principalmente filmes patrióticos que exacerbou o nacionalismo norte-americano, tendo o ápice dessas produções em 1952, quando era produzido, pelo menos, um filme por mês com esta temática. Dentre as principais produções destacam-se os filmes *Cortina de Ferro* (The Iron Curtain), de 1948, e *Ele pode ser um comunista* (I Was a Communist for the FBI) (1951).

Estes, e inúmeros outros filmes de propaganda que foram lançados neste período, certamente foram de grande auxílio para o governo norte-americano durante a vigência da Guerra Fria, não só nos Estados Unidos, mas em todo o bloco Ocidental. De fato, não era necessário o cinema para impor amedrontamento por causa da ameaça comunista ao norte-americanos, pois já temiam as ideias socialistas a anos. Entretanto, segundo Shain (1974, p. 340), com a Guerra Fria o perigo de uma ameaça comunista se transformou no perigo de uma “invasão comunista”, “the intruders - whether operating in the United States or abroad and much like the succession of "aliens" Americans had feared in the past - seemed to represent the antithesis of American values<sup>97</sup>”.

Por fim, a efetividade do cinema e da cultura popular em geral norte-americana, não obteve sucesso apenas nos Estados Unidos e nos países do Bloco Capitalista, mas também na própria União Soviética. Segundo Nye (2005), apesar das censuras a filmes norte-americanos, e a própria utilização do Cinema como ferramenta de *soft power* por parte dos Soviéticos, a cultura popular norte-americana prevaleceu “even though the Soviet Union restricted and censored Western films, those that made it through the filters were still capable of having devastating political effects<sup>98</sup>” (2004, p. 49). Aqui, destaca-se que tanto filmes políticos, como produções que mostravam guerras, quanto filmes apolíticos, em que se retratava o *American Way of Life* surtiram efeitos políticos.

---

<sup>97</sup> “Os intrusos - seja operando nos Estados Unidos ou no exterior e muito parecido com a sucessão de "Aliens" que os americanos temiam no passado - pareciam representar a antítese dos valores americanos”. Tradução nossa.

<sup>98</sup> “Embora a União Soviética tenha restringido e censurado os filmes ocidentais, aqueles que conseguiram passar pelos filtros ainda eram capazes de ter efeitos políticos devastadores”. Tradução nossa.

Ao analisar os desdobramentos da indústria cinematográfica hollywoodiana durante o século XX, principalmente após o fim da Primeira Guerra Mundial, nota-se a sua importância como instrumento de legitimação política norte-americana. Destarte, é notável que o cinema hollywoodiano desde sua transformação em produto da indústria cultural norte-americana, em diversas ocasiões molda-se a agenda política norte-americana e serve como uma ferramenta importante de *soft power*, onde a cultura e os valores políticos são transmitidos nos filmes através do *American Way of Life*, como também a política externa estadunidense se beneficia da repercussão positiva que algumas produções obtém em países da zona de influência norte-americana. Ademais, constata-se em como essas produções hollywoodianas, principalmente os Blockbusters, utilizam de uma fórmula onde há um confronto entre o bem e o mal, em que é sempre retratado pelo herói estadunidense, e o “outro” ganha o papel de vilão.

A presença e intensa exposição do “outro”, na posição de antagonista ou de “inimigo”, tem sido uma constante nas produções cinematográficas hollywoodianas. Aquele que foi ou é apresentado como perigoso opositor localiza-se tanto no contexto abrangente da sociedade yankee quanto, e com maior frequência, em outros países. Explícita ou implicitamente, consagrou-se o suposto que qualquer que seja o agente social que coloque em risco o propalado *american way of life*, ao mesmo tempo estruturado e estruturador da democracia norte-americana, constitui-se em um agente deletério que precisa ser urgentemente denunciado e neutralizado, inclusive pelas lentes cinematográficas (BERTOLLI, 2016, p. 84).

Como já mencionado, nos principais conflitos que marcaram o século passado, os inimigos norte-americanos em Hollywood sempre estão bem definidos, e alinhados com a agenda política norte-americana, como o inimigo nazista na Segunda Guerra e o inimigo Comunista durante a Guerra Fria. Do mesmo modo, atualmente as produções hollywoodianas encontraram no Fundamentalismo Islâmico e no Terrorismo, um inimigo em comum para o mundo Ocidental, onde após os atentados de 11 de setembro e o início da Guerra ao Terror perpetuada pelos Estados Unidos, o cinema hollywoodiano direcionou suas produções para o “inimigo terrorista”.

### **5.1 Cinema Hollywoodiano após 11 de Setembro**

Como já mencionado, os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 foram um marco na história dos Estados Unidos, e um dos principais acontecimentos do século XXI, sendo que alteraram a ordem internacional contemporânea. Simultaneamente, o extremista muçulmano Osama Bin Laden, que era considerado como líder da Organização Terrorista Al-Qaeda, além de ser acusado de estar vinculado a uma série de atentados cometidos contra os

Estados Unidos na década de noventa, se tornou o inimigo número 1 dos Estados Unidos e do mundo ocidental, entrando para a lista dos mais procurados do FBI.

De acordo com Neves e Machado (2015), este novo inimigo, significou para os Estados Unidos o comprometimento com uma “Guerra Contra o Terror”, onde os norte-americanos não só tinham o objetivo de combater um inimigo, mas também induzir as demais nações a fazer o mesmo para garantir seu lugar de Hegemonia. Similarmente, Wellausen (2002), menciona a necessidade dos Estados Unidos em construir a imagem de um inimigo para continuar suas ações imperialistas.

Depois da Guerra Fria, a União Soviética deixou de existir como inimigo dos Estados Unidos, que precisam fabricar um novo inimigo para continuar o jogo maniqueísta e, assim, justificar o terror de Estado desenvolvido pelas políticas administrativas e financeiras americanas. Logo foi apontado o novo inimigo – o fundamentalismo islâmico – portador do mal, e o próprio satã era Osama Bin Laden. (2002, p. 106).

Neste sentido, além da ofensiva iniciada pela Guerra ao Terror, que ainda em 2001 enviou tropas ao Afeganistão em busca de Osama Bin Laden, o governo norte-americano tomou uma postura onde pregava uma luta entre o bem (Estados Unidos) e o mal (Terroristas). Este discurso pode ser evidenciado nos pronunciamentos do então presidente George W. Bush, e tinha segundo Zanella (2015), sobretudo o objetivo de validar os atos de exceção e a eventual violência da Guerra contra o Terror. Similarmente, esta postura foi incorporada pelos meios de comunicação, onde canais de televisão divulgaram incansavelmente acontecimentos e relatos sobre o 11 de setembro, com o trunfo de retratar uma tragédia televisionada.

O cenário de uma Guerra ao Terror contra o Terrorismo Internacional, também foi incorporado pelo cinema e, em inúmeras produções encontram-se filmes que abordam de forma ficcional os atentados de 11 de setembro, onde normalmente há um terrorista islâmico vilanizado e estereotipado, e a retratação de um herói por parte dos Estados Unidos. É importante ressaltar que mesmo antes dos atentados de 11 de setembro, filmes que utilizam do terrorismo como o “outro”, onde o vilão é protagonizado por um fundamentalista islâmico já eram produzidos por Hollywood.

De acordo com Riegler (2014), com o fim da Guerra Fria, filmes que retratavam atentados terroristas ganharam espaço, e após o primeiro atentado às Torres Gêmeas em 1993, os *jihadistas* surgiram como vilões em filmes hollywoodianos. Alguns filmes como A verdade da Mentira (True Lies), de 1994 e Nova Iorque Sitiada (The Siege) de 1998, são



exemplos de filmes que retratam um inimigo fundamentalista, que é representado como “Fanatical in his hatred of the US, displaying no regard for innocent life when enacting spectacular violence, and rejecting all possibilities of moderation” (2014, p. 105).

Como efeito imediato em Hollywood após os atentados de 11 de setembro, tem-se o cancelamento e/ou adiamento de mais de 45 produções que retratam atentados terroristas ou filmes sobre destruição em massa, além disso, produções que continham imagens das Torres Gêmeas foram editadas (RIEGLER, 2014). Além disso, segundo Sharret (2001), ainda em 2001, o assessor do Presidente Bush, Karl Rove, reuniu-se com produtores e executivos de Hollywood e de canais de televisão, para discutir os eventos de 11 de setembro, e informar os planos do governo para derrotar a Al-Qaeda e como estes eventos deveriam ser transmitidos. Segundo Sharret, o consenso entre os produtores e membros do governo foi, na necessidade da produção de filmes com mensagens positivas, e focando no patriotismo norte-americano.

Para Frago, La Porte e Phalen (2010), a administração de Bush reconhecia a importância dos meios de comunicação, principalmente do cinema, que como já visto, em diversas ocasiões fora usado como instrumento político-ideológico do governo norte-americano, e servia como uma efetiva ferramenta de *soft power*. Neste sentido, os meios de comunicação seriam utilizados para a propagação dos principais objetivos da Guerra ao Terror: Tanto na ofensiva aos países que supostamente abrigavam Organizações Terroristas, quanto transmissão dos ideais norte-americanos de liberdade e democracia, que destoava dos ideais dos fundamentalistas islâmicos.

There is no doubt that political interests saw Hollywood film production as a particularly efficient weapon to spread these ideas. The Bush administration was undoubtedly aware that cinematic versions of historical events reach and endure in the memories of people far better than other modes of explanation making them a decisive means of shaping history. Narrative reconstructions, in particular, can deal with the “inner workings” of an event, placing it in a larger framework that helps audiences make sense of a reality that is overwhelming in its complexity (FRAGO; LA PORTE; PHALEN, 2010, p. 58).

Após os atentados de 11 de setembro, inúmeras produções como programas de televisão, documentários e filmes hollywoodianos tentam retratar o terrorismo, como ele causa impacto na sociedade, principalmente retratada em solo norte-americano, e como os atentados modificaram a sociedade estadunidense. Entretanto, segundo Frago, La Porte e Phalen (2010), imediatamente após os atentados, nenhum filme hollywoodiano abordou o 11 de setembro, mesmo que de forma indireta, e qualquer produção sobre o tema se limitou a documentários ou filmes para a televisão, como o filme lançado em 2003, DC 9/11: Time In

Crises, que retrata os eventos de 11 de setembro sob a perspectiva do então presidente George W. Bush.

Segundo Riegler (2014), aproximadamente cinco anos após os atentados, os estúdios de Hollywood começaram a produzir filmes com a temática voltada para os atentados de 11 de setembro, entretanto, os produtores foram extremamente cautelosos ao abordar o tema “while it formed the emotional background for all kinds of escapist adventures, there was considerably less interest in depicting the actual event. Thus, the first films relating to 9/11 did this in a consciously distanced way, aiming not to attract controversy” (2014, p 109).

Neste sentido, os primeiros filmes produzidos sobre a tragédia do 11 de setembro, abordam temas específicos, e comumente retratam o patriotismo norte-americano, e em como a tragédia afetou a vida dos civis norte-americanos. Além disso, ao abordar o tema, os terroristas são retratados de forma unilateral, onde não há um desenvolvimento ou narrativa sobre as motivações que levaram a cometer tais atrocidades. Neste sentido, o terrorista quando aparece em tela, é sempre visto como o “outro”, o inimigo, sabe-se que o vilão é o terrorista, entretanto este está totalmente destituído de personalidade.

Dentre os filmes produzidos após o 11 de setembro e que abordam essa temática, pode-se destacar o filme *United 93* (2006), dirigido por Paul Greengrass, que busca recriar o sequestro do voo 93 da United Airlines que fora capturado por quatro membros da Al-Qaeda e que tinha como alvo a Casa Branca. O filme retrata de forma heroica a narrativa dos 40 tripulantes do voo, que após receberem a notícia de que outros aviões haviam sido sequestrados, perceberam que provavelmente teriam o mesmo destino, e entraram em confronto com os terroristas, assim supostamente impedindo o avião de atingir a Casa Branca. Ademais, o filme se intitula docudrama, pois baseia sua história em fatos reais, a partir de dados retirados do relatório oficial comissão do 11 de setembro, assim como depoimentos dos familiares das vítimas que estavam no avião. O filme limita-se a abordar os acontecimentos do voo UA93 em si, e a narrativa das vítimas ao perceberem que haviam sido sequestradas, assim como os outros ataques são mencionados por ligações telefônicas.

Em *World Trade Center* (2006), filme de Oliver Stone, também baseado em fatos reais, busca narrar a trajetória de uma forma também heroica, de dois policiais norte-americanos, John Mcloughlin e Will Gimeno, que participaram das buscas e dos resgates as vítimas que estavam soterradas nos escombros das Torres Gêmeas. Esta produção também se limitou a um tema específico sobre a tragédia, e foca sua história de modo unilateral, onde há imagens sobre a queda das Torres Gêmeas ou informações sobre os terroristas, o filme se limita a retratar o drama dos protagonistas e de suas respectivas famílias. Além dessas duas

produções, outros filmes como *The Great New Wonderful* (2005), *Reign Over Me* (2007) e *Extremely Loud and Incredibly Close* (2011), também retratam de alguma maneira as tragédias do 11 de setembro, mas focando em tragédias pessoais, não retratando de maneira objetiva ou retratando terroristas.

Todas as produções mencionadas, de alguma forma retratam o 11 de setembro, entretanto sem utilizar uma narrativa da Guerra ao Terror, limitando-se a abordar as tragédias ocorridas em 2001, onde tomam uma posição mais pessoal dos acontecimentos. Como já mencionado, logo após os atentados, filmes que abordavam terrorismo ou destruição em massa, foram evitados pelas produções de Hollywood, já que as imagens do 11 de setembro ficaram marcadas durante um longo período e tempo nos norte-americanos. Entretanto, com os desdobramentos da Guerra ao Terror, onde cada vez mais as ofensivas iniciadas pela administração de George W. Bush causavam revolta tanto na população estadunidense quanto na comunidade internacional, produtores de Hollywood iniciaram produções com filmes que abordavam a Guerra ao Terror.

Alguns filmes foram produzidos na esteira dessas críticas, como é o caso de *Charlie's Wilson War* (2008), dirigido por Mike Nichols, que narra o apoio da CIA aos *mujahidin* durante a Guerra do Afeganistão na década de 80, para estancar o poder dos soviéticos na região, e como indiretamente o auxílio dos Estados Unidos influenciou o 11 de setembro. Em *Syriana* (2005), dirigido por Stephen Gahan, o filme aborda como a indústria petroleira e em como a política do petróleo afeta o governo, e influência no terrorismo.

Devido à grande polêmica envolta a Guerra Do Iraque, principalmente após o escândalo envolvendo a prisão e tortura de Abu Gharib e pela Guerra ainda está em andamento, filmes sobre essa temática foram produzidos, entretanto grande parte, limitaram-se a retratar a volta de veteranos de Guerra ao Estados Unidos, como é visto em *Home of the Brave* (2006) e *Badland* (2007). Pode-se mencionar o premiado filme dirigido por Kathryn Bigelow, *Hurtlocker* (2009), que narra a trajetória de um grupo de homens do Esquadrão Antibomba do exército norte-americano em Bagdá, durante a Guerra do Iraque.

Apesar de um número expressivo de produções Hollywoodianas em que o 11 de setembro ou a Guerra ao Terror e seus desdobramentos são abordados, esses filmes tiveram baixa arrecadação, mesmo o filme *The Hurtlocker*, que recebeu o Oscar de melhor filme não apresentou números expressivos de bilheteria. Este fato, segundo Riegler (2014), durante 2009 e 2012, diminuiu expressivamente o número de produções que abordam a temática do Terrorismo. Nota-se que filmes lançados, principalmente após 2006, tiveram uma baixa distribuição, principalmente filmes que remetem a Guerra ao Terror, neste período, as críticas

ao Governo Bush já se intensificaram, tanto no âmbito doméstico, quanto no âmbito externo, onde havia uma fragilização da imagem dos Estados Unidos como superpotência, o que pode explicar o desinteresse do público em filmes que abordam o 11 de setembro, principalmente a Guerra ao Terror.

Apesar de pôr durante uma década ser considerado o inimigo número um dos Estados Unidos, e sua captura ser um dos objetivos principais da ofensiva da Guerra ao Terror no Afeganistão e no Paquistão, o Saudita Osama Bin Laden, e tão pouco a Organização Al-Qaeda foram representados de forma expressiva no cinema. Apesar de diversas produções após os atentados de 2001, abordarem o terrorismo e usarem os terroristas como antagonistas, este “outro”, por muitas vezes o vilão é um fundamentalista islâmico, entretanto não se atribui nomes ou referências a grupos radicais.

De certa forma, há uma dificuldade em retratar um conflito durante sua vigência, principalmente quando este não apresenta os resultados esperados, já que tanto a Guerra do Afeganistão quanto a Guerra do Iraque apesar de sua intensa ofensiva não apresentavam resultados satisfatórios. Apesar da Guerra do Afeganistão ter sido considerada uma vitória para os Estados Unidos, os resultados da Guerra ao Terror não eram satisfatórios, já que apesar de ter destituído o regime Talibã do poder, e instalado um governo democrático no país, os conflitos ainda se estendiam no país, e as células terroristas, tanto da Al-Qaeda quanto de outros grupos persistia. Principalmente, um dos principais objetivos das ofensivas da Guerra ao Terror, era a captura de Bin Laden, que mesmo após 10 anos de conflitos, ainda não havia sido encontrado.

Entretanto, segundo Riegler (2014), poucos antes do décimo aniversário da tragédia de 11 de setembro, dois pontos foram importantes para uma mudança de cenário na representação cultural da tragédia: A candidatura e consequente eleição do democrata Barack Obama, que durante eleições, uma de suas bandeiras era a retiradas das tropas da região do Oriente Médio, que se concretizou em 2011 no Iraque, e a captura e consequente assassinato do maior inimigo dos Estados Unidos, Osama Bin Laden em maio de 2011, que representou uma vitória simbólica para os Estados Unidos.

Logo após a sua captura, a caçada por Bin Laden fora retratada em duas produções: uma para a televisão e de baixa produção, o filme *Seal Team Six. The Raid on Osama Bin Laden*, em 2012, que basicamente narra a história de um grupo de homens da Unidade de Forças Especiais em busca de Bin Laden, e o filme *Zero Dark Thirty* que servirá de análise para esta pesquisa.

## 5.2 Análise do Filme “A Hora Mais Escura”

*A Hora Mais Escura* (Zero Dark Thirty<sup>99</sup>), é uma produção Hollywoodiana, lançada em 2012, com direção e co-produção de Kathryn Bigelow e roteiro de Mark Boal, também produtores do vencedor do Oscar, Guerra ao Terror. O filme obteve um orçamento de 40 milhões de dólares, e uma arrecadação mundial de pouco mais de 132 milhões de dólares, sendo considerado um bom alcance de bilheteria. Além disso, o filme foi aclamado pela crítica especializada, obtendo 95% de aprovação no Metacritic<sup>100</sup>, sendo indicado a inúmeras premiações, incluindo o Oscar e o Globo de Ouro, no qual a protagonista, Jessica Chastain, ganhou o prêmio de melhor atriz. Neste sentido, o filme de Kathryn Bigelow obteve mais sucesso que grande parte dos filmes produzidos após o 11 de setembro, que de alguma forma abordaram os atentados ou a Guerra ao Terror, principalmente por se destacar como uma história baseada em acontecimentos reais da caçada de Bin Laden.

De forma geral, com a premissa de ser uma história baseada em fatos reais, o filme narra a história da “maior caçada humana da história para o homem mais perigoso do mundo”. Em pouco mais de duas horas, o filme retrata os esforços de quase uma década, de sua protagonista Maya (Jessica Chastain), uma Agente da CIA (Central Intelligence Agency), em encontrar o inimigo número um dos Estados Unidos, Osama Bin Laden<sup>101</sup>. Ao abordar os desdobramentos do 11 de setembro e da Guerra ao Terror, o filme se limita a seguir os passos de sua protagonista, em poucos momentos o filme não segue sua narrativa. Neste sentido, não se vê os impactos dos atentados nos Estados Unidos, ou aos conflitos travados ao longo da década, mas sim a busca incessante pelo saudita Osama Bin Laden.

A linha temporal do filme, apesar de alguns saltos temporais, se dá de forma cronológica, onde se inicia logo após os atentados de 11 de setembro, e tem seu grande finale com a captura e consequente execução de Osama Bin Laden, em Abbottabad, no Paquistão<sup>102</sup>. Desta forma, o filme engloba as duas administrações do republicano George W. Bush, entre 2001 e 2008, como também parte do mandato do democrata Barack Obama, entre início de

---

<sup>99</sup> Inicialmente o nome do filme seria Kill Bin Laden, porém foi renomeado para Zero Dark Thirty no início de 2012. Em uma entrevista para a revista Entertainment Weekly, a autora Kathryn Bigelow explicou o significado do termo “Zero Dark Thirty”, se refere ao um termo militar que significa 30 minutos após a meia noite, e também representa o sigilo da operação ao longo da década.

<sup>100</sup> Website norte-americano que reúne as principais críticas especializadas de filmes, séries de televisão, entre outros.

<sup>101</sup> Inicialmente, a ideia de Kathryn Bigelow e Mark Boal era de retratar a busca por Bin Laden, que ainda não tinha sido encontrado. Durante a pré-produção, com a morte de Bin Laden, o roteiro foi modificado para retratar sua captura.

<sup>102</sup> O filme passa grande parte de sua narrativa no Paquistão, entretanto foi gravado na Índia, pois não foi permitido as gravações em território Paquistanês.

2009 a 2011, sendo que a captura de Bin Laden é reconhecida como mérito do governo de Obama, o que é bem destacado no longa-metragem.

De acordo com a diretora, Kathryn Bigelow o filme foi baseado a partir de relatórios oficiais do governo e depoimentos de Agentes da CIA, de acontecimentos reais que levaram à captura de Osama Bin Laden. Na época de sua produção o filme causou controvérsias, e a administração de Barack Obama foi acusada de dar acesso a documentos oficiais para a produção do filme. Um deputado republicano na época e presidente do comitê de segurança na época segurança doméstica, Peter King, acusou a administração Obama e abriu um inquérito para investigar tais acusações.

Filmmakers Kathryn Bigelow and Mark Boal may have set out to tell a blockbuster, election-year story about one of the most highly classified operations in American history, but through these emails they've ended up telling a damning story of extremely close, unprecedented, and potentially dangerous collaboration with top officials at the CIA, DoD, and the White House and a top Democratic lobbying firm<sup>103</sup> (HOMELAND SECURITY COMITEE, 2012).

Segundo Peter King, essas informações teriam sido concedidas pelo partido Democrata e pela administração Obama, com o objetivo de que o filme fosse lançado um mês antes das eleições presidenciais de 2012, alegando que o longa seria uma espécie de propaganda ao presidente. A captura e conseqüente assassinato de Osama Bin Laden, seriam retratados como uma vitória do governo de Barack Obama, e o filme, segundo King, seria utilizado como uma forma de ganhar votos. A investigação nunca concluiu se o filme recebeu ou não informações confidenciais, mas devido às controvérsias, o filme foi adiado e lançado um mês após as eleições presidenciais, em dezembro de 2012.

O filme inicia sua narrativa de forma impactante, utilizando de áudios reais que foram gravados durante os ataques de 11 de setembro, retirados das chamadas de emergência feitas por passageiros dos aviões como também vítimas das Torres Gêmeas, minutos antes da queda das torres, “we listen to fragments from a number of theses calls...starting with pleas for help, buildin to a panic, ending with the caller’s grim acceptance that help will not arrive, that the

---

<sup>103</sup> “Os cineastas Kathryn Bigelow e Mark Boal podem ter planejado contar um blockbuster, uma história de ano eleitoral sobre uma das operações mais altamente classificadas da história americana, mas através desses e-mails eles acabaram contando uma história extremamente perto, sem precedentes, e uma colaboração potencialmente perigosa com altos funcionários da CIA, DoD e da Casa Branca e uma importante firma de lobby democrata”. Tradução nossa.

situation is hopeless, that they are about to die<sup>104</sup>” (BOAL, 2011, p. 1). Sem a necessidade de imagens, os áudios são reproduzidos com uma tela preta ao fundo, o espectador é logo imerso na tragédia, além disso, não há necessidade de saber quem é o inimigo e o porquê, pois a tragédia fala por si mesmo.

Logo, há um corte de cena e o filme dá um salto temporal de dois anos, e o filme inicia a narrativa de sua protagonista, a Agente da CIA, de forma brusca. Em uma sala de interrogatórios em um local não identificado, pela primeira vez, a personagem, Maya, participa de um interrogatório em que se utiliza métodos de tortura como uma tentativa de coerção. Nesta cena, outro Agente da CIA, Daniel Stanton, interroga um prisioneiro, Ammar, tem conexões com a Al-Qaeda, assim como informações valiosas sobre consequentes atentados terroristas.

Inicialmente, o espectador sente empatia por Ammar, entretanto ao passar da cena, revela-se que o personagem teve participação nos atentados de 11 de setembro “you and your uncle murdered three Thousand innocent people. I have your name on a five-Thousand dollar transfer via western Union to a 9/11 hijacker” (BOAL, 2011, p. 4). Este será um ponto chave do filme, a tentativa de legitimação da tortura, onde há uma desumanização do “outro”, do terrorista, defini-se quem é o herói e quem é o vilão. O filme não sente a necessidade de humanizar os personagens torturados, pois a ligação desses indivíduos com a Al-Qaeda e com Bin Laden, parecem ser legitimação suficiente para tais atos, como cita Reifer (2013, s/p) “we are then treated to a world Hollywood loves: good guys, dedicated foot soldiers of the US torture regime, primarily in the CIA, and the bad Muslim terrorists who are plotting the next 9/11 and supposedly hiding Usama Bin Laden<sup>105</sup>”.

Momentaneamente, a protagonista, Maya, assim como o espectador sentem desconforto com as cenas de tortura, que ao longo do filme, ficam cada vez mais violentas, com a utilização de métodos cada vez mais degradantes. Porém, ao decorrer da narrativa as torturas são tratadas de um modo naturalizado, onde todos os meios possíveis para encontrar o inimigo número um dos Estados Unidos, devem ser utilizados. A produção do filme recebeu duras críticas do governo norte-americano e da CIA, pelas imagens de violência e pela falsa impressão de que a captura de Bin Laden foi feita através de métodos de tortura, e o filme por muitos espectadores e críticas especializadas foi acusado de ter um tom pró-tortura.

---

<sup>104</sup> “Nós ouvimos fragmentos de uma série de chamadas... começando com pedidos de ajuda, construindo um pânico, terminando com a aceitação implacável do interlocutor de que a ajuda não chegará, que a situação é desanimadora, que eles estão prestes a morrer”. Tradução nossa.

<sup>105</sup> “Somos presenteados com um mundo que Hollywood ama: mocinhos, soldados dedicados do regime de tortura dos EUA, principalmente da CIA, e os maus terroristas muçulmanos que estão planejando o próximo 11 de setembro e supostamente escondendo Usama Bin Laden”. Tradução nossa.

Michael Morell, diretor da CIA em 2012, publicou uma carta em nome da Agência, alegando que apesar da colaboração com a produção do filme, a CIA não tem controle do produto final, além disso, o filme apesar de contar com alguns dados realísticos, deve ser considerado como uma obra de ficção e não fidedigna da realidade. Ademais, Morell, admite que o governo norte-americano utilizou de técnicas de “interrogatório aprimorado” em seu programa de detenção e interrogação, entretanto constata que o filme dá uma impressão errônea de que os interrogatórios com tortura foram parte vital na captura de Bin Laden

The film creates the strong impression that the enhanced interrogation techniques that were part of our former detention and interrogation program were the key to finding Bin Ladin. That impression is false. As we have said before, the truth is that multiple streams of intelligence led CIA analysts to conclude that Bin Ladin was hiding in Abbottabad. Some came from detainees subjected to enhanced techniques, but there were many other sources as well. And, importantly, whether enhanced interrogation techniques were the only timely and effective way to obtain information from those detainees, as the film suggests, is a matter of debate that cannot and never will be definitively resolved<sup>106</sup> (MORELL, 2012, s/p).

De fato, o filme dá a forte impressão de que os interrogatórios que utilizavam de métodos de tortura, tanto físicas quanto psicológicas, foram essenciais na captura de Bin Laden. Este fato é exposto quando Ammar, o personagem que aparecerá no início do filme sendo torturado, após meses de interrogação, revela o nome de um dos companheiros de Osama Bin Laden, Abu Ahmed, que será o ponto chave para a captura de Bin Laden, dando a impressão de que os fins justificam os meios. Para Souza (2015, p 104) “a prática violenta da tortura é apresentada mais do que legítima: ela é inevitável; ela é o único modo do governo dos EUA conseguir informações valiosas que ajudem na caça a Osama Bin Laden e na luta contra o terror”.

Ao responder as críticas, em que o filme é acusado de ser pró-tortura, a diretora Kathryn Bigelow afirma que, condena qualquer tipo de tortura e violação dos direitos humanos, entretanto, não era possível a produção de um filme sobre as políticas e ofensivas antiterroristas, sem a retratação desses acontecimentos, era ilógico “on a practical and political level, it does seem illogical to me to make a case against torture by ignoring

---

<sup>106</sup> “O filme cria a forte impressão de que as técnicas avançadas de interrogatório que faziam parte de nosso antigo programa de detenção e interrogatório foram a chave para encontrar Bin Laden. Essa impressão é falsa. Como dissemos antes, a verdade é que múltiplos fluxos de inteligência levaram analistas da CIA a concluir que Bin Laden estava escondido em Abbottabad. Algumas vieram de detentos submetidos a técnicas aprimoradas, mas havia muitas outras fontes também. E, mais importante, se as técnicas avançadas de interrogatório eram a única maneira oportuna e eficaz de obter informações daqueles detidos, como o filme sugere, é uma questão de debate que não pode e nunca será definitivamente resolvida”. Tradução nossa.



or denying the role it played in U.S. counter-terrorism policy and practices<sup>107</sup>” (2013, s/p). Ademais, Bigelow comenta as suas observações sobre a efetividade dos interrogatórios na captura de Bin Laden

I think Osama bin Laden was found due to ingenious detective work. Torture was, however, as we all know, employed in the early years of the hunt. That doesn't mean it was the key to finding Bin Laden. It means it is a part of the story we couldn't ignore. War, obviously, isn't pretty, and we were not interested in portraying this military action as free of moral consequences. In that vein, we should never discount and never forget the thousands of innocent lives lost on 9/11 and subsequent terrorist attacks. We should never forget the brave work of those professionals in the military and intelligence communities who paid the ultimate price in the effort to combat a grave threat to this nation's safety and security<sup>108</sup> (2013, s/p).

Mesmo que a representação dos interrogatórios em que a tortura é utilizada, de acordo com a diretora, sejam uma forma de representar a dura realidade das políticas antiterroristas vigentes na Guerra ao Terror, o filme ainda assim passa a impressão de que há uma legitimidade nas ações norte-americanas. Por exemplo, um recurso muito utilizado durante o longa-metragem, é que em momentos em que os Agentes da CIA interrogam terroristas com métodos de tortura, a cena é sequenciada, quase majoritariamente por um ato terrorista da Al-Qaeda. Em um momento, Ammar – o personagem terrorista - está sendo interrogado com técnicas de Waterboarding (asfixia simulada com água) e depois é trancado em uma caixa, com a metade de seu tamanho, pois não havia cedido aos interrogatórios e entregue os planos de um ataque terrorista. Já na cena sequencial, há uma representação dos atentados cometidos pela Al-Qaeda em um hotel na Arábia Saudita, em 2004, ataque terrorista ao qual Ammar tinha informações sobre. Esta fórmula é muito utilizada durante o filme, onde o filme dá um certo entendimento de que a violência perpetuada pelos Estados Unidos, é legitimada pela violência perpetuada pelos terroristas.

O filme simboliza o fim do programa de detenção e interrogação, e o fim dos métodos de tortura, com a eleição do democrata Barack Obama, no qual em um momento do filme, através de uma entrevista pela televisão o presidente afirma que “i've said repeatedly that

<sup>107</sup> “Em um nível prático e político, parece-me ilógico fazer um caso contra a tortura, ignorando ou negando o papel que desempenhou na política e nas práticas antiterroristas norte-americanas”. Tradução nossa.

<sup>108</sup> “Acho que Osama bin Laden foi encontrado devido ao engenhoso trabalho de detetive. A tortura era, no entanto, como todos sabemos, empregada nos primeiros anos da caça. Isso não significa que foi a chave para encontrar Bin Laden. Isso significa que é uma parte da história que não poderíamos ignorar. A guerra, obviamente, não é bonita, e não estávamos interessados em retratar essa ação militar como livre de consequências morais. Nesse sentido, nunca devemos desconsiderar e nunca esquecer as milhares de vidas inocentes perdidas em 11 de setembro e os subsequentes ataques terroristas. Nunca devemos esquecer o trabalho corajoso daqueles profissionais nas comunidades militares e de inteligência que pagaram o preço final no esforço para combater uma grave ameaça à segurança e à segurança desta nação”. Tradução nossa.

America doesn't torture. And i am going to make sure that we don't torture<sup>109</sup>". Ademais, apesar das críticas ao filme e a acusação de ter um tom pró-tortura, enquanto as práticas de tortura são universalmente criticadas e consideradas uma violação dos direitos humanos, segundo Boggs e Polland (2017), filmes como 'A Hora Mais Escura' levam o público a uma aceitação maior de comportamentos que normalmente seriam considerados ultrajantes, quando inseridos no contexto do 11 de setembro, já que apesar do receio com a representação da tortura em tela, o filme foi indicado a inúmeras premiações.

Um ponto importante do filme é a unilateralidade da história, onde se narra a empreitada dos Estados Unidos e dos Agentes da CIA, em uma caçada por Osama Bin Laden, entretanto, o "outro", o inimigo, fica somente no discurso. O nome de Bin Laden é mencionado repetidamente, o espectador é lembrado a todo o momento que todas as ações do filme, são feitas em prol de sua captura. Entretanto, o Saudita não aparece nem ao menos, uma vez em tela, nem mesmo no momento de sua morte, onde aparece apenas de relance, neste sentido, cria-se uma aura de medo e de poder em volta do mesmo, mais do que a Organização Terrorista Al-Qaeda, o grande inimigo dos Estados Unidos é Osama Bin Laden. As motivações dos prisioneiros que são retratados, e que fazem parte da Al-Qaeda, tão pouco se fazem presente na narrativa da história, limitando-se a menções a *jihād* e ao fanatismo religioso dos radicais.

Deste modo, o filme destitui de qualquer personalidade ou motivação, são meros inimigos dos Estados Unidos, onde há uma luta entre o bem (Estados Unidos) e o mal (Terroristas). Além disso, há um momento do filme, logo após a uma tentativa de atentado em Nova Iorque, o filme reitera a importância da captura de Bin Laden, pois a sua morte daria fim aos ataques aos Estados Unidos

Bradley: I don't fucking care about Bin Laden. I care about the next attack; You're going to start working on American Al Qaeda cells. Protect the homeland.

Maya: Bin Laden is the one who keeps telling them to attack the homeland. If it wasn't for him. Al Qaeda would still be focused on overseas targets. If you really want to protect the homeland, you need to get bin laden<sup>110</sup> (BOAL, 2011, p. 63).

<sup>109</sup> "Eu disse repetidamente que a América não tortura. E eu vou ter certeza de que não vamos torturar". Tradução nossa.

<sup>110</sup> "Bradley: Eu não me importo com Bin Laden. Eu me preocupo com o próximo ataque, você vai começar a trabalhar nas células americanas da Al Qaeda. Proteja a pátria.

Maya: Bin Laden é quem continua dizendo para atacar a pátria. Se não fosse por ele. A Al Qaeda ainda estaria focada em alvos no exterior. Se você realmente quer proteger a pátria, você precisa pegar Bin Laden, "

Tradução nossa.

Apesar da afirmativa do filme de que Bin Laden ainda era o maior perigo para a segurança dos Estados Unidos, como já mencionado, após os atentados de 11 de setembro, o grupo passou por um desmembramento, e passou a operar por células e grupos dispersos, o que fez com que Bin Laden perdesse seu status de líder operacional. Contudo, o filme faz discurso semelhante ao da administração Bush tanto quanto da administração de Obama, onde as justificativas para grande parte das ações militares eram legitimadas com o objetivo de encontrar Osama Bin Laden.

Esta legitimação é simbolizada em maio de 2011, quando o governo estadunidense anunciou que o líder da Al-Qaeda, Osama Bin Laden, tinha sido capturado e morto por tropas norte-americanas em Abbottabad, no Paquistão. No filme, a operação que levou à captura e assassinato de Bin Laden toma os momentos finais do longa-metragem, onde há toda a retratação da operação, quase como se o espectador estivesse assistindo à operação real que levou a morte de Bin Laden. Além disso, ao longo da operação há a morte de homens e mulheres, que também são alvejados, neste sentido, há novamente uma desumanização destes indivíduos, já que são meros efeitos colaterais de uma operação bem sucedida do governo norte-americano, que levou a tão esperada captura de Bin Laden. A captura de Bin Laden, é principalmente um ato simbólico de toda a ofensiva da Guerra ao Terror que fora travada em uma década de 2001 a 2011, como menciona o presidente Barack Obama, durante seu discurso em que anuncia a morte do terrorista Osama Bin Laden

Tonight, I can report to the American people and to the world that the United States has conducted an operation that killed Osama bin Laden, the leader of al Qaeda, and a terrorist who's responsible for the murder of thousands of innocent men, women, and children. For over two decades, bin Laden has been al Qaeda's leader and symbol, and has continued to plot attacks against our country and our friends and allies. The death of bin Laden marks the most significant achievement to date in our nation's effort to defeat al Qaeda<sup>111</sup> (2011, s/p).

Mesmo que com a morte de Bin Laden, não determine o fim da Al-Qaeda e de seu terrorismo, como o próprio Barack Obama afirma, há uma simbolização da justiça na morte do maior inimigo dos Estados Unidos, Osama Bin Laden. Neste sentido, o filme 'A Hora Mais Escura' é uma representação deste feito, principalmente por se definir como uma

---

<sup>111</sup> “Essa noite, posso informar ao povo americano e ao mundo que os Estados Unidos conduziram uma operação que matou Osama bin Laden, o líder da Al Qaeda, e um terrorista responsável pelo assassinato de milhares de homens, mulheres e crianças inocentes. Por mais de duas décadas, Bin Laden tem sido o líder e símbolo da Al Qaeda, e continuou a planejar ataques contra nosso país e nossos amigos e aliados. A morte de Bin Laden marca a conquista mais significativa até hoje no esforço de nossa nação para derrotar a Al Qaeda”. Tradução nossa.

história baseada em fatos reais é como se a captura por Bin Laden, tivesse sido exibida para o mundo inteiro.

Por fim, apesar de uma investigação inconclusa sobre o quanto o governo norte-americano disponibilizou de informações para a produção do filme, o longa-metragem ‘A Hora Mais Escura’, se apresenta como um esforço de propaganda imperialista norte-americana, no sentido, em que o filme tenta durante toda a sua narrativa legitimar a agenda tanto do governo Bush quanto do Governo Obama, no Oriente Médio durante a Guerra ao Terror: busca legitimar as invasões a países que supostamente abrigavam terroristas, como também os recursos investidos durante a vigência da Guerra ao Terror, e principalmente busca legitimar as torturas cometidas pelo governo norte-americano durante este período.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo-se do pressuposto de que o filme ‘A Hora Mais Escura’ buscou através de sua narrativa legitimar as ações da Guerra ao Terror, em detrimento da busca por Bin Laden, fazer-se-a as considerações necessárias.

Durante o segundo capítulo, fez-se um contexto histórico acerca da religião do islã, bem como os desdobramentos da morte de Maomé, para que fosse possível a compreensão da divisão dos muçulmanos entre Sunitas e Xiistas. Além disso, examinou-se o termo fundamentalismo, e como ele se desenvolve no islã, especialmente na vertente sunita, analisando seus principais ideólogos e ideias. Neste sentido, o desenvolvimento das ideias fundamentalistas, foram importantes para que se obtivesse a compreensão de grupos radicais, e Organizações Terroristas como a Al-Qaeda.

Ao abordar a criação da Al-Qaeda e o posicionamento de liderança de Osama Bin Laden na Organização Terrorista, teve-se o objetivo de esclarecer e desmitificar as noções pressupostas que são criadas em torno dos mesmos, principalmente após os atentados de 11 de setembro. Como foi analisado durante a pesquisa, apesar da ideia de que a Al-Qaeda era uma organização bem estruturada e de que mantinha um papel de liderança ideológica e política entre os demais grupos radicais do Afeganistão durante a década de noventa e principalmente a partir de 2001, de acordo com Burke (2007), apesar de sua importância, nem Osama ou a Al-Qaeda mantinham algum tipo de liderança sobre esses grupos.

Ademais, após a invasão ao Afeganistão em 2001 pelos Estados Unidos, onde tinham o objetivo de destituir o regime Talibã, destruir as células da Al-Qaeda e capturar seu principal inimigo, Bin Laden, a Organização Terrorista sofreu um esmorecimento, bem como Osama Bin Laden perdeu seu status de líder operacional, o que contradiz com a ideias propagadas pelos Estados Unidos, durante a vigência da Guerra ao Terror, principalmente ao que se refere a invasão do Afeganistão.

Conforme foi visto no terceiro capítulo, após os atentados de 11 de setembro os Estados Unidos, para conter a ameaça de um Terrorismo Internacional, o então presidente dos Estados Unidos, inicia uma guerra preventiva, uma Guerra ao Terror, que tinha o objetivo de acabar não apenas com as células da Al-Qaeda, mas todos os grupos terroristas e aqueles que os abrigassem. Essa Guerra ao Terror é considerada o grande legado deixado pela administração de George W. Bush, que ao longo das ofensivas perpetuadas no Iraque e no Afeganistão, teve o mais baixo índice de aprovação de um presidente norte-americano, sendo está desaprovação diretamente ligada ao fracasso das Guerras do Iraque e do Afeganistão.

Apesar da Guerra do Afeganistão ter sido considerada uma vitória para os Estados Unidos, os resultados da Guerra ao Terror não eram satisfatórios, já que apesar de ter destituído o regime Talibã do poder, e instalado um governo democrático no país, os conflitos ainda se estendiam no país, e as células terroristas, tanto da Al-Qaeda quanto de outros grupos persistiam. Principalmente, um dos principais objetivos das ofensivas da Guerra ao Terror, era a captura de Bin Laden, que mesmo após 10 anos de conflitos, ainda não havia sido encontrado. Já durante o governo Obama, houve dois momentos importantes no que se refere a Guerra ao Terror: o fim das invasões ao Iraque, como também a captura e morte de Osama Bin Laden.

Durante a vigência da Guerra ao Terror, o radical islâmico Osama Bin Laden, se tornou o inimigo número um dos Estados Unidos, e do mundo ocidental. Desta maneira, o Estado Unidos utilizou de sua imagem para perpetuar as ações da Guerra ao Terror, principalmente durante a Guerra do Afeganistão, e sua representação se tornou a face do Terrorismo, pelo menos até a sua captura, em 2011. Para compreender como a imagem de Osama Bin Laden foi utilizada para legitimar as ações da Guerra ao Terror, analisou-se como o cinema hollywoodiano pode ter servido de instrumento de influência para a criação desta imagem.

Para compreender o papel do cinema como importante ferramenta política, no quarto capítulo, a pesquisa buscou fazer uma exposição e conceituação do conceito de poder brando de Joseph Nye, bem como analisar suas principais fontes: a cultura, os valores políticos e a política externa de um Estado. Dentro do aspecto cultura, encontra-se o cinema, que tem um forte poder de influência para os Estados Unidos, principalmente o cinema hollywoodiano.

Como visto no ultimo capítulo, o cinema hollywoodiano ao longo das décadas, serviu de importante ferramenta política e ideológica para os Estados Unidos, como é possível mencionar a política da Boa Vizinhança durante a Segunda Guerra Mundial, nas produções cinematográficas do período da Guerra Fria, e mais recentemente durante a vigência da Guerra ao Terror. Como foi visto na pesquisa, em todos esses momentos, o cinema hollywoodiano assim como a política externa norte-americana, tinha seus inimigos bem delineados, sejam eles os nazistas, os comunistas e mais recentemente os terroristas, após os atentados de 11 de setembro.

Após os atentados de 11 de setembro, o inimigo representado no cinema hollywoodiano, ganhou a imagem do terrorista islâmico, onde há uma esteriotipação desses indivíduos. Apesar de um número expressivo de produções Hollywoodianas em que o 11 de setembro ou a Guerra ao Terror e seus desdobramentos são abordados, esses filmes tiveram

baixa arrecadação, Este fato, segundo Riegler (2014), durante 2009 e 2012, diminuiu expressivamente o número de produções que abordam a temática do Terrorismo. Nota-se que filmes lançados, principalmente após 2006, tiveram uma baixa distribuição, principalmente filmes que remetem a Guerra ao Terror, neste período, as críticas ao Governo Bush já se intensificaram, tanto no âmbito doméstico, quanto no âmbito externo, onde havia uma fragilização da imagem dos Estados Unidos como superpotência, o que pode explicar o desinteresse do público em filmes que abordam o 11 de setembro, principalmente a Guerra ao Terror.

Apesar de por durante uma década ser considerado o inimigo número um dos Estados Unidos, e sua captura ser um dos objetivos principais da ofensiva da Guerra ao Terror no Afeganistão e no Paquistão, o Saudita Osama Bin Laden, e tão pouco a Organização Al-Qaeda foram representados de forma expressiva no cinema. Apesar de diversas produções após os atentados de 2001, abordarem o terrorismo e usarem os terroristas como antagonistas, este “outro”, por muitas vezes o vilão é um fundamentalista islâmico, entretanto não se atribui nomes ou referências a grupos radicais[1] .

Após a sua captura e conseqüente morte, Osama Bin Laden foi retratado no filme lançado em 2013 ‘A Hora Mais Escura’, onde de forma geral, com a premissa de ser uma história baseada em fatos reais, o filme narra a história da “maior caçada humana da história para o homem mais perigoso do mundo”. Durante a narrativa do filme, o que se destaca é a utilização da tortura como forma de interrogatório aprimorado, por parte dos Agentes da CIA, com o objetivo de adquirir informações de presos que tinham alguma ligação com a Al-Qaeda.

Com base nisso e nos demais dados expostos nesse Trabalho de Conclusão de Curso, têm-se a confirmação da hipótese de pesquisa apresentada. Apesar de algumas críticas pontuais ao governo norte-americano, principalmente ao a administração do republicano George W. Bush, o filme a todo o momento busca formas de legitimar as ações da Guerra ao Terror, principalmente ao que se refere a utilização de tortura e a desumanização dos muçulmanos que são retratados em tela, onde todos fins justificam os meios, na captura por Bin Laden.

Mesmo que com a morte do líder do grupo, não determine o fim da Al-Qaeda e de seu terrorismo, como o próprio Barack Obama afirma, há uma simbolização da justiça na morte do maior inimigo dos Estados Unidos. Neste sentido, o filme ‘A Hora Mais Escura’ é uma representação deste feito, principalmente por se definir como uma história baseada em fatos reais, é como se a captura por Bin Laden, tivesse sido exibida para o mundo inteiro.

Por fim, apesar de uma investigação inconclusa sobre o quanto o governo norte-americano disponibilizou de informações para a produção do filme, o longa metragem ‘A Hora Mais Escura’, se apresenta como um esforço de propaganda imperialista norte-americana, no sentido, em que o filme tenta durante toda a sua narrativa legitimar a agenda tanto do governo Bush quanto do Governo Obama, no Oriente Médio durante a Guerra ao Terror: busca legitimar as invasões a países que supostamente abrigavam terroristas, como também os recursos investidos durante a vigência da Guerra ao Terror, e principalmente busca legitimar as torturas cometidas pelo governo norte-americano durante este período.



## REFERÊNCIAS

9/11 Commission, Final Report of the National Commission on Terrorist Attacks Upon the United States July 22, 2004. Disponível em: <<https://www.9-11commission.gov/report/911Report.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2018

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo.** [S.l]: Companhia de Bolso, 2001. Disponível em: <<http://alma.indika.cc/wp-content/uploads/2015/04/Em-Nome-de-Deus-Karen-Armstrong.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

ARMSTRONG, Karen. **ISLAM: A short History.** Nova Iorque: The Modern Library, 2002. Disponível em: <[http://www.en.islamic-sources.com/download/E-Books/religion\\_&\\_sects/Islam-A-Short-History.pdf](http://www.en.islamic-sources.com/download/E-Books/religion_&_sects/Islam-A-Short-History.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2018.

ARMSTRONG, Karen. **Maomé: Uma biografia do profeta.** [S.l]: Companhia das Letras, 2001. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/cvx5>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

AYOOB, Mohammed. Political Islam: Image and Reality. **World Policy Journal**, [s.i], v. 21, n. 3, p.1-14, jan. 2004. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/40210231?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/40210231?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 25 set. 2018.

BERGEN, Peter L.. **The Longest War: The enduring Conflict between America and Al-Qaeda.** Nova Iorque: Free Press, 2011. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=kYdLqOUj8IUC&printsec=frontcover&dq=The+Longest+War:+The+Enduring+Conflict+between+America+and+Al-Qaeda&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjn\\_vrIqfHdAhUCjpAKHXD2CpUQ6AEIKDAA#v=onepage&q=The%20Longest%20War%3A%20The%20Enduring%20Conflict%20between%20America%20and%20Al-Qaeda&f=false](https://books.google.com.br/books?id=kYdLqOUj8IUC&printsec=frontcover&dq=The+Longest+War:+The+Enduring+Conflict+between+America+and+Al-Qaeda&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjn_vrIqfHdAhUCjpAKHXD2CpUQ6AEIKDAA#v=onepage&q=The%20Longest%20War%3A%20The%20Enduring%20Conflict%20between%20America%20and%20Al-Qaeda&f=false)>. Acesso em: 26 jul. 2018.

BERTOLLI FILHO, Claudio. HOLLYWOOD CONTRA O NAZISMO: A CONSTRUÇÃO CINEMATOGRAFICA DO “INIMIGO ALEMÃO” (1939-1944). **Revista Livre de Cinema**, Bauru, v. 3, n. 3, p.80-115, 2016. Disponível em: <<http://www.relici.org.br/index.php/relici/article/viewFile/93/115>>. Acesso em: 25 out. 2018.

BIGELOW, Kathryn (Ed.). **Kathryn Bigelow addresses 'Zero Dark Thirty' torture criticism.** 2013. Disponível em: <<http://articles.latimes.com/2013/jan/15/entertainment/la-et-mn-0116-bigelow-zero-dark-thirty-20130116>>. Acesso em: 28 out. 2018.

BOAL, Mark. **Zero Dark Thirty: An Original Screenplay.** 2011. Disponível em: <[http://flash.sonypictures.com/shared/movies/zerodarkthirty/zdt\\_script.pdf](http://flash.sonypictures.com/shared/movies/zerodarkthirty/zdt_script.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2018.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. São Paulo: Editora UNB – Imprensa Oficial: 2004.

BOGGS, Carl; POLLAND, Tom. Media Culture in the Imperial System. In: BOGGS, Carl; POLLAND, Tom. **The Hollywood War Machine: U.S. Militarism and Popular Culture**. 2. ed. Nova Iorque: Routledge, 2017. Cap. 1. p. 2-14. Disponível em: <<https://www.taylorfrancis.com/books/9781351543613>>. Acesso em: 28 out. 2018.

BRUNO, Norma B.; RAMPENBERGH, Jorge E.. Quintas Jornadas de Medio Oriente. In: EL FUNDAMENTALISMO, 2., 2004, La Plata. **Anais...: Congreso En Relaciones Internacionales del Iri**, 2004. p. 1 - 19. Disponível em: <<http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/39711/Ponencia.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

BURKE, Jason. **Al-Qaeda: A verdadeira história do radicalismo islâmico**. Rio de Janeiro: Zahor, 2007.

BUSH, George W.. **Selected Speeches of President George W. Bush: 2001 – 2008**. 2009. Disponível em: <[https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected\\_Speeches\\_George\\_W\\_Bush.pdf](https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **The text of President Bush's address Tuesday night, after terrorist attacks on New York and Washington**. CNN, 2001. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2001/US/09/11/bush.speech.text>> Acesso em: abril de 2018

\_\_\_\_\_. **The National Security Strategy of the United States of America (NSS2002)**. Washington: The White House, 2002. Disponível em . Acesso em: agosto de 2015.

BUTCHER, Pedro. **A reinvenção de Hollywood: cinema americano e produção de subjetividade nas sociedades de controle**. Revista Contemporânea 3 (2004). <[http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_03/contemporanea\\_n03\\_02\\_butcher.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_03/contemporanea_n03_02_butcher.pdf)> Acessado em janeiro de 2016.

CAVALCANTE, Daniel S. **Espaços do Mal X Espaços do Bem: os Estados Unidos e a Guerra contra o Terror no início do século XXI**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300710216\\_ARQUIVO\\_Thenemwhite-manburden-artigopublicacao.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300710216_ARQUIVO_Thenemwhite-manburden-artigopublicacao.pdf)> Acesso em: Maio de 2018.

CRENSHAW, Martha. The Causes of Terrorism. **Comparative Politics**, [s.l.], v. 13, n. 4, p.379-399, jul. 1981. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/421717>. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/421717?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/421717?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 25 set. 2018.

COGGIOLA, Osvaldo. **Islã histórico e islamismo político**. [S.l.]: Instituto da Cultura árabe, 2007. Disponível em: <[https://www.icarabe.org/sites/default/files/pdfs/o\\_mundo\\_arabe\\_contemporaneo\\_-\\_aula\\_6\\_anexo\\_2.pdf](https://www.icarabe.org/sites/default/files/pdfs/o_mundo_arabe_contemporaneo_-_aula_6_anexo_2.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

COSTA, Sandra Liliana. As Correntes de Pensamento no Interior do Islamismo. Trabalho realizado no âmbito do projecto OCI/CPO/56994/2004, aprovado pela FCT e pelo POCI 2010 e participado pelo FEDER. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/6492054-As-correntes-de-pensamento-no-interior-do-islamismo.html>> Acesso em: 25 set. 2018.

CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. **American way of life**: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950. 2017. 246 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, Espm, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://tede2.espm.br/bitstream/tede/277/2/PPGCOM%20Tese%20Paulo%20RF%20Cunha.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.

CUNHA, Agostinho Paiva da. **Conhecer o Islão**. 3. ed. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional, 2009. (2). Disponível em: <[https://www.idn.gov.pt/publicacoes/cadernos/caderno3\\_II.pdf](https://www.idn.gov.pt/publicacoes/cadernos/caderno3_II.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2018.

DAMIN, Cláudio Junior. Surgimento e trajetória do Estado Islâmico. Boletim Meridiano 47 vol. 16, n. 148, mar.-abr. 2015 [p. 26 a 33]. Disponível em: . Acesso em: 01 out. 2018.

DAWSON, Andrew. **HOLLYWOOD FOR HISTORIANS**. Coventry: Universidade de Warwick, 2009. Disponível em: <[https://www.heacademy.ac.uk/system/files/tg\\_dawson\\_hollywood\\_20091001.pdf](https://www.heacademy.ac.uk/system/files/tg_dawson_hollywood_20091001.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2018.

DEMANT, Peter. **O Mundo Muçulmano**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DOCKRILL, Saki Ruth. **Dealing with Fear**: Implementing the Bush Doctrine of Preemptive Attack. **Politics**, [s.l.], v. 34, n. 2, p.344-373, jun. 2006. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1747-1346.2006.00017.x>>. Acesso em: 25 out. 2018.

DUARTE, Álvaro Fonseca. **O Jesus Corâmico**: Uma análise da figura de Jesus na gênese do Islamismo. 2006. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <[http://www.historia.ufpr.br/monografias/2006/2\\_sem\\_2006/alvaro\\_fonseca\\_duarte.pdf](http://www.historia.ufpr.br/monografias/2006/2_sem_2006/alvaro_fonseca_duarte.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2018.

DUPAS, Gilberto. **Atores e Poderes na Nova Ordem Global**: assimetrias, instabilidades e imperativos de legitimação. São Paulo: Unesp, 2005. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=GLxKBgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 25 out. 2018.

DUQUE, Marina Guedes. A TEORIA DE SECURITIZAÇÃO E O PROCESSO DECISÓRIO DA ESTRATÉGIA MILITAR DOS ESTADOS UNIDOS NA GUERRA DO IRAQUE. Brasília, 2008. Disponível em: . Acesso em: 01 jul. 2018.

FARIA, Ane Cristina Pereira Figueiredo; GARCIA, Jéssica; MACHADO, André Ricardo Cruz. **O IRAQUE ENQUANTO ESTADO FALIDO É UM FATOR DE PERTURBAÇÃO E INSTABILIDADE NO SISTEMA INTERNACIONAL**. Revista jurídica da Universidade do Sul de Santa Catarina, 2017. Disponível em: . Acesso em: 01 out. 2018.

FAROOQUI, Muhammad Rafiuddin. **The Political Thought of Maulana Mawdudi**. Hyderabad: Universidade Osmania, 2000. Disponível em: <[http://shodhganga.inflibnet.ac.in/bitstream/10603/24630/15/15\\_synopsis.pdf](http://shodhganga.inflibnet.ac.in/bitstream/10603/24630/15/15_synopsis.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2018.

FAY, Claudia Musa. **A Questão do Petróleo e sua Implicações na Guerra do Iraque**. Porto Alegre: Indic. Econ. FEE, v. 31, n. 1, p. 59-74, jun. 2003. Disponível em:. Acesso em: 02 jul. 2018.

FRAGO, Marta; LAPORTE, Teresa; PHALEN, Patricia. **The Narrative Reconstruction of 9/11 in Hollywood Films**. *Javnost - The Public*, [s.l.], v. 17, n. 3, p.57-70, jan. 2010. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13183222.2010.11009036>. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13183222.2010.11009036?tab=permissions&scroll=top>>. Acesso em: 25 out. 2018.

FREITAS, Tiago André de Sousa. **Conflito no Afeganistão: Causas e Consequências**. 2009. 78 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso de Infantaria, Academia Militar, Amadora, 2009. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6954/1/TIA-Conflito%20no%20Afeganist%C3%A3o-.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

FINGUERUT, Ariel. **A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush**. UNESP: Araraquara, 2008. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98996/finguerut\\_a\\_me\\_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98996/finguerut_a_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: jun, 2018

GEERING, Llyod. **Fundamentalism: the Challenge to the Secular World**. Wellington: St. Andrew's Trust, 2003. Disponível em: <<https://www.religion-online.org/book/fundamentalism-the-challenge-to-the-secular-world/>>. Acesso em: 25 maio 2018.

GOMES, Aureo T. **DOCTRINA BUSH: UMA ANÁLISE DE POLÍTICA EXTERNA**. I Simpósio em Relações Internacionais do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas. 2007. Disponível em: Acesso em: 27 jun. 2018

GONÇALVES, Marcos. **INTEGRISMO CATÓLICO E FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE COMPARADOS: HISTORICIDADE, APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS**. *Relegens Thrêskeia: estudos e pesquisa em religião*, [S.l.], v. 1, n. 2, p.79-103, 2012. Disponível em: <[revistas.ufpr.br/relegens/article/viewFile/31046/19948](http://revistas.ufpr.br/relegens/article/viewFile/31046/19948)>. Acesso em: 20 maio 2018.

GONÇALVES, Mauricio Reinaldo. **O American way of life no cinema de Hollywood, na imprensa e na sociedade brasileiras dos anos trinta**. In: BRAZILIAN STUDIES ASSOCIATION (BRASA), 9., 2008, Nova Orleans. Sorocaba: Universidade de Sorocaba,

2008. p. 1 - 12. Disponível em:

<[http://www.brasa.org/wordpress/Documents/BRASA\\_IX/Mauricio-Goncalves.pdf](http://www.brasa.org/wordpress/Documents/BRASA_IX/Mauricio-Goncalves.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2018.

GONÇALVES, Jonisval Brito; REIS, Marcos Vinícius. **Terrorismo: Conhecimento e Debate**. [s.i]: Impetus, 2017. Disponível em:

<<https://www.livrariaconcursar.com.br/atualizacao/download/1323/leia-algumas-paginas-da-obra-terrorismo>>. Acesso em: 25 set. 2018.

GUNARATNA, ROHAN and OREG, Aviv (2010) 'Al Qaeda's Organizational Structure and its Evolution', *Studies in Conflict & Terrorism*, 33: 12, 1043 — 107. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/233257289\\_Al\\_Qaeda's\\_Organizational\\_Structure\\_and\\_its\\_Evolution](https://www.researchgate.net/publication/233257289_Al_Qaeda's_Organizational_Structure_and_its_Evolution)>. Acesso em: 27/07/2018

HALLIDAY, Fred. **O fundamentalismo e o mundo contemporâneo: desafios políticos e éticos**. Ciências & Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciência e Letras, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p.191-206, Jan, 2003.

HOFFMAN, Bruce. **Inside Terrorism**. Chapel Hill: Universidade da Carolina do Norte, 1998. Disponível em: <<http://lit911.web.unc.edu/files/2015/08/hoffman-inside-terror-ch-1.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.

HOLBROOK, Donald. **The Al-Qaeda Doctrine: The Framing and Evolution of the leadership's public discourse**. [s.i]: Bloomsbury, 2014. Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=N5e9AwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 25 set. 2018.

HOMELAND Security Committee. **KING STATEMENT ON CIA/DOD DOCUMENTS ON OSAMA BIN LADEN MOVIE COLLABORATION**. 2012. Disponível em:

<<https://homeland.house.gov/press/king-statement-ciadod-documents-osama-bin-laden-movie-collaboration/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p. Disponível em: <

<https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/ADORNO.pdf?1349568504>> Acesso em: 25 out. 2018

HOURLANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

IGNATIEV, Pavlo. **IRAQUE: DESENVOLVIMENTOS INTERNOS E EXTERNOS NOS ANOS PÓS-SADDAM**. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais v.6, n.12, Jul./Dez. 2017 | p.38-65. Disponível em:. Acesso em: 01 out. 2018.

KEGLEY, Charles. **The New Global Terrorism: CHARACTERISTICS, CAUSES, CONTROLS**. Nova Jersey: Prentice Hall, 2003. Disponível em:

<[https://blackboard.angelo.edu/bbcswebdav/institution/LFA/CSS/Course%20Material/SEC6302/Readings/Lesson\\_6/Kegley.pdf](https://blackboard.angelo.edu/bbcswebdav/institution/LFA/CSS/Course%20Material/SEC6302/Readings/Lesson_6/Kegley.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2018.

KELLNER, Douglas. **A cultura da Mídia:** Estudos culturais: identidade e política entre o moderno o pós-moderno. Bauru: Edusc - Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001. Disponível em: <[https://ufabcpoliticacultural.files.wordpress.com/2015/08/kellner\\_a-cultura-da-mc3addia\\_2001.pdf](https://ufabcpoliticacultural.files.wordpress.com/2015/08/kellner_a-cultura-da-mc3addia_2001.pdf)>. Acesso em: 28 out. 2018.

KEPEL, Gilles. **LA YAHAD:** Expansión y declive del islamismo. Barcelona: Península, 2001. Disponível em: <[https://www.ugr.es/~pgomez/docencia/fr/documentos/Kepel.Gilles\\_2000\\_Yihad.Expansion-y-declive-del-islamismo.pdf](https://www.ugr.es/~pgomez/docencia/fr/documentos/Kepel.Gilles_2000_Yihad.Expansion-y-declive-del-islamismo.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2018.

KRACAUER, Siegfried. National Types as Hollywood Presents Them. **Public Opinion Quarterly**, [s.l.], v. 13, n. 1, p.53-72, 1949. Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/2746195?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/2746195?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 25 out. 2018.

Kristol, Irving, **American Conservatism 1945-1995** , Public Interest, 121 (1995:Fall) p.80 Disponível em: <[https://delong.typepad.com/pdf/20061226\\_kristol\\_american\\_conservatism.pdf](https://delong.typepad.com/pdf/20061226_kristol_american_conservatism.pdf)> Acesso 25 out. 2018

LADEN, Osama Bin. **Fatwa:** Declaration of War against the Americans Occupying the Land of the Two Holy Places, 1996. Disponível em: <[https://is.muni.cz/el/1423/jaro2010/MVZ448/OBL\\_\\_\\_AQ\\_\\_Fatwa\\_1996.pdf](https://is.muni.cz/el/1423/jaro2010/MVZ448/OBL___AQ__Fatwa_1996.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2018.

Laden, Osama Bin. **Fatwa**, 1998. Disponível em: <<https://www.911memorial.org/sites/default/files/Osama%20bin%20Laden%27s%201998%20Fatwa%20declaring%20war%20against%20the%20West%20and%20Israel.pdf>> Acesso em: 25 set. 2018

LANNES, Suellen Borges de. **A Formação do Império Árabe-Islâmico:** História e Interpretações. 2013. 127 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia Política Internacional, Instituto de Economia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pepi/dissertacoes/Suellen\\_Lannes.pdf](http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/pepi/dissertacoes/Suellen_Lannes.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

LEFFLER, Melvyn P.; PAINTER, David S. **Origins of the Cold War:** An International History. 2. ed. Nova Iorque: Routledge, 2005. Disponível em: <[http://www.hist.asu.ru/faculty/cafedrs/library/Origins\\_of\\_Cold\\_War.pdf](http://www.hist.asu.ru/faculty/cafedrs/library/Origins_of_Cold_War.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2018.

LEWIS, Bernard. **O Oriente Médio:** do advento do cristianismo aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1996.

LEWIS, Bernard. **The Political Language of Islam.** Chicago: University Of Chicago Press, 1988. Disponível em: <<https://archive.org/details/LewisBernardThePoliticalLanguageOfIslam>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

LIMA, Maria de Lourdes Correa. **FUNDAMENTALISMO: ESCRITURA E TEOLOGIA ENTRE FÉ E RAZÃO**. Atualidade Teológica, [S.l.], v. 2009, n. 3, p.332-359, 24 set. 2011. Faculdades Católicas. <http://dx.doi.org/10.17771/pucRio.ateo.18282>. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18282/18282.PDFXXvmi=>>. Acesso em: 18 maio 2018.

LINGS, Martin. **Muhammad**: his life based on the earliest sources. [s.l.]: Sem, 1987. Disponível em: <[http://www.icorlando.org/pdfs/muhammad\\_martin\\_Lings.pdf](http://www.icorlando.org/pdfs/muhammad_martin_Lings.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2018.

LIN, Li. Joseph Nye's Soft Power Theory and Its Revelation Towards Ideological and Political Education. **Humanities And Social Sciences**, [s.l.], v. 5, n. 2, p.69-74, 2017. Disponível em: <<http://article.sciencepublishinggroup.com/pdf/10.11648.j.hss.20170502.13.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2018.

MARINHO, Joana Almeida. **A ADMINISTRAÇÃO GEORGE W. BUSH E A PROMOÇÃO DA DEMOCRACIA NO MÉDIO ORIENTE**. 2012. 278 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Católica Portuguesa, [s.i], 2012. Disponível em: <[https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/15441/1/J.Marinho.Tese\\_final.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/15441/1/J.Marinho.Tese_final.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2018.

MASCARELLO, Fernando (org.). **História do cinema mundial**. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2011. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/x8xcx>> Acesso em: 25 out. 2018.

MCCLORY, Jonathan. **THE NEW PERSUADERS**: An international ranking of soft power. 2010. Institute for Government. Disponível em: <[https://www.instituteforgovernment.org.uk/sites/default/files/publications/The%20new%20persuaders\\_0.pdf](https://www.instituteforgovernment.org.uk/sites/default/files/publications/The%20new%20persuaders_0.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2018.

Mearsheimer, J.J. (2001). **The tragedy of great power politics**. New York. Disponível em: <<https://samuelbhfauredotcom.files.wordpress.com/2015/10/s2-mearsheimer-2001.pdf>> Acesso em: 25 out. 2018

MEEKS, Jack Daniel. **FROM THE BELLY OF THE HUAC: THE RED PROBES OF HOLLYWOOD, 1947-1952**. 2009. 353 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Universidade de Maryland, College Park, 2009. Disponível em: <[https://drum.lib.umd.edu/bitstream/handle/1903/9140/Meeks\\_umd\\_0117E\\_10235.pdf?sequence=1](https://drum.lib.umd.edu/bitstream/handle/1903/9140/Meeks_umd_0117E_10235.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 20 out. 2018.

MOHAMAD, Aminuddin. **Mohammad**: O mensageiro de Deus. São Bernardo do Campo: Centro de Divulgação do Islam Para a América Latina, 1987. Disponível em: <[http://www.islamicbulletin.org/portuguese/ebooks/mohammed/mohammed\\_portuguese.pdf](http://www.islamicbulletin.org/portuguese/ebooks/mohammed/mohammed_portuguese.pdf)> . Acesso em: 25 jun. 2018.

MOHOMED, Carimo. O "Islã" como identidade nacional para a formação do Paquistão: the political thought of Muhammad Iqbal and Abu'l 'Ala Mawdudi. **História (são Paulo)**, [s.l.], v.

33, n. 1, p.317-339, jun. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-90742014000100015>. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0101-90742014000100015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-90742014000100015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 set. 2018.

MORAES, Isaias Albertin de. Política e cinema na era da Boa Vizinhança (1933-1945) \* Policy and cinema at the age of the Good Neighbor (1933-1945). **História e Cultura**, [s.l.], v. 4, n. 1, p.277-301, 6 mar. 2015. Revista História e Cultura. <http://dx.doi.org/10.18223/hiscult.v4i1.1487>. Disponível em:  
<<https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1487>>. Acesso em: 28 out. 2018.

MORELL, Michael. **Message from the Acting Director: "Zero Dark Thirty"**: Statement to Employees from Acting Director Michael Morell: "Zero Dark Thirty". 2012. CIA. Disponível em: <<https://www.cia.gov/news-information/press-releases-statements/2012-press-releases-statements/message-from-adcia-zero-dark-thirty.html>>. Acesso em: 25 out. 2018.

MUNSON, Henry. **'Fundamentalism' ancient & modern**: (on secularism & religion). *Daedalus*, [S.l.], v. 132, n. 11, p.31-41, summer 2003. Disponível em: <<https://www.academia.edu/5457335/Fundamentalism>>. Acesso em: 20 maio 2018.

MUNSON, Ziad. Islamic Mobilization: Islamic Mobilization: Social Movement Theory and the Egyptian Muslim Brotherhood. **The Sociological Quarterly**, [s.i.], v. 42, n. 4, p.487-510, 2001. Disponível em:  
<[https://www.jstor.org/stable/4121130?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/4121130?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 25 set. 2018.

NÓBREGA, Carla. **Al-Qaeda**: Análise Estratégica da Maior Organização Terrorista do Século XXI. 2013. 86 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estratégia, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: Acesso em: 26 jun. 2018.

NORTH, Atlantic Treaty Organization. **ISAF's mission in Afghanistan (2001-2014)**. 2015. Disponível em: <[https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_69366.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_69366.htm)>. Acesso em: 25 out. 2018.

NUNES, Luís Catela; MENDONÇA, Sandro. **Números fatais: violência no Iraque 2003-2007**. Janus, 2008. Disponível em: . Acesso em: 01 jul. 2018.

NYE, Joseph Jr. Get smart: Combining hard and soft power. *Foreign Affairs*, New York, v. 4, n. 88, p.160-163, ago. 2009. Disponível em: . Acesso em: 02 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. **Soft power**. *Foreign Policy*, Washington DC, Nº 80,153-171, 1990. Disponível em: <[http://www.jstor.org/stable/1148580?seq=14#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/1148580?seq=14#page_scan_tab_contents)> Acesso em: Maio de 2017



\_\_\_\_\_. **Soft Power:** The means to success in world politics. Nova York: Public Affairs, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Paradoxo do Poder Americano: Porque a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada.** São Paulo> Editora UNESP, 2002.

OBAMA, Barack Hussein. **Osama Bin Laden Dead:** President Obama addresses the Nation to announce that the United States has killed Osama bin Laden, the leader of al Qaeda. 2011. Disponível em: <<https://obamawhitehouse.archives.gov/blog/2011/05/02/osama-bin-laden-dead>>. Acesso em: 25 out. 2018.

Office Of The United Nations High Commissioner For Human Rights. **Human Rights, Terrorism and Counter-terrorism.**[s.i]: Onu, 2008. Disponível em: <<https://www.ohchr.org/Documents/Publications/Factsheet32EN.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2018.

OURIVEIS, M. Soft Power e Indústria Cultural: **A Política Externa Norte-Americana presente no cotidiano do indivíduo.** Revista Acadêmica de Relações Internacionais. RARI. Ed. número 4 Vol. II. UFSC, Out. 2013. Disponível em: . Acesso em: 31 out 2018.

PAIVA, Rogério Marques de. **Indústria Cultural em Hollywood:** Ideologias e Contraideologias governamentais no Cinema Norte-americano pós-Guerra Fria. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, História Contemporânea, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1544.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2018.

PECEQUILO, Cristina Soreanu (2007). **A Era George W. Bush (2001/2007):** Os EUA e o Sistema Internacional. II Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional – CNPEPI: “O Brasil e o mundo que vem aí”, Seminários Preparatórios – Seminário: Estados Unidos: presente e desafios, Escola Superior de Guerra (ESG), Rio de Janeiro, 13 de julho de 2007. Disponível em: <<http://pascal.iseg.utl.pt/~magoliv/site%20rei/textos%20para%20as%20aulas/texto%20%2010%20%20a%20era%20de%20george%20bush%202001-2007.pdf>> Acesso em: 25 out. 2018.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Política Internacional.** Brasília: Funag, 2012. Disponível em: <[http://funag.gov.br/loja/download/1004-Manual\\_do\\_Candidato\\_-\\_Politica\\_Internacional.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/1004-Manual_do_Candidato_-_Politica_Internacional.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2018.

PEREIRA, Carlos Santos. **Dez anos de guerra no Afeganistão.** Nação e Defesa, Lisboa, n. 130, p.179-216, 2011. Disponível em: <[https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7647/1/NeD130\\_CarlosSantosPereira.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7647/1/NeD130_CarlosSantosPereira.pdf)> Acesso em: 25 out. 2018.

PEREIRA, Luiz C. **O GIGANTE FORA DO TEMPO: A GUERRA DO IRAQUE E O SISTEMA GLOBAL.** Política Externa 12 (1), junho 2003: 43-62. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/papers/2003/94.GiganteForaTempo.pg.pdf>> Acesso em: Abril de 2018

POMPÉO, Wagner Augusto Hundertmarck. **GUERRA AO TERROR E TERROR À GUERRA: POLÍTICAS E PRÁTICAS ANTITERROR, LIBERDADE E O FUTURO DAS TIC'S**. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Disponível <[http://coral.ufsm.br/ppgd/images/dissertacoes/DISSERTACAO\\_WAGNER\\_POMPEO.pdf](http://coral.ufsm.br/ppgd/images/dissertacoes/DISSERTACAO_WAGNER_POMPEO.pdf)> em: Acesso em: 27 jun. 2018.

QUTB, Sayyid. **Milestones**. Birmingham: Maktabah, 2006. Disponível em: <<https://www.kalamullah.com/Books/Milestones%20Special%20Edition.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.

RIEGLER, Thomas. "Mirroring terror": The impact of 9/11 on Hollywood Cinema. **Imaginations Journal Of Cross-cultural Image Studies/revue D études Interculturelle de L Image**, [s.l.], v. 5, n. 2, p.103-119, 3 out. 2014. *Imaginations: Journal of Cross-Cultural Image Studies*. <http://dx.doi.org/10.17742/image.tgvc.5-2.7>. Disponível em: <[http://imaginationsglendon.yorku.ca/wp-content/uploads/2014/10/5.2.7\\_Pg\\_103-119\\_Riegler.pdf](http://imaginationsglendon.yorku.ca/wp-content/uploads/2014/10/5.2.7_Pg_103-119_Riegler.pdf)>. Acesso em: 28 out. 2018.

RABASA, Angel. **Al-Qaeda's Ideology and Propaganda**. In: RABASA, Angel; CHALK, Peter; CRAGIN, Kim. **Beyond al-Qaeda: Part 1, The Global Jihadist Movement**. [s.i]: Rand, 2006. Cap. 2. p. 10-22. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/pdf/10.7249/mg429af.10.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.

REIFER, Tom. **Secrets, Lies, & Propaganda: Hollywood's Zero Dark Thirty, America's Liberal Culture of Torture, & the Struggle for its Abolition**. **Transnational Institute**, [s.i], 2013. Disponível em: <[https://www.tni.org/files/download/secretsliespropaganda\\_0.pdf](https://www.tni.org/files/download/secretsliespropaganda_0.pdf)>. Acesso em: 5 nov. 2018.

ROLLINS, John. **Al Qaeda and Affiliates: Historical Perspective, Global Presence, and Implications for U.S. Policy**. [s.i]: Congressional Research Service, 2011. Disponível em: <<https://fas.org/sgp/crs/terror/R41070.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.

SÁ, Katty Cristina Lima. Um breve histórico Al-Qaeda: Um breve histórico Al-Qaeda: de Exército Jihadista a Movimento Ideológico. **Boletim Historiar**, [s.i], v. 19, n. 1, p.84-101, jun. 2017. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/download/6702/5470>>. Acesso em: 25 set. 2018.

SANTOS, Rebeca da Silva R. dos. UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL DA FORMAÇÃO DA LEI ISLÂMICA. **Revista Filosofia do Direito e Intersubjetividade**, [s.i], v. 4, n. 1, p.1-20, 2014. Disponível em: <<https://www.univali.br/graduacao/direito-itajai/publicacoes/revista-filosofia-do-direito-e-intersubjetividade/edicoes/Lists/Artigos/Attachments/134/1-17-uma-analise-historico-cultural-da-formacao-da-lei-islamica.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SAWASAKI, Cindy Akemi; FORIGO, Marlus Vinicius. **Uma análise da guerra no Iraque com base nas ideias de Michel Foucault e Joseph Nye**. 2010. Disponível em: . Acesso em: 28 jun. 2018.

SHAIN, Russell E.. Hollywood's Cold War. **Journal Of Popular Film**, [s.l.], v. 3, n. 4, p.334-350, out. 1974. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00472719.1974.10661746>>. Acesso em: 28 out. 2018.

SHAHZAD, Syed Aleem. **Inside Al-Qaeda and the Taliban: Beyond Bin Laden and 9/11**. Londres: Palgrave Macmillan, 2011. Disponível em: <[http://ebooks.rahnuma.org/religion/1-Uncategorized/Inside\\_Al\\_Qaeda\\_and\\_the\\_Taliban\\_\\_Beyond\\_Bin\\_Laden\\_and\\_9\\_11.pdf](http://ebooks.rahnuma.org/religion/1-Uncategorized/Inside_Al_Qaeda_and_the_Taliban__Beyond_Bin_Laden_and_9_11.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2018.

SHARRET, Christopher. **Hollywood and the New Militarism**. 2001. Disponível em: <<https://www.questia.com/magazine/1G1-86062113/hollywood-and-the-new-militarism-reel-world>>. Acesso em: 25 out. 2018.

SEDA, Peter. **Islam Is: An introduction to Islam & its Principles**. [s.i]: 2002. Disponível em: <<https://www.islamreligion.com/ebooks/Islam-Is.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.

SILVA, Michelly Cristina da. **Cinema, propaganda e política: Hollywood e o Estado na construção de representações da União Soviética e do Comunismo em Missão em Moscou (1943) e Eu fui um comunista para o FBI (1951)**. 2013. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30012015-093628/pt-br.php>>. Acesso em: 28 out. 2018.

SINAI, Joshua. How to Define Terrorism. **Perspectives On Terrorism**, [s.i.], v. 2, n. 4, p.9-11, 2008. Disponível em: <<http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/33/67>>. Acesso em: 28 set. 2018.

STAHL, Ronit. **A Jewish America and a Protestant Civil Religion: Will Herberg, Robert Bellah, and Mid-Twentieth Century American Religion**. **Religions**, [s.l.], v. 6, n. 2, p.434-450, 13 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2077-1444/6/2/434/htm>>. Acesso em: 25 out. 2018.

SOUZA, Bruno Mendelski de. **A Morte de Osama Bin Laden e suas Implicações para o futuro da Al-Qaeda** 10.5102/uri.v9i2.1463. **Universitas: Relações Internacionais**, [s.l.], v. 9, n. 2, p.139-160, 18 nov. 2011. Centro de Ensino Unificado de Brasília. <http://dx.doi.org/10.5102/uri.v9i2.1463>.

TEIXEIRA, Carlos G. P. **O pensamento neoconservador em política externa nos estados unidos**. São Paulo: Editora UNESP, 2010. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/17449/1/Carlos%20Gustavo%20Poggio%20Teixeira.pdf>> Acesso em: 25 out. 2018

TEIXEIRA, Faustino. **O Pluralismo Religioso e a Ameaça Fundamentalista**. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 10, n. 12, p.09-24, 2010. Disponível em: <<https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/viewFile/804/675>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

TIBI, Bassam. **The Challenge of Fundamentalism: Political Islam and the New World Disorder**. Los Angeles: Barkley, 1998. Disponível em: <<http://intersci.ss.uci.edu/wiki/eBooks/Islam/Books/The%20Challenge%20of%20Fundamentalism%20Tibi.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.

UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. **Patterns of Global Terrorism**, 2004. Disponível em: <<https://www.state.gov/documents/organization/31912.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.

VAISSE, Justin. Why Neoconservatism Still Matters. **Foreign Policy**, Brookings, p.1-11, 2010. Disponível em: <[https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/05\\_neoconservatism\\_vaisse.pdf](https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/05_neoconservatism_vaisse.pdf)>. Acesso em: 25 set. 2018.

ZANELLA, Cristine K; NEVES, Edson J (org). **As Relações Internacionais e o Cinema, Volume 1: Espaços e Atores Transnacionais**. Fino Traço: Belo Horizonte, 2015.

WOODBERRY, J. Dudley. Contextualization Among Muslims Reusing Common Pillars. **International Journal Of Frontier Missions**. [s.i], p. 171-186. Out-Dez, 1996. Disponível em: <[http://contextualization.info/sites/www.contextualization.info/files/Woodberry\\_1996\\_IJFM\\_Reusing\\_Common\\_Pillars.pdf](http://contextualization.info/sites/www.contextualization.info/files/Woodberry_1996_IJFM_Reusing_Common_Pillars.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2018.

WRIGHT, Lawrence. **O VULTO DAS TORRES: A Al-Qaeda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

## FILMOGRAFIA

A CANÇÃO dos Acusados. Produção de Edward Buzzell. Estados Unidos: Metro-goldwyn-mayer, 1947. (86 min.), P&B.

A CORTINA de Ferro. Produção de William As Wellman. Estados Unidos: Twentieth Century Fox, 1948. (87 min.), P&B.

A ESTRELA do Norte. Direção de Lewis Milestone. Estados Unidos: Rko Radio Pictures, 1943. (108 min.), P&B.

A HORA Mais Escura. Direção de Kathryn Bigelow. Estados Unidos: Sony Pictures, 2012. (157 min.), P&B.

ALÔ, Amigos. Direção: Wilfred J., Jack K., Norman F., Hamilton L., Bill R. 1942. (42 min), son. color. Dublado. Disponível em: . Acesso em: 25 out. 2018.

AS TORRES Gêmeas. Direção de Oliver Stone. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2006. (125 min.), P&B.

A VERDADE da Mentira. Direção de James Cameron. Estados Unidos: Lightstorm Entertainment, 1994. (141 min.), P&B.

A VOLTA dos Bravos. Direção de Irwin Winkler. Estados Unidos: Metro-goldwyn-mayer, 2006. (106 min.), P&B.

EU Fui Comunista para o FBI. Direção de Gordon Douglas. Roteiro de Crane Wilbur. USA. Produzido por Bryan Foy. Distribuição Warner Bros. Pictures, Inc. 83 min, p&b, 1951.

GUERRA ao Terror. Direção de Kathryn Bigelow. Estados Unidos: Voltage Pictures, 2009. (131 min.), P&B.

JOGOS do Poder. Direção de Mike Nichols. Estados Unidos: Relativity Media, 2008. P&B.

MISSÃO em Moscou. Direção de Michael Curtiz. Roteiro de Howard Koch. USA. Produzido por Jack L. Warner. Distribuição Warner Bros. Pictures, Inc. 123 min, p&b, 1943.

NOVA Iorque Sitiada. Direção de Edward Zwick. Estados Unidos, 1998. (116 min.), P&B.

O HOMEM Mais Procurado do Mundo. Direção de John Stockwell. Estados Unidos: Voltage Pictures, 2012. (90 min.), P&B.

REINE Sobre Mim. Direção de Mike Binder. Estados Unidos: Relativity Media, 2007. (124 min.), P&B.

SYRIANA - A indústria do Petróleo. Direção de Stephen Gaghan. Estados Unidos: Participant Media, 2005. (128 min.), P&B.

TÃO Forte e Tão Perto. Direção de Stephen Daldry. Estados Unidos: Scott Rudin Productions, 2011. (129 min.), P&B.

UNITED 93. Direção de Paul Greengrass. Estados Unidos: Studiocanal, 2006. (152 min.), P&B.